

# REVISTA MODERNA



Nº 27 \* JANEIRO \* 1899

ANNO III

## Summario

- O DUQUE DE CAXIAS. . . . DOMICIO DA GAMA.  
DOBBS, *Conto americano*. . . . BRET-HARTE.  
O JUBILEO DE FRANCISCO JOSÉ. . . . M. BOTELHO.  
A ILHA DE CRETA. . . . XAVIER DE CARVALHO.  
FAKIRS. . . . THOMAS SWEET  
VIANNA DA MOTTA. . . . XAVIER DE CARVALHO.  
AS MILLIONARIAS AMERICANAS. . . . L. DE NORVINS.  
OS TRES MARIDOS D'ADELINA PATTI. . . . MARCUS.  
A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES. . . EÇA DE QUEIROZ  
NOTICIARIO ILLUSTRADO. . . REPORTER  
SPORT  
(*A Lucta Romana*) . . . S. MARCELLO  
4 HISTORIAS COMICAS

Este numero contem

90 ILLUSTRações

E UM HORS-TEXTE A CÔRES



O MARECHAL DUQUE DE CAXIAS

Segundo um retrato a oleo executado em 1862, quando o então Marquez de Caxias era pela segunda vez Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Guerra.

# Revista Moderna

MAGAZINE  
LITTERARIO  
E ARTISTICO

**ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA**

CORREIO  
DE  
ACTUALIDADES

Director : M. BOJELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELLHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL  
E ILLUSTRACÃO ARTISTICA  
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

**BRAZIL**

**FRANÇA**

**PORTUGAL**

e outros paizes da União Postal

Um anno . . . . .	50\$000	Um anno . . . . .	40 francos	Um anno . . . . .	12\$000
6 mezes. . . . .	30\$000	6 mezes . . . . .	24 »	6 mezes. . . . .	6\$000
Numero avulso . . . .	5\$000	Numero avulso . . . .	4 »	Numero avulso . . . .	1\$000

**A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS :**

### AGENCIAS NO BRASIL

<b>Rio de Janeiro</b> . . . . .	A. LAVIGNASSE FILHO E C <sup>ia</sup> , Rua dos Ourives, nº 7.	<b>Taubaté</b> . . . . .	V. COELHO DE CARVALHO.
<b>Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande</b> . . . . .	CARLOS PINTO E C <sup>ia</sup> .	<b>Juiz de Fora e Minas- Geraes</b> . . . . .	CAPITÃO AVELINO LISBÔA.
<b>São Paulo</b> . . . . .	CH. HILDEBRAND E C <sup>ia</sup> , CASA GARRAUX.	<b>Pernambuco</b> . . . . .	LIVRARIA CONTEMPORANEA. LIVRARIA DO NORTE, Rua 15 Novembro.
<b>Santos</b> . . . . .	F. MATTOS E C <sup>ia</sup> , Rua 15 de Novembro.	<b>Ceará</b> . . . . .	J. J. DE OLIVEIRA E C <sup>ia</sup> .
<b>Campinas</b> . . . . .	LIVRARIA ALFREDO GENOUX	<b>Pará</b> . . . . .	J. B. DOS SANTOS E C <sup>ia</sup> .
		<b>Bahia</b> . . . . .	CATILINA E C <sup>ia</sup> .

*A REVISTA MODERNA acha-se á venda em todas as livrarias de Brazil e Portugal*

**EM PARIZ** — para as assignaturas e venda avulsa dirigir-se  
directamente ao escriptorio da Revista, 48, rue Delaborde

**AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS**

*A REVISTA MODERNA* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

*A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.*

Janeiro de 1899

## ASSIGNATURAS

## BRAZIL

Anno . . . . .	50\$000
6 mezes . . . . .	30\$000
Numero avulso . . . . .	5\$000

## UNIÃO POSTAL

Anno . . . . .	40 francs
6 mezes . . . . .	24 —
Numero avulso . . . . .	4 —

## PORTUGAL

Anno . . . . .	12\$000
6 mezes . . . . .	6\$000
Numero avulso . . . . .	1\$000

## REVISTA MODERNA

Lamentando a falta de espaço que nos impossibilita completamente de transcrever nas columnas d'este expediente os numerosos e tão encomiasticos artigos que a *Imprensa Brasileira e Portuguesa* dedicou e continua a dedicar a nossa publicação, saudando o seu segundo anno de existencia, fazemos esta publica declaração como um sincero testemunho da nossa gratidão a todos os distinctos collegas de Portugal e Brazil. Nos é sobremodo honroso e lisonjeiro o julgamento unanime e imparcial do publico d'esses dous países dignamente interpretado pela imprensa, que tem classificado o nosso trabalho como a primeira publicação litteraria e artistica que se tem feito em lingua portugueza.

Esta é também a opinião dos Jornalistas, Escriptores e Artistas europeus que cheios de ingenuidade, admiram-se que se possa fazer semelhante trabalho, destinado a países que parecem segundo elles ignorar o A, B, C, da arte.

Mas a « *Revista Moderna* » publicação essencialmente brasileira é e continuará a ser um protesto solenne de um tal modo de pensar, somente desculpavel pela ignorancia e pouco conhecimento dos estrangeiros em geral, sobre as cousas do Brazil e Portugal.

E será também para nós uma justa recompensa de tantos esforços essa admiravel e espontanea manifestação, ainda mais valiosa, quanto a nossa empresa, modesta mas independente, trabalhou sempre n'um continuo isolamento dos partidos e das coteries,

M. BOTELHO.

## O PRESENTE NUMERO

Na ligeira recapitulação que fazemos do summario do presente numero, chamamos a attenção dos nossos leitores para o bem acabado artigo do nosso distincto e dedicado collaborador Domicio da Gama.

Agradecemos sinceramente ao tão estimado escriptor brasileiro o valioso auxilio do seu bello talento na manifestação que fazemos ao heroico soldado Duque de Caxias.

Pelo seu lado a *Revista Moderna* esforçou-se o mais possivel em aperfeiçoar o lado artistico d'essa commemoração nacional acompanhando o artigo biographico sobre o grande Marechal Brasileiro, de uma serie de illustrações inéditas d'entre as quaes sobresaem tres magnificas gravuras a côres, cujo valor e interesse o publico saberá avaliar. Mencionamos ainda ao lado da pittoresca Creta de Xavier de Carvalho, o interessante retrato que

o mesmo escriptor faz sobre Vianna da Motta, o grande pianista portuguez, que tantos applausos tem provocado na Europa e America. *Dobbs* conto original de Breth Hart; os *Fakirs* por Thomas Sewet; *Millionarias Americanas* por L. de Norvins, os tres maridos da Patti, por Marcus; *Jubileo de Francisco José*, por M. Botelho. As *Luctas Romanas* por S. Marcello e o *Noticiario Illustrado*, de Reporter.

Continuamos sempre a *Illustre Casa de Ramires*, a chave de ouro dos nossos summarios e cujo ultimo e sensacional capitulo apparecerá no proximo numero de Fevereiro.

Mas o fim da grande obra da qual a *Revista Moderna* teve o primor da publicação, não significa de modo algum o desaparecimento do nosso grande collaborador. O nome admirado e querido de Eça de Queiroz continuará como no passado a assignar chronicas e contos, cujo brilhantismo e perfeição ideal eram e serão aclamados com unanime applauso nos dous países irmãos.

## O NUMERO DE FEVEREIRO

Agradavel prazer é o nosso de consagrar o proximo numero da *Revista* á immortal e fulgurante individualidade litteraria de Almeida Garret, cujo centenario vai ser brilhantemente commemorado em Portugal e no Brazil. Na parte que a *Revista Moderna* pretende tomar n'essa tão digna manifestação, será valiosamente coadjuvada por uma serie de festejados escriptores brasileiros e portuguezes. Aos amigos de Portugal que quiserem nos honrar com a remessa de documentos ineditos e interessantes sobre a vida do grande poeta, com muito praser daremos publicidade, somente pedindo toda a urgencia na expedição dos mesmos.

Publicaremos também n'esse mesmo numero, um bello artigo do nosso distincto critico d'arte, Domicio da Gama, sobre o pintor brasileiro Belmiro d'Almeida, trabalho que será acompanhado de gravuras originaes, sobresaendo d'entre ellas a reproducção inédita do grande quadro que o mesmo artista acaba de terminar, intitulado *Os descobridores*.

## BRAZILEIROS

E

## PORTUGUEZES EM PARIS

**Eça de Queiroz.** Partio para Portugal, onde vai demorar-se duas a tres semanas, o nosso distincto amigo e grande escriptor Eça de Queiroz. Sabemos que a viagem do brilhante romancista apressará o ap-

parecimento em volume do bello romance que publicamos *A Illustre Casa de Ramires*, editado pela importante casa de Lello e Irmãos, do Porto. Desejamos ao nosso eminente collaborador uma agradavel viagem e bem prompto regresso.

**Matrimonio.** Com praser noticiamos a celebração do casamento de M<sup>lle</sup> Maria Luiza de Ypanema Moreira com o Senr. Robyns de Schneideraüter, vice-consul da Belgica em Haukéou, cuja cerimonia, realisou-se na igreja de Passy. A noiva pertence á distincta familia brasileira Ypanema Moreira e é irmã do nosso particular amigo Alberto de Y. Moreira, addido á legação brasileira em Paris.

Apoz o casamento, um bem servido *lunch* reunio nos salões da residencia da familia da noiva um grande numero de amigos e convidados para com os quaes a gentileza da dona da casa não teve limites. Apresentamos as nossas mais sinceras felicitações aos recém-casados e ás suas dignas familias.

**D<sup>r</sup> Luiz de Lima e Silva.** — Telegrammas do Rio-de-Janeiro dão-nos a grata noticia da nomeação do D<sup>r</sup> Luiz de Lima e Silva como secretario da Legação Brasileira em Madrid.

Felicitemos o Ministerio dos Estrangeiros do Brasil por essa acertada e justa escolha e oxalá a nomeação de rapases brasileiros com destino á diplomacia e especialmente na Europa fosse sempre justificada por um titular que pelas condições de familia, educação e habitos de sociedade apresentasse as mesmas garantias do actual secretario que acaba de ser nomeado para Madrid.

E' esse um capitulo bem delicado e sobre o qual muito teriamos a discorrer se não fora o completo isolamento da *Revista Moderna* nas questões que directa ou indirectamente interessam a politica.

Limitamos portanto a registrar a agradavel noticia enviando ao D<sup>r</sup> Lima e Silva as nossas felicitações.

**D<sup>r</sup> Martinho Prado.** Em companhia da Ex<sup>ma</sup> familia, chegou ultimamente a esta capital o importante agricultor paulista D<sup>r</sup> Martinho da Silva Prado; cumprimos a S. S.

**Visconde de Desterro.** — O bem informado « *le Brésil* » noticia o fallecimento do consul geral do Brazil em Genebra o Snr. Visconde de Desterro, que na sua longa carreira prestou sempre ao seu paiz importantes e meritorios serviços.

O funcionario brasileiro falleceu mesmo em Genebra, na propria sede do Consulado.

**Caio Prado.** Com praser cumprimos este particular amigo que em companhia da sua Ex<sup>ma</sup> Senhora, acha-se em Paris, depois de algumas semanas.

## O CENTENARIO

## DE GARRETT EM PARIS

Graças a iniciativa do nosso amigo e assiduo collaborador da *Revista Moderna*, Xavier de Carvalho, realisou-se em Paris a festa do centenario do grande escriptor dramatico, romancista, poeta e diplomata, o Visconde d'Almeida Garrett. Esta *soirée* litteraria e artistica teve logar no vastosala da Sociedade de Geographia de Paris, com a assistencia de muitas notabilidades litterarias de Paris, discursando e recitando poesias todos os escriptores francezes que se occupam da litteratura de lingua portugueza — isto é, da litteratura do Brazil e Portugal.

No nosso proximo numero fallaremos detidamente d'esta festa — que foi uma das mais brilhantes que portuguezes e brasileiros têm realisado em Paris.

A celebração do centenario de Garrett foi uma ideia lançada ha annos pelo distincto poeta lyrico Joaquim d'Araujo, consul de Portugal, em Genova e socio correspondente da Academia Real das sciencias.

Em Lisboa foi o sabio Theophilo Braga quem organisou todas as festas a que se associaram os estudantes da Universidade de Coimbra e das Academias, Escolas superiores e Lyceus do resto do paiz.

A commissão que em Paris auxiliou Xavier de Carvalho na festa de Garrett era composta dos Srs. Bartholomeu Ferreira, 1<sup>o</sup> secretario da legação de Portugal, Dr. João Cisneiros Ferreira, Francisco de Lacerda José de Figueiredo, e Silva Lisboa.

## RECEBEMOS

**Contos Ephemeros** — por Arthur Azevedo 2<sup>a</sup> edição — H. Garnier editor.

Não é necessario já hoje fallar de Arthur Azevedo. O seu nome rapidamente se tornou familiar aos que cultivam as lettras brasileiras. O livro que agora temos sobre a mesa, affirmação nova de um litterato muito pessoal e muito superior, mereceria uma longa critica bibliographica que não caberia n'esta modesta secção de noticias. E' natural que no corpo da nossa *Revista* alguem de autoridade, analyse e louve a obra de Arthur de Azevedo o que não obsta, a que, annunciando o livro — edição cuidada do excellente editor Garnier — desde já recomendemos aos nossos leitores esta serie de contos vividos, alegres, espirotuosos e interessantes.

**Lôla** (Romance) — por Arthur Romero. — São Paulo — Do Sr. Arthur Romero recebemos um exemplar d'este livro que agradecemos e vamos ler.

**Fel** por José Duro — Libanio & Cunha editores — Lisboa — Livro de versos, amargo como o titulo; por vezes inspirado e sincero, aqui e alem philosophico, sempre melancholico e desenganado como alguém que da vida só contasse as lagrimas a dôr e o desalento. — Parece porém que o livro é a inspiração doentia de um periodo morbido que o autor confessa nas ultimas estrophes e que decerto já passou, sob esse sol esplendido de Portugal, sol de ouro e de alegria n'um ceu azul de eterna e imperiosa esperança. Do livro destacamos entre outros os seguintes versos :

## CÔRES

Vermelho de papoila — o raio que ensanguenta  
A mascara d'um ceu nevrotico, de furia,  
Os risos de Satan, os uivos da Tormenta  
E os beijos da Mulher nascidos da luxuria...

Rôxo — o vinho que bebo, quando me appeteece  
Cair na suggestão provavel d'outras vidas...  
O sangue de Jesus, manando-lhe das feridas,  
E a miseravel dôr que tanto me entristece...

Azul o ceu aberto onde voejam todas  
As almas virginaes... azul — o meu Desejo...  
E ha de ser azul o véu das tuas bôdas,  
Como é tambem azul o sonho em que eu te vejo...

O verde — a Podridão, as sêdas da floresta,  
A carne putrefacta, as larvas inconscientes,  
A tremula agonia exhausta dos Poentes,  
O brilho da esmeralda e a esp'rança que nos  
[resta...

Violeta — e é tanta a graça e a candura é tanta,  
que ainda que não houvesse a côr da violeta,  
Iria adivinha-la, ó casta Julieta,  
Na luz espirital do teu olhar de Santa!

O amarello — a Raiva, a Decepção, o Tedio,  
O riso do meu labio, a côr do morto inerte,  
O goivo entristecido, a Angustia sem remedio,  
A macilenta Fome e o gargalhar do Verme...

Cinzento — e gosto d'esta côr porque me enerva ;  
As cinzas fazem tudo igual a tudo o mais...  
E é sob a cinza que adormece e se conserva  
A raiva d'este amor que vós abendiçoes...

Negro — o lucto, a viuvez, a côr da treva bruta,  
A noite do remorso, o ventre d'uma valla...  
E é na escuridão que se ouve mais a fala...  
Quanto menos se vê muito melhor se escuta.

.....  
E, sem saber porque desconhecidas normas,  
Na vaga symphonia hysterica das côres,  
Descubro no que é branco a languidez das fórmas  
E vejo no que é rosa a morte dos amores!...

**Flocos de Neve** por Aurea Pires — Juiz de Fora. Aurea Pires, cujo nome é cheio de graça e cujo retrato envolto na ampla e farta cabelleira que naturalmente protege uma bella e sonhadora cabeça de poetisa, envia-nos um livro de sentidos versos sobre es quaes, com muita justiça, escreve no

preacio a distincta escriptora Ignez Sabina :

Os verdadeiros poetas são simples.  
Neste caso, acha-se a talentosa poetisa Aurea Pires, que, pode-se dizer, conversa com as Muzas desde criança.

Os seus versos são coloridos, imaginosos, inspirados, sentidos de onde se conclue que, entusiasmada pelo que é grande e nobre, su'alma encontra no que lhe dita a natureza grande linitivo, por tanto, não aprisiona o pensamento. Acho nas suas produções, a delicadeza subjectiva que tanto distinguiu a Luiz Guimarães, a cuja memoria ella dedica um soneto.

Entre ambos, existe uma certa afinidade superior nesse lyrismo inimitavel que tanto o celebrou e que a celebrará, estou certa disso.

Além de que, é uma trabalhadora; o que escreve, agrada e cala no espirito de quem a lê, o que raramente succede, mesmo entre grandes authores.

O seu volume revela muito talento e tendencia a apresentar trabalhos de maior folego, quando a idade e o estudo derem-lhe o vôo das grandes concepções litterarias e phylosophicas que lhe faltam, por ser muito pequeno o centro em que vive, mas, por isso mesmo, que o seu livro é muito feminino. é que eu encontro nelle a maior valia, posto que não polluem ahi effervescencias insoffridas, palavras com petulantes, ironias, saltitantes adjectivos para effeito: nada disso.

Ella é a singela cantora da orchestra sertaneja, emprestando ás suas produções a symphonia exacta do que a cerca, n'essa fórma fluida, despida de ornatos magestosos, n'uma textura de facil comprehensão, exemplo :

«Da noite a escuridão lá vem manchando o es-  
[paço  
E' a hora da saudade e da melancolia  
E' tudo silencioso!... e esta monotonia,  
D'horas crepuscular convida o pensamento,  
A medir desde a terra ao vasto firmamento,  
A grandeza de Deus!... »

Publicando estas bellezas, já dá a entender quão risonho será o progresso da sua mentalidade se como operaria do sentimento tornar-se em architecta da Razão, alargando o seu espirito com a força da vontade e o apoio do publico que lhe abrirá os braços agora e mais para adiante, ao seu poema : — INDIANA.

O seu livro virá despertar o desanimo actual da gente que não lê.

Se isso conseguir, não será um triumpho para as Bellas Lettras?

Em festa, pois, o Parnaso brasileiro, para receber a mais jovem das poetisas entre nós . . .

**Adamastor** pello D<sup>r</sup> Brasilio Machado-Typ. da Casa Garraux — São Paulo — Recebemos e agradecemos este discurso do notavel escriptor e poeta brasileiro Brasilio Machado proferido a 6 de Dezembro de 1898 no Real Club Gymnastico Portuguez, de S. Paulo, em homenagem, ao commandante e officiaes do cruador portuguez «Adamastor» e a convite da Grande Commissão de Festejos por occasião da visita daquelles marinheiros á capital do Estado de S. Paulo.

O folheto é acompanhado de um bello retrato do erudito brasileiro.

**Revista Portugueza Colonial e Maritima.** Já temos sobre a

meza a fasciculo nº 16, correspondente a 20 de Janeiro e cujo sumario é o seguinte.

Portugal e a França — par Joseph Joubert.

Agricultura Colonial (continuação) — por Julio Henriques.

A America d'amanhã e o parentesco de raça — por Francisco Mystério.

Cousas portuguezas e cousas d'Africa — por D C.

Nyassa Portuguez (continuação) — por V. Almeida d'Eça.

Novo instrumento para medir os momentos magneticos das agulhas — por Ramos da Costa.

Notas Navaes — por E. de V.

Revista Ultramarina — por Tito de Carvalho.

Publicações Recebidas.

Informações Commerciaes — Generos vindos d'Africa para o mercado de Lisboa. Cambios e generos coloniaes.

**Revue du Brésil**, Paris. — Regularmente recebemos a visita d'este nosso collega que pelos seus numerosos artigos em varias linguas e pelas bellas gravuras representando aspectos e coisas do Brazil desperta sempre o maior interesse.

**A Moda Elegante** — Directores Proprietarios — Guillard-Aillaud & C<sup>o</sup> — Paris — D'este esplendido jornal de modas temos recebido com regularidade todos os numeros semanaes, com muitas gravuras, algumas a côres, moldes, hors-texte, etc. — A's nossas leitoras recommendamos particularmente esta interessante e util publicação que certamente já conhecem e apreciam.

**Gabinete dos Reporters** — Recebemos os numeros 85 e 86. O primeiro traz o retrato de Annibal d'Azevedo e o segundo a photographia de Dr. Esteves Lisboa. A notar tambem n'este numero um magnifico soneto inédito de João Penha.

**La Presse Internationale.** — Revue Bi-mensuelle illustrée, Paris. — Este nosso novo collega que se intitula *Orgão das Associações e Clubs da Imprensa*, vem certamente preencher uma lacuna, porque a imprensa sendo hoje a maior força universal não dispõe ainda, de orgãos especiaes que a representem e sirvam os interesses dos jornalistas de todos os paizes.

**Revista Brasileira.** — Fasciculo 84. — Eis o summario :

Uma Escola Primaria : Alberto de Oliveira. Academia Baazileira : Recepção do Sr. João Ribeiro — Discursos dos Srs. João Ribeiro e José Verissimo. — Os Mythos Voltam — Versos : Eduardo Ramos — George Marcial (Continuação) : Virgilio Varzea. — Curiosidades bibliographicas : Oliveira Lima. — Pégada : J. J. Oliveira Fonseca. — A Minha Formação (Continuação) : Joaquim Nabuco. — Bibliographia — Fragmentos de um poema : José Verissimo. — Indice do tomo XVI.

**Le Brésil** — *Courrier de l'Amérique du Sud*. Paris. — Continuamos a receber com a maior regularidade os numeros hebdomadarios d'este nosso estimado collega, que conta já dezenove annos de existencia e que é por excellencia o informador official, na Europa, de tudo que diz respeito ao nosso paiz. A sua imparcialidade e o valor de seus artigos, têm-lhe merecido um successo cada vez mais consideravel e pelo qual muito o felicitamos.

**Revue illustrée.** — Publicação quinzenal. Ludovic Baschet, éditeur. Paris. — No fasciculo de 15 de Janeiro notamos um bellissimo conto de Camille Lemonier, duas canções de Jerome Doucet, o retrato do cantor Lucien Fugère, etc.

Continuamos a receber com a maxima regularidade os seguintes jornaes. *Diario Popular*, *Tribuna Italiana*, *Fanulla*, *Germania*, *O Rebate*, de tão Paulo; *O Reformador* de Rio de Janeiro; *A Verdade e A Republica do Ceará*; *Correio Mercantil* de Pelotas; *Quinze de Novembro* de Sorocaba; *Jornal do Commercio* de Juiz de Fora; etc, etc. Recebemos tambem.

**A questão do Arrendamento** da Estrada de Ferro de Baturité por Alcides Montano Fortaleza.

**O Instituto Civico-Juridico.** — Artigos publicados n' « A Provincia do Pará » pelo B<sup>o</sup> Virgilio Cardoso de Oliveira e mandados colleccionar pela *Intendencia Municipal de Belem* para serem, conjunctamente com a lei n. 201 creadora do mesmo Instituto, distribuidos ao povo. — Pará 1898.

**Regulamento do Instituto civico-juridico Paes de Carvalho.** Para, 1898.

A Direecção da REVISTA MODERNA declara aos seus Agentes em particualar e ao Publico em geral que desde 15 de Janeiro ultimo deixou de fazer parte da nossa Administracão o Snr. Edgard Godefroy, ficando pois extinetos, a contar dessa data, todos os poderes conferidos ao mesmo senhor, como Administrador e Representante da nossa Publicação.



O MARECHAL DUQUE DE CAXIAS

Segundo um retrato a óleo executado em 1862, quando o então Marquez de Caxias era pela segunda vez Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Guerra.

*Revista Moderna.*



## O DUQUE DE CAXIAS

**L**UIZ Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, Senador do Imperio e Marechal do Exercito Brasileiro, nasceu a 25 de Agosto de 1803 na Estrella (Estado do Rio de Janeiro), e falleceu a 7 de Maio de 1880 em Santa Monica, no mesmo Estado.

Pertencia a uma illustre familia militar, abundante em geraes. Seu pae, que era o general Francisco de Lima e Silva, Barão da Barra Grande, e filho de general, commandava em 1824 as tropas que tomaram a cidade do Recife e destruíram a Confederação do Equador; depois da abdicación de Pedro I foi, desde 1831 a 1835, um dos Regentes do Imperio; durante oito annos teve assento no Senado ao mesmo tempo que o filho, facto que nunca mais se repetiu. Um irmão de Caxias, o coronel José Joaquim de Lima e Silva, Conde de Tocantins, servio nas campanhas da Independencia e de Montevideo, e teve parte brilhante e decisiva na batalha de Santa Luzia em 1842. Dos seus tios: o general José Joaquim de Lima e Silva, Visconde de Magé, durante a guerra da Independencia commandou o exercito brasileiro que sitiou a cidade da Bahia, até que a 2 de Julho de 1823 ponde fazer a sua entrada n'essa cidade; o general Manoel da Fonseca Lima e Silva, Barão de Suruhy, foi commandante do celebre Batalhão do Imperador nas linhas de Montevideo; e o general Luiz Manoel de Lima e Silva se distinguiu nas campanhas do Rio Grande do Sul desde 1826 até 1845.

Em todas as campanhas do Imperio apparecem com brilho e pagam o seu tributo de sangue os Lima e Silva. Ainda na guerra do Paraguay dois officiaes d'esse nome foram mortos em combate: o tenente Carlos Miguel de Lima e Silva no combate da Confluen-

cia, a 16 de Abril de 1866, e o tenente-coronel Francisco de Lima e Silva, commandante do 9º de infantaria, na batalha de Avahy, a 11 de Dezembro de 1868.

E, como se fosse preciso ajuntar ao lustre d'essa casa historica, o casamento do avô de Caxias com uma Fonseca Costa associou

aos Lima e Silva a nobre e antiga familia fluminense d'onde sahio o Marechal Marquez da Gavea e o Marechal João de Souza da Fonseca Costa, Visconde da Penha, que foi chefe do estado-maior de Caxias durante a guerra do Paraguay.

Bem nascido e rodeado, o que devia ser o unico Duque brasileiro ainda aproveitou os privilegios que por esse nascimento lhe conferia a monarchia absoluta. Assentaram-lhe praça de cadete no 1º de infantaria de linha, regimento do avô, aos cinco annos de idade e o Principe Regente concedeu que se lhe contasse antiguidade desde aquelle dia, 22 de Novembro de 1808. Acompanhando-o a mesma graça, dez annos depois era alferes.

Da Real Academia Militar sahio com o posto de tenente para ir servir como ajudante no Batalhão do Imperador, distinguindo-se por actos de bravura na campanha da Independencia na Bahia,

contra as tropas do general Madeira, em 1823. De lá voltou capitão, condecorado com a ordem do Cruzeiro, recentemente creada e indicado para a medalha commemorativa d'essa guerra.

Na campanha da Cisplatina, de 1825 a 1828, ganhou, em Montevideo, por brilhantes e audazes sortidas, o posto de major e a commenda da ordem de S. Bento de Aviz que o Rei de Portugal concedera ao seu avô por tres vidas. O joven major mostrou, pela sua bravura e intelligencia, que merecia a cruz de honra que lhe



O MARECHAL DUQUE DE CAXIAS

Segundo um retrato a oleo executado em 1862, quando o então Marquez de Caxias era pela segunda vez Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Guerra.

ia caber por herança, e, premiando o soldado da Independência, o Imperador do Brazil pagou antes do vencimento a dívida do Rei de Portugal.

De volta ao Rio de Janeiro, em 1829, deram-lhe a commenda da Rosa e o segundo commando do Batalhão do Imperador. Ahi o colheu em 1831 a revolução de 7 de Abril. Caxias esteve até o último momento ao lado do Imperador, e offereceu-se até para acompanhá-lo ao interior onde deveria ser organizada a resistência. Foi preciso ordem expressa de D. Pedro I a Caxias e aos officiaes que o rodeavam de que se fossem reunir ao povo e aos companheiros revoltados, para que o 7 de Abril não fosse uma revolução talvez afogada em san-

gue, como as anteriores. Entretanto, na embriaguez da revolução triumphante, alastrou-se a indisciplina pelo exemplo dos chefes através das tropas de guarnição na capital, e a população pacifica correu o risco da desordem e do saque. Acudiu então o civismo d'aquelles que tinham a responsabilidade da ordem publica e os officiaes da guarnição se reuniram em batalhão patriótico para policiarem a parte commercial da cidade, principalmente ameaçada pela rapina dos desordeiros e da soldadesca insubordinada.

O batalhão de officiaes em numero de quatrocentos, entre os quaes se contavam coroneis e brigadeiros, passou a fazer o serviço de guarnição, patrulhando as ruas, reprimindo desordens, ajudando o Governo a dissolver os corpos indisciplinados. O major Luiz Alves de Lima e Silva foi escolhido por seus camaradas para

uma defesa contra os excessos da força militar. Foi bem posta no filho do Regente Lima e Silva a confiança do Governo. A' testa d'esse corpo dissipou o joven commandante os receios que ainda existiam sobre as alterações da ordem publica e abafou duas sedições militares. No Campo da Acclamação, a 3 de Abril de 1832, debandou os revoltosos, tomando-lhes uma peça de artilharia, e

em Mataporcos, a 17 do mesmo mez, aprisionou a maior parte dos insurgidos e se apoderou de duas peças que ainda tinham.

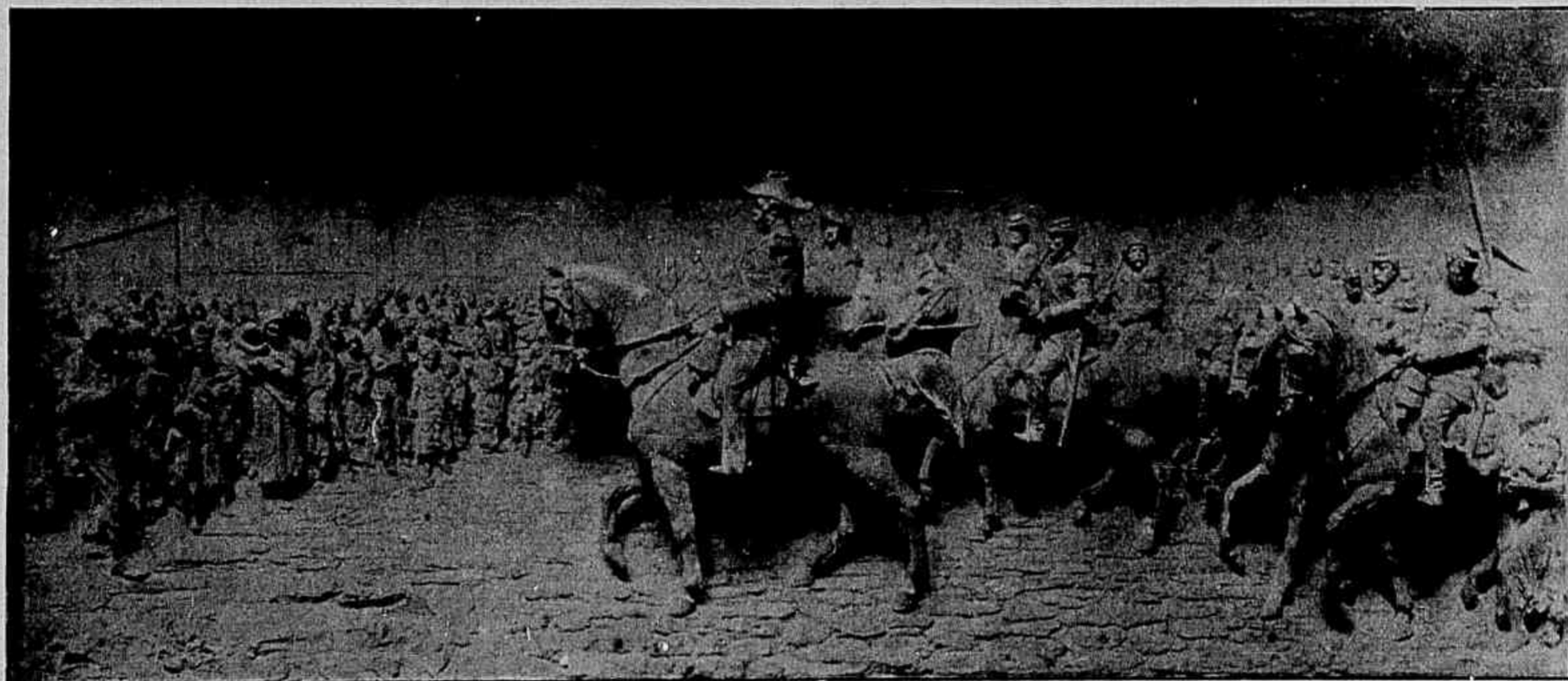
Foi por esse tempo (6 de Janeiro de 1833) o casamento do defensor da legalidade com D. Anna Luiza Carneiro Vianna, filho do conselheiro Paulo Fernandes Vianna, Conde de S. Simão, intendente de policia no

tempo de D. João VI. De todos os bens gozados na sua longa e gloriosa existencia foi esse o que lhe encheu o coração, que lhe completou a felicidade, se a não formou de todo. Faz d'isso fé um trecho de carta do já velho Duque de Caxias annunciando a um amigo a morte da mulher: « Perdi o maior bem que n'este mundo gozava, a minha virtuosa companheira de quarenta e um annos, no dia 23 de Março de 1874 ».

Em 1837 o tenente-coronel Lima e Silva acompanhou o Ministro da Guerra Sebastião do Rego Barros ao Rio Grande do Sul, onde a guerra civil augmentara de gravidade com a defecção do commandante das armas Bento Manoel. Mas como se prolongasse com desiguaes successos essa ingrata luta contra irmãos e fossem reclamados com mais urgencia os seus serviços no Norte, onde reben-



Medalha destinada a commemorar a Inauguração da Estatua do Duque de Caxias. Trabalho de Girardet, Professor de gravura de medalhas na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro. Execução do celebre gravador promar Paulin Tasset.



Um dos baixos relevos de R. Bernardelli no pedestal da Estatua do Duque de Caxias.

segundo commandante e coube-lhe em taes condições dar ordens a muitos officiaes mais antigos e de mais elevada patente no exercito. O Batalhão de Officiaes só foi dissolvido em 1833.

Já a elle não pertencia o major Lima e Silva, a quem fora confiada pelo ministro da justiça, Diogo Antonio Feijó, a organização do corpo de Municipaes Permanentes, força policial e civil destinada a garantir a segurança individual e a prestar ao Governo

tara no Maranhão a revolta de Raymundo Gomes, foi Lima e Silva promovido a coronel (2 de Dezembro de 1839) e nomeado Presidente e Commandante das armas na provincia devastada pela guerra civil.

Ao militar ajuntou-se o politico conciliador e prudente. O exercito do restaurador da ordem no Maranhão chamou-se *Divisão pacificadora do Norte*, o que valia um programma. Foi ardua e

fatigante empreza essa de lutar com forças reduzidas e descontentes contra um inimigo fugitivo, difficil de encontrar em massa, e refazendo-se em outro ponto á medida que era batido. Por falta de pagamento do soldo, sublevou-se em Junho a guarnição de Itapicuru-mirim, desarmando e prendendo os soldados aos officiaes, que todavia se evadiram. Foi preciso reprimir severamente o motim, com prejuizo do prestigio sobre os rebeldes atrevidos. Os tiroteios eram quasi diarios, as acções decisivas mais raras. Itapicuru, Pastos Bons, Miritiba, Brejo, Ribeira, Matão Grande, são os nomes principaes que se poderiam gravar no escudo especial da campanha pacificadora do Maranhão. O administrador esteve á altura do commandante das armas. Obras publicas, viação, agricultura, culto, levantamento de plantas, carta da Provincia, organização do correio e da policia, nada escapou á attenção do coronel-presidente. Ás promessas de amnistia e palavras de paz responderam os rebeldes depondo as armas em massa. E quando, de volta ao Rio de Janeiro, onde o nomearam brigadeiro e commandante das armas, lhe offereceram em 1841 um baronato, elle escolheu Caxias para o seu titulo. Caxias symbolizava para elle a revolução subjugada, pelas armas primeiro, pela persuasão finalmente, que alli se batalhara renhidamente e alli se aceitara a rendição de rebeldes em massa. Magalhães, depois Visconde de Araguaia, seu secretario na presidencia do Maranhão, escreveu a historia d'essa campanha.

Continuava a agitação revolucionaria nas provincias. A declaração da maioridade de D. Pedro II não bastou para acalmala. Chegou a vez de S. Paulo revoltar-se. Rebentou a insurreição em Sorocaba. O Marquez de Monte-Alegre, Presidente da Provincia, não tinha forças para lhe oppôr; corria antes o risco de ser deposto e aprisionado. Ao pacificador do Maranhão confiou, pois, o Governo a missão de ir restabelecer a ordem n'aquella parte do Imperio, e, com a nomeação de vice-presidente e o commando das armas, entregou-lhe quatrocentos homens, recrutados pela maior parte.

Antonio Carlos zombou d'esse mesquinho exercito, destinado a « combater homens da patria de Amador Bueno, a subjugar Paulistas. » Sob o commando do Barão de Caxias, esses quatrocentos soldados novos, reforçados pelos guardas-nacionaes e voluntarios paulistas, puderam dar conta da tarefa. A campanha rapida, com os dous recontros de Pinheiros, adeante da capital, e da Venda

Grande, proximo de Limeira, desmoralizando a insurreição, só durou dois mezes.

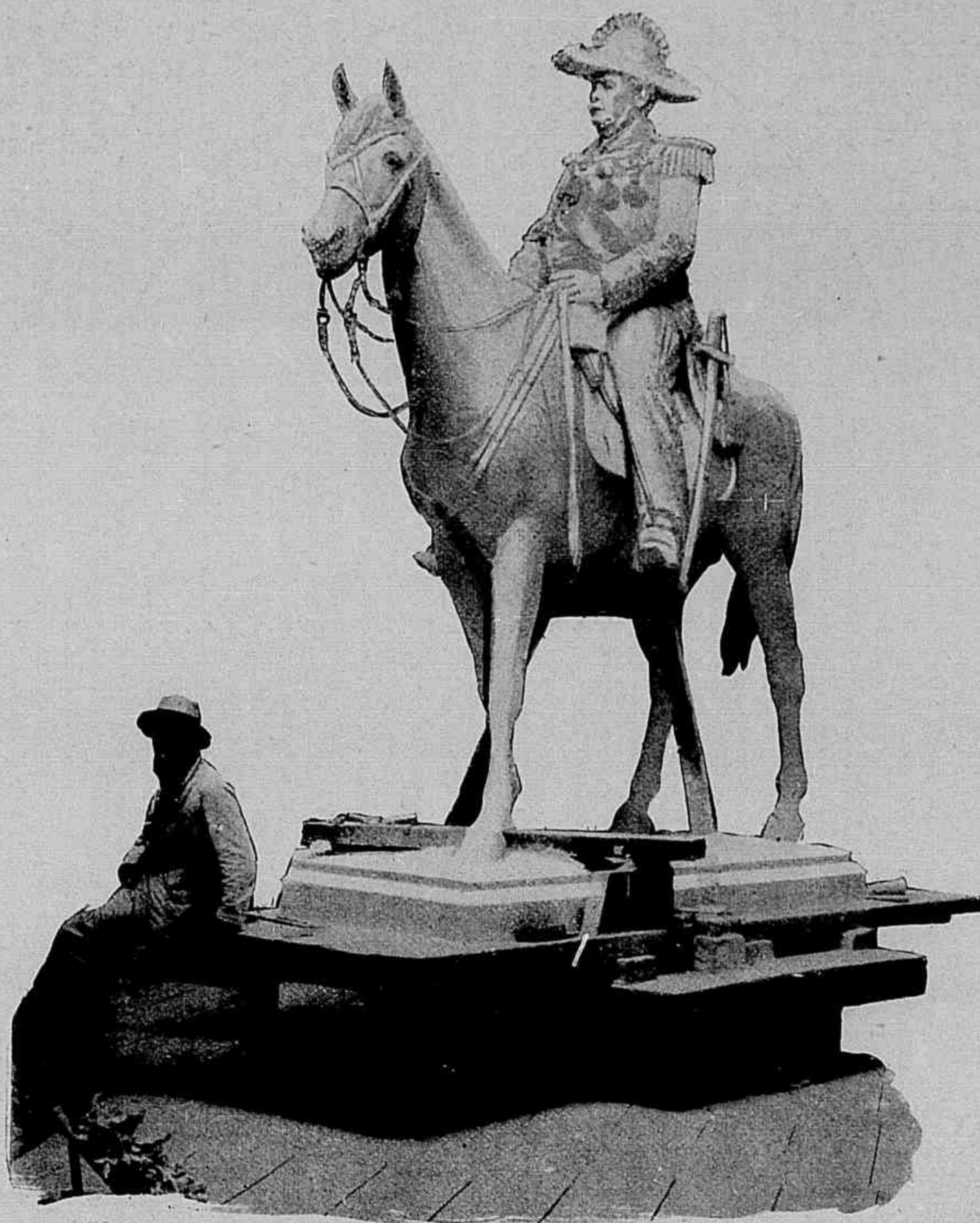
Ao mesmo tempo rebentava a revolução em Barbacena. A revolução liberal mineira, organizada e bem preparada, era mais séria que a paulista. O Governo nomeou o Barão de Caxias, ainda em operações em S. Paulo, commandante em chefe do exercito pacificador de Minas Geraes (Decreto de 10 de Julho de 1842).

Chegando ao Rio de Janeiro a 23 de Julho, o Barão de Caxias partia dois dias depois para Ouro-Preto, ponto objectivo das forças revolucionarias, que já se tinham apoderado de Queluz. Conseguindo chegar á capital mineira antes dos rebeldes, deu o primeiro

golpe na insurreição, que foi esmagada em batalha formal nos campos de Santa Luzia, a 20 de Agosto de 1842. Eram diminutas as forças de que dispunha Caxias, compostas pela maior parte de guardas nacionaes do Rio de Janeiro e Minas, e quatro vezes superiores em numero as do inimigo. A tactica e o valor venceram n'esse jornada o numero. Uma carga á baioneta commandada pelo general em chefe decidiu do successo. Mais tarde em Itororó, na ponte de Arcole paraguaya, o sexagenario general havia de lembrar-se da carga á baioneta de Santa-Luzia.

Vencida a insurreição e aprisionados os seus chefes mais notaveis (Theophilo Ottoni, Limpo de Abreu, Dias de Carvalho, conego Marinho e outros), o primeiro cuidado de

Caxias foi garantir-lhes a vida e impedir que a victoria legal se manchasse com actos de vinganças pessoaes. Não é preciso encarcerar a importancia que para a união politica brasileira e para a defesa da monarchia teve a suffocação da revolução mineira, vindo logo depois da paulista. As honras de marechal de campo graduado, attribuidas ao commandante em chefe das forças legaes, não foram certamente recompensa exagerada para os serviços que acabava de prestar o general de 39 annos. E logo o mandaram para os campos do Sul, a ennegrecer ao fumo dos combates as suas divisas novas, a ganhar mais bordados para as suas mangas já pesadas de ouro, mais titulos á gratidão dos seus compatriotas. Com effeito, os que só viram em Caxias uma espada afortunada e toda dedicada ao serviço da dynastia não consideraram de certo nem os resultados da pacificação das provincias revoltadas nem os meios de que se servia o pacificador. Nas campanhas em que tomou parte o grande capitão nunca vencido não interessam sómente as victorias, mas



A Estatua do Duque de Caxias segundo uma photographia do modelo em gesso no atelier de R. Bernardelli.

tambem a maneira de vencer. O Brazil não é nação militar; teve a fortuna de crescer entre vizinhas mais fracas, embora não pouco bellicosas. Mas quem sabe se a propria repressão das primeiras guerras civis não foi para ella a educação de paz e de concórdia, que lhe deu força e prestigio entre as irmans divididas e agitadas? E se assim foi, se o triumpho definitivo da legalidade aproveitou ao progresso da Patria Brasileira, dando aos seus filhos a paz e a união necessarias para os trabalhos fecundos da civilização, quem mais do que Caxias trabalhou para a grandeza da sua nação? Dissensões intestinas elle apaziguou com mão firme e prudente; inimigos externos elle combateu e venceu com igual fortuna e gloria para todos os Brasileiros congraçados.

A campanha do Rio Grande foi a mais longa das anteriores commissões militares de Caxias. Tendo tomado posse do cargo de Presidente e Commandante das Armas a 12 de Novembro de 1842, só no 1º de Março de 1845 poudo considerar-se pacificada a provincia rebellada desde 1835. E' que os dissidentes tinham chefes de valor, o prestigio de algumas victorias sobre as tropas do Governo, cavallada sufficiente para a guerra de guerrilhas, a que a tropa de linha immobilizada nas guarções não podia arriscar-se. Caxias adaptou a sua tactica ás condições especiaes do terreno das operações e ao modo de combater dos inimigos: por movimentos simulados, por contramarchas rapidas, apparecendo inesperadamente em pontos mais fracos ou enviando contra elles os brilhantes chefes da nossa cavallaria d'esse tempo, — o Barão de Jacuhy, Marquez de Souza (Conde de Porto-Alegre), João Propicio Menna Barreto, José Joaquim de Andrade Neves, — multiplicando ataque de modo que a má impressão do revés de um dia fosse modificada pela victoria do dia seguinte, fatigando e desmoralizando o inimigo surprezo, conseguiu elle razer perder aos insurgentes a confiança antiga do

*guasca* que vale *dez bahianos*. E com que elevado patriotismo, com que intelligencia do verdadeiro dever do vencedor em guerra civil, proseguiu o pacificador do Maranhão, de S. Paulo e de Minas a sua campanha de conciliação mais do que de repressão! Logo ao assumir o commando declarara aos chefes e officiaes do seu exercito: « Prisioneiros, quero vê-los; mortos, como os não vejo, não registro. » O effeito d'esta declaração foi diminuir a mortandade inutil nas perseguições. Depois, já na ultima phase da guerra, a sua resposta ao vigario de Bagé, que lhe perguntava para que horas ordenava o *Te Deum* em acção de graças pela victoria particularmente sanguinolenta de Porongos, merece ficar assignalada entre os discursos dos heroes de todos os tempos: « Não conto como trophéus desgraças de concidadãos meus. Guerreio dissidentes, mas sinto as suas desdítas, e choro pelas victimas como um pae por seus

filhos. Vá, Reverendo, vá! e em lugar de *Te Deum* celebre missa de defuntos, que eu, com o meu estado-maior e a tropa que na sua igreja couber, irei amanha ouvir-lh'a, por alma dos nossos irmãos illudidos que morreram em combate. »

Tal brandura de sentimentos revelada n'esses e em outros actos de mais minuciosa generosidade, como a distribuição de soccorros ás familias dos proprios dissidentes e a amnistia offerecida confiadamente aos que se rendiam, cooperou grandemente para apressar a pacificação. Imaginando que muitos dos insurgentes pelejassem por uma falsa noção do dever patriotico, appellou para o mesmo sentimento fazendo dizer aos principaes chefes

d'essa revolução separatista: « Lembrae-vos que a

poucos passos de vós está o natural inimigo

de todos nós, o inimigo de raça e de tradição.

Não pôde tardar que nos meçamos com os soldados de Rosas e de

Oribe; guardemos para então nossas espadas e nosso sangue.

Vêde que esse estrangeiro exulta com

esta triste guerra, com que

nós mesmos nos estamos en-

fraquecendo e destruindo.

Abracemo-nos e unamono-

nos, para marcharmos,

não peito a peito, mas

hombro a hombro, em

defesa da patria que é

nossa mãe commum. »

A exhortação patriotica

foi ouvida por muitos,

que logo desarmaram, e

se repercutiu na proclamação

de Canavarro em

Ponche Verde declaran-

do acabada a guerra, a

28 de Fevereiro de 1845:

« Um poder estranho ameaça

a integridade do Imperio

e tão estolida ousadia jamais

deixaria de ecoar em nossos

corações brasileiros. O Rio

Grande não será theatro de suas

iniquidades, e nós partilharemos a

gloria de sacrificar os resentimentos

creados no furor dos partidos ao bem geral

do Brazil. »

Se a linguagem é emphatica, o sentimento é generoso.

Caxias não se enganara falando ao coração de Brasileiros.

Por isso na guerra seguinte

Canavarro e outros chefes da revolução comman-

daram divisões e regimentos de cavallaria da guarda nacional no exercito imperial em operações contra os tyrannos do Prata.

O titulo de Conde, a gran-cruz de Aviz, e uma cadeira no

Senado foram a recompensa da patria reconhecida ao restaurador da

união brasileira. De 1845 a 1851 fruiu elle, fóra de todo comman-

do activo, de um repouso que bem tinha merecido.

Depois veio a guerra de 1851-1852 entre o Brazil, os governos

de Montevideo, Entre Rios e Corrientes, de um lado, e o dictador

de Buenos Ayres, Rosas, e o seu preposto uruguayo, Oribe, do outro

lado. Caxias teve o commando dos vinte mil homens do exercito

brazileiro, cuja intervenção, assignalada em marchas triumphaes e

na victoria de Monte Caseros, muito contribuiu para a quédia dos

dois dictadores. Promovido a tenente-general e elevado ao titulo de

Marquez, foi a 14 de Junho de 1855 nomeado Ministro da Guerra



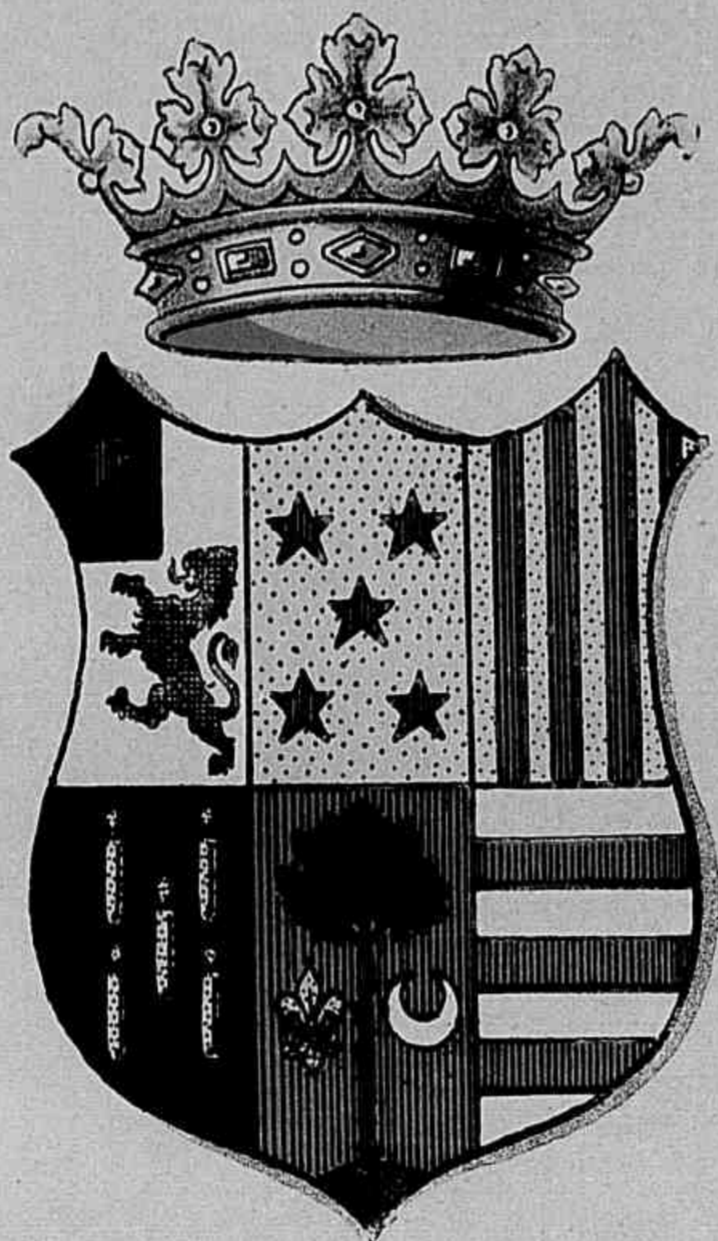
Ó MARECHAL DUQUE DE CAXIAS.

Segundo um retrato a oleo feito em 1878

no Gabinete do Marquez de Paraná. Falecendo este estadista (3 de Setembro de 1856), foi Caxias seu successor na Presidencia do Conselho e continuou a sua politica larga e conciliadora até 4 de Maio de 1857. A 2 de Março de 1861 organizou novo gabinete, que cahiu a 24 de Maio de 1862 deante da liga dos liberaes com a dissidencia conservadora. Em 1865, acompanhou, como ajudante de campo, o Imperador durante a campanha do Rio Grande do Sul e assistiu á rendição de Uruguayana, onde os Paraguayos tinham sido obrigados a encerrar-se. Algum tempo depois, o revés dos Alliados deante de Curupaity (22 de Setembro de 1866) e o desaccordo dos generaes levaram o gabinete liberal de Zacarias de Vasconcellos a confiar ao velho marechal o commando em chefe dos exercitos de terra e mar concentrados pelo Brazil na parte meridional do Paraguay. Chegando ao acampamento dos Alliados em Novembro de 1866, primeiramente a necessidade de instruir e disciplinar os voluntarios que se apresentavam todos os dias e depois a epidemia do cholera que devastou as tropas obrigaram o novo generalissimo a manter-se inactivo até Julho de 1867. Só então poudo tomar a offensiva, dando começo, com a marcha de Tuyuty a Tuyu Cuê, ás operações que acabaram por isolar as linhas de fortificação que protegiam o campo entrincheirado de Humaytá. Abriu-se então a série de victorias, entre as quaes se contam a do Pilar (20 de Setembro), Parè Cuê (3 de Outubro), Tatayibá (21 de Outubro), Potrero Obella (29 de Outubro), Tayi (2 de Novembro),

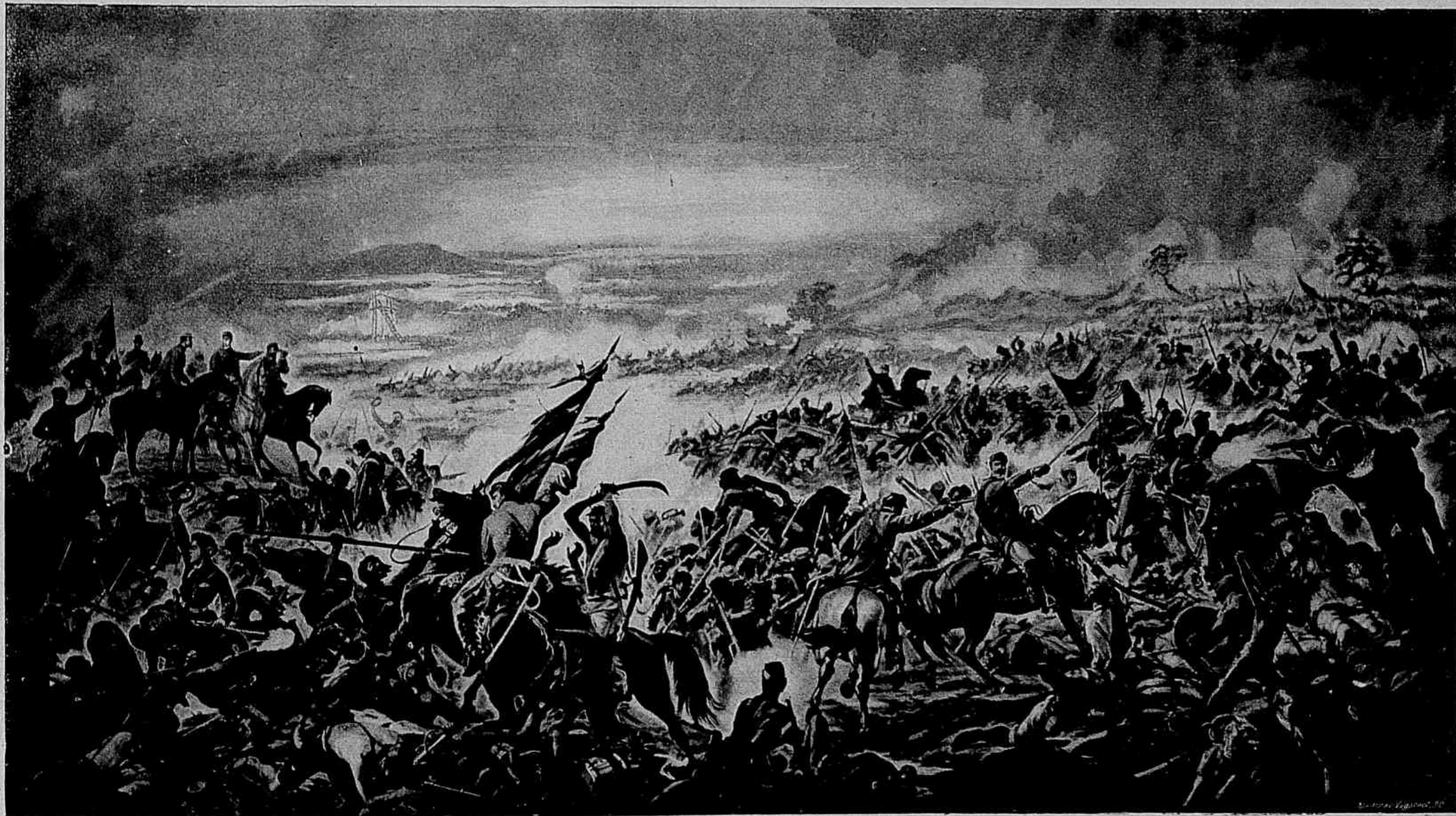
Tuyuty (3 de Novembro de 1867). A 19 de Fevereiro de 1868, Caxias ordenava aos encouraçados que forçassem a passagem de Humaytá e se apoderava das trincheiras de Laguna Cierva. Em 2 de Março, ficava senhor de todas as linhas exteriores desde Curupaity e Sauce até Espinillo e começava o assédio de Humaytá. Em Julho os Paraguayos evacuavam esse campo entrincheirado e tentavam operar a sua retirada pela margem direita do Paraguay; porém Caxias, que tinha previsto o movimento, reforçou as tropas que havia disposto n'essa margem, e, ao cabo de varios dias de combate, o inimigo depunha as armas em Isla-Poy, na Laguna Verá. Vencido esse obstaculo, Caxias marchou para o Norte, apoderou-se das trincheiras do Tebicuary e chegou deante das novas linhas de defesa que Lopez construiu em Pikysry, em posição quasi inexpugnavel. Mandando então abrir ao longo da margem direita do Paraguay, no Chaco, uma estrada através das florestas inundadas pelas aguas do rio, e tomando dezoito mil homens das suas melhores tropas, levou-as por esse caminho ao Norte das posições occupadas por Lopez. Caballero, o melhor dos generaes paraguayos, foi incumbido de disputar aos Brasileiros a passagem da ponte de Itororó. Uma batalha sangrenta feriu-se

n'esse lugar no dia 6 de Dezembro. A ponte, tomada e retomada varias vezes, ficou finalmente em poder dos Brasileiros, tendo Caxias de pôr-se á frente da investida final e de combater em pessoa. No dia 11 foram completamente destruidas em Avahy as forças de



Brazão do Marechal Duque de Caxias.

Uma batalha sangrenta feriu-se n'esse lugar no dia 6 de Dezembro. A ponte, tomada e retomada varias vezes, ficou finalmente em poder dos Brasileiros, tendo Caxias de pôr-se á frente da investida final e de combater em pessoa. No dia 11 foram completamente destruidas em Avahy as forças de



BATALHA DE AVAHY (11 de Dezembro de 1868)

Quadro de Pedro Americo na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro.

Caballero, e no dia 21 Caxias atacava as alturas de Lomas Valentinas ocupadas por Lopez. Toda a linha do Pikysyry foi tomada. Apesar de perdas enormes, sendo destruídos batalhões inteiros, Caxias conservou as posições conquistadas e se apoderou do quartel-general inimigo no dia 27. Lopez, obrigado a fugir, acompanhado por cinquenta homens apenas, foi refazer um

novo exercito no interior. Caxias ainda tomou a fortaleza de Angostura e entrou na cidade de Assumpção, que tinha sido abando-

guição através das florestas do interior, era tarefa sem duvida difficil, mas que melhor cabia a um general ainda no vigor dos annos.

nada pelos habitantes (Janeiro de 1869). Estavamos senhores de toda a parte occidental do Paraguay, desde Corrientes até Matto Grosso, e eram trophes das victorias de Caxias 326 canhões e 51 bandeiras e estandartes inimigos. Quatro canhoneiras, um transporte e duas chatas tinham sido destruidos n'esse tempo. A grande guerra estava acabada. O que restava a fazer, a 'perse-



Praça do Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, onde deve ser erigida a Estatua equestre.



ÉVÈNEMENTS DU PARAGUAY. — Prise d'assaut de la forteresse d'Establecimiento, le 19 février 1868 (D'après un croquis de M. Paranhos).

**TOMADA DAS TRINCHEIRAS DE LAGUNA CIERVA PELO MARECHAL CAXIAS  
(19 de Fevereiro de 1868.)**

\* Fac simile de uma gravura da *Illustração Franceza* de 18 de Abril de 1868, segundo um croquis do Barão do Rio-Branco. \*

Tendo adoecido ao entrar em Assumpção, Caxias obteve licença para ir ao Rio de Janeiro e pouco depois a sua exoneração do commando em chefe, que passou a ser exercido pelo Conde d'Eu.

A figura do Duque de Caxias, cavalgando o seu cavallo de guerra e immobilizado pelo artista na attitude por assim dizer symbolica do homem de acção que foi — prompto para comman-



JOSÉ JOAQUIM DE LIMA  
E SILVA

CONDE DE TOCANTINS.  
(Irmão do Duque de Caxias.)

Nascido no Rio de Janeiro a 7 de Outubro de 1809 e  
† 21 Agosto de 1894.



O GENERAL FRANCISCO DE LIMA  
E SILVA.

um dos Regentes do Imperio (1831-1835)  
(Pae do Duque de Caxias.)

Nascido no Rio de Janeiro a 8 de Julho de 1785.  
† a 2 de Dezembro de 1853.



O GENERAL JOSÉ JOAQUIM DE LIMA  
E SILVA

VISCONDE DE MAGÉ  
(Tio do Duque de Caxias.)

Nascido a 26 de Julho de 1787.  
† no Rio de Janeiro a 25 Agosto de 1855.

Foi então elevado á dignidade de Duque (unico titulo d'essa categoria conferido a um Brasileiro) e agraciado com a gran-cruz da Ordem de Pedro I, condecoração reservada aos Soberanos e que nenhum outro Brasileiro recebeu. Pela terceira vez exerceu os cargos de Presidente do Conselho e Ministro da Guerra, de 25 de Junho de 1875 a 6 de Janeiro de 1878. A enfermidade de que veio a morrer obrigou-o a deixar o poder. O seu corpo, transportado de Santa Monica ao Rio de Janeiro, foi levado ao cemiterio por simples soldados, segundo as instrucções do seu testamento, em que renunciava ás honras devidas ao seu posto. Uma subscrição popular para erigir-lhe uma estatua no Rio de Janeiro produziu mais de duzentos contos de réis. A execução do monumento, confiada a Rodolpho Bernardelli, alumno e hoje director da Escola de Bellas Artes, foi obra consideravel e de cuja demora só resultou maior proveito para a arte nacional e para a representação plastica do maior vulto da historia militar brasileira.

Tal é, extrahida e copiada de extensas e ainda assim incompletas memorias e biographias, a resenha descorada e imperfeita dos factos mais relevantes que assignalam a longa e bem cheia vida de um dos maiores generaes americanos. De uma biographia como esta não se tiram conclusões doutrinares e ambiciosamente interpretativas: a critica desharmonisa os gestos dos heroes. Quando é bem contada, a historia de uma bella vida vale pela sua belleza, para a admiração dos contemporaneos, para o culto da posteridade, que n'ella busca um exemplo de virtudes exaltadas até ao heroismo e o amparo moral da contemplação de uma grandeza humana.

dar, prompto para servir — se alteiará entre as palmeiras de uma praça publica no Rio de Janeiro como um monumento evocativo de memorias gloriosas de um largo e captivante tracto da historia nacional. Guerra da Independencia, guerras de pacificação, guerras

de libertação e de defesa, nenhuma guerra criminosa de conquista, aquella espada afortunada pelejou pelo Throno, pela Lei e pela Patria, com tal successo que o sangue derramado não chamou sangue a vingal-o e o Brazil vencedor não conheceu os gritos de maldicção e as recriminações amargas dos vencidos. Foi sorte singular a sua, que nem permite a comparação com outros homens de espada cujo nome enche o mundo. Apenas com Wellington, os privilegios do nascimento e a progressão crescente e rapida, o prompto reconhecimento e premio do seu merito, os favores incessantes da fortuna das armas, traços de character pessoal e civico, a calma e decisão dos commandos, dos conselhos, a clarividencia que unida á bravura é o genio militar, a lealdade e nobreza do verdadeiro soldado, a magnanimidade ou antes a confiança intelligente, que é o fundo da bondade, e a modestia simples, que no general é o orgulho do dever cumprido, justificariam uma tentativa de paralelo. Mas nem os elementos militares, nem o logar da acção, nem sobretudo o inimigo que Arthur Wellesley combateu admittiriam uma pro-



O GENERAL JOÃO DE SOUZA  
DA FONSECA COSTA,  
VISCONDE DA PENHA,

Hoje Marechal reformado do Exercito.  
(Chefe do Estado-Maior de Caxias no Paraguay.)

longada approximação dos dous Duques gloriosos. E assim pôde o Brazil orgulhar-se de possuir em Luiz Alves de Lima e Silva uma figura eminentemente nacional e tanto mais admiravel quanto não desmerece por anteposição a grandes homens de outras nações.

# DOBBS

## CONTO AMERICANO ORIGINAL DE BRET HARTE

**T**EVE algum dia ensejo de lèr a *Sentinella de Remus*? perguntou-me elle.

Não sómente me era desconhecido esse jornal, como profundamente ignorava eu a situação geographica d'aquella localidade.

— Causa-me surpresa não vêr a *Sentinella* sobre as mesas da sala de leitura d'este hotel! proseguiu elle. Fallarei n'esse sentido ao redactor-chefe... O assumpto não tem, evidentemente, uma importancia extraordinaria; mas, devo confessar, pertenci durante algum tempo á sua honrosa profissão, e consagrei mais de um artigo ao periodico de que tratamos. Amigos meus, sem duvida muito indulgentes, proclamavam a superioridade do meu estylo; julgo inutil dizer que essa opinião, posto que muito me desvanecesse, não me enchia de demasiado orgulho. E', entretanto, incontestavel que durante a ultima campanha eleitoral meus artigos influenciaram de modo decisivo sobre o resultado d'essa lucta memoravel... Terei prazer em mostrar-lhe um d'esses escriptos, que julgo ter no bolso...

Ao dizer estas palavras, procurava, com agilidade, entre amarellecidos documentos, as preciosas linhas a que se referira.

— Não, não o tenho commigo; esqueci-me, provavelmente, na mala!

Respirei.

A scena se passava em Washington, no salão de um hotel famoso.

Havia apenas cinco minutos que esse personagem, um desconhecido para mim, aproximando da minha a sua poltrona, encetára o precedente dialogo.

Notava-se em sua physionomia a indizível expressão de timidez dos provinciaes que, pela primeira vez, se acham fóra de seu meio ordinario e que vêm sua personalidade perdida n'uma sociedade mais vasta.

E' justo observar que a familiaridade e a indiscreção tão frequentemente censurada aos camponozes e aos provinciaes, em viagens nos caminhos de ferro e nas cidades que lhes são estranhas, têm, o mais das vezes, como origem um doloroso sentimento de solidão e um verdadeiro accesso de nostalgia.

Lembro-me de ter tido occasião de conhecer n'uma viagem que emprehendi a Kansas, um d'esses exilados: á força de interrogar-me abundantemente, sorriera satisfeito, ao descobrir que eu conhecia, de modo embora vago, um homem que outr'óra habitára a sua cidade natal. Até o fim da viagem alludiu a esse compatriota, não obstante conhecê-lo tão pouco quanto eu. Mas o nome d'esse individuo, que nos era indifferente, apresentava-se como excellente e unico pretexto á nossa conversação.

Rememorando este facto, examinava eu o meu interlocutor do hotel de Washington.

Era de pequena estatura, franzino e ruivo; vestido de preto, com absoluta simplicidade, contava o desconhecido, aproximadamente, trinta annos. A sua maneira de expressar-se tinha a feição dogmatica de um mestre-escola, que, muitas vezes, se vê na penosa contingencia de luctar contra intelligencias pouco lucidas.

E, assim julgando-o, eu não me illudira.

Nascido n'um Estado do Oéste, havia recebido uma boa educação primaria, graças á qual fóra nomeado mestre-escola de Remus, onde desposára uma de suas discipulas, filha de um pastor protestante, não destituído de fortuna. Salientando-se por certa facilidade de expressão, tornára-se um dos membros mais distinctos da *Debating Society* de Remus.

Entre as questões que se agitavam n'essa aprazível e diminuta localidade, discutiam-se, com afínco e eloquencia, dois problemas, que em poucas palavras podemos synthetisar e que, analogamente interessantes, tinham fornecido ao meu interlocutor o ensejo de assignalar-se á attenção de seus contemporaneos.

O primeiro d'esses problemas consistia em saber se a vida agricola era compativel com a fé na immortalidade d'alma; o segundo, se a valsa de tres tempos é uma dansa reprovada pela moral.

— Não viu, por acaso, um topico da *Sentinella de Remus*, que o *Memorial Christão* transcreveu a 7 de Maio?... Não!... E' preciso que eu lhe offereça um exemplar d'esta folha. Quanto ao activo papel que desempenhei na ultima campanha eleitoral, posso, sem falsa modestia e sem receio de um desmentido, dizer que Gashwiller me deve o seu successo.

— Gashwiller?...

— Sim, o general Pratt Gashwiller, que representa no Congresso o nosso districto...

— Ah!...

— Um homem de grande talento e que dentro em pouco terá no Parlamento um nome illustre e respeitado...

Em resumo, o ex-jornalista de Remus viera a Washington em companhia de Gashwiller, na esperança de obter uma justa recompensa aos seus altos serviços de ordem politica.

— Tem especialmente em vista algum emprego? indaguei.

— Não, respondeu-me elle. Deixei inteiramente aos cuidados e á solicitude de Gashwiller a obtenção de um cargo que convenha ás minhas aptidões. O deputado que tanto me deve, passa actualmente em revista as differentes categorias do functionalismo, no intuito de descobrir o que me possa inteiramente satisfazer. Estou á espera de Gashwiller, que ha meia hora foi ao ministerio de... Ah! Eil-o já de volta!

Um homem de grande estatura, notavelmente obeso, vinha em direcção a nós. Pesado, brutal, simulava inhabilmente a simplicidade de um camponoz.

Feita a apresentação, soube eu chamar-se William Dobbs o candidato ao vago e indefinido emprego administrativo.

Gashwiller, endereçando-me a palavra, disse-me:

— O nosso joven amigo espera confiantemente o dia muito proximo em que o Estado necessitará de seu auxilio.

E, com um gesto familiarmente paternal, de que a sinceridade era excluida, o deputado estendeu a larga mão ao ingenuo Dobbs.

— Nada pode ainda alcançar? interrogou o solicitante.

— Nada, mas posso afirmar que o seu triumpho é certo. Sómente, recommendo-lhe muita paciencia, pois, como aconselha um philosopho, nós nos devemos « apressar lentamente ». E' o unico meio seguro de atingirmos qualquer objectivo.

Com uma expressão confidencial, Gashwiller disse-me em seguida:

— Os rapazes são de uma impaciencia! Acabo justamente de encontrar o meu velho amigo, companheiro de infancia, Mac Glacher, da Companhia de Vulgarisação dos Conhecimentos Inuteis e... ficou entre nós convencionada uma entrevista para amanhã.

N'esse momento o conductor do omnibus de caminho de ferro annunciou o momento da partida.

Deixei o verboso deputado e o seu protegido.

A minha ausencia durou uma semana. Quando regressei, conversavam no vestibulo os dois alludidos amigos; mas na physionomia expressiva de Gashwiller lia-se o desejo de desembaraçar-se do importuno candidato.

— Sim... É possivel... Vêr-nos-emos amanhã, balbuciava o representante do Congresso, que apressadamente se retirou.

Pela primeira vez observei nas faces sardentas do desventurado Dobbs uns laivos de tristeza.

— Como vão os seus negocios? interroguei.

A altivez de William não se abatêra. As suas pretenções estavam bem encaminhadas; era, porém, tão grande a confiança que o Parlamento tributava ás elevadas capacidades administrativas de Gashwiller, que o denodado general, immensamente atarefado, não podia consagrar-se com a desejavel solicitude aos interesses do amigo.

Notei ser o vestuario de Dobbs ainda mais simples que o precedente, e elle, em voz baixa, confiou-me ter abandonado o hotel, porquanto achára n'uma rua vizinha um quarto em melhores condições. Apressou-se, no emtanto, em acrescentar que essa mudança era provisoria, porquanto desde que obtivesse o almejado emprego, a sua situação muito se modificaria.

Alguns dias depois precisei subir as escadas do Ministerio. Esses estabelecimentos officiaes, com as suas portas cuidadosamente numeradas, em que se destacam as respectivas designações, fazem-me o effeito de grandes casas de negocio em que todas as mercadorias são postas á venda. Aqui obtêm-se pensões, privilegios, patentes; alli, terras, sementes e... indios.

Augmenta a minha alludida impressão o toque continuo de campainhas, o incessante movimento de creados uniformizados. Quem não se julgaria n'uma casa de commercio?

N'esse dia desejava eu fallar ao director d'aquelle grande bazar nacional, e, atravessando a ante-camara, em que esperava a multidão de solicitantes, transpuz a porta do escriptorio directorial. O

som de uma voz monotona chegou-me aos ouvidos. Gashwiller dizia ao ministro :

— Essa nomeação seria muito favoravelmente acolhida no meu districto. A familia é rica, influente e póde proporcionar-nos, nas proximas eleições de novembro, o apoio dos agrimensores. Como sabe, isso não constitue um elemento desprezível. Quanto aos delegados da commissão central, todos, desde o primeiro até o ultimo...

N'este ponto Gashwiller notou que o olhar distraído de seu interlocutor revelava a presença importuna de uma terceira pessoa; a phrase foi por isso finda em voz e quasi murmurada aos ouvidos do illustre secretario de Estado.

— Póde mostrar-me algum papel relativo a essa questão? perguntou o homem politico, distrahidamente.

Gashwiller tirou do bolso um maço de documentos, que o ministro negligentemente atirou sobre a mesa, onde elles se confundiram no meio de jornaes e papeis de toda especie, entre os quaes uma petição dos habitantes de Massachussets e um requerimento de um soldado, que, humilde, solicitava uma pensão.

— Lembro-me agora, volveu o ministro, de ter recebido uma carta de um morador do seu districto, que em seu nome me implora um emprego...

— Quem ousou especular d'esse modo commigo? perguntou encolorisado o illustre general.

— A carta a que me refiro, disse o ministro, deve achar-se por ahi, entre os papeis...

Depois de emprehender uma pequena tentativa no sentido de descobri-la, o atarefado secretario da republica, fazendo um prodigioso esforço de memoria, murmurou :

— Trata-se de um individuo de Remus, chamado Gobbs ou Dobbs.

— Ah! isso não tem importancia, declarou Gashwiller. E' um imbecil que ha um mez continuamente me importuna.

— Devo então, considerar como nulla a solicitação?

— Certamente. E cumpre accrescentar que a nomeação d'essa insignificante personalidade para qualquer emprego suscitaria no meu districto uma opposição violenta.

Apertando a mão do ministro, o protector de Dobbs que tão singularmente advogava a causa de seu protegido, sahiu da sala, simulando não reconhecer-me.

Devia eu revelar ao pobre William a nefanda traição do deputado?

Confesso ter-me faltado a coragem, quando o tornei vêr, tão jovial e esperançado.

Tinha elle recebido, disse-me então, uma carta da esposa, a qual descobrira um longinquo parentesco com um subdirector do ministerio, a quem desembaraçadamente se dirigira, em supplicantes linhas.

O importante personagem, primo hypothetico de William Dobbs, não hesitára em prometter-lhe os mais rendosos encargos.

— N'essas condições, explicou-me o infeliz candidato, devo suppôr decisiva a minha nomeação, porquanto o meu parente, na intimidade do ministro, alcançará d'elle o que pretender.

Durante longos mezes prolongou-se tão precaria situação.

Dobbs, dia a dia mais pallido, renunciára ao uso de punhos, esquecia-se de fazer a barba, deixava em lamentavel abandono os velhos sapatos, e evidenciava nas roupas mal tratadas a sua miseria crescente e o seu intenso desalento.

Galgava todas as tardes as escadarias dos ministerios, passava interminas horas nas sombrias ante-camaras e escrevia copiosas petições.

Tudo era embalde!

Entretanto, se o seu dogmatismo sensivelmente perdêra a entonação pretenciosa e ousada, o mesmo não se poderia dizer de sua altivez.

— Essa expectativa, embora prolongada, dizia-me elle, terá a vantagem de iniciar-me nos segredos da vida official.

Um dia, recebi surpreso rapidas linhas de William Dobbs, nas quaes era eu convidado a jantar n'um dos melhores restaurantes de Washington.

Pouco antes da hora convencionada vi entrar no salão do hotel o eterno candidato, elegantemente vestido e irreconhecível.

Comprehendendo o meu espontaneo movimento do espanto, deu-me, com a sua habitual ingenuidade, a explicação da sua metamorphose.

— Achei finalmente, elucidou-me elle, o meio seguro de obter o meu desideratum. Na qualidade de solicitante, só tenho merecido o menosprezo do ministro e de seus auxiliares. Convenci-me de que devo mostrar-me sob outro aspecto, offerecendo-lhes jantares, revelando-me, em summa, em condições não inferiores aos

directores orgulhosos e insolentes. Assim, hontem tive a honra de ver á minha mesa dois ministros, tres magistrados e um general.

— E elles acceitaram o seu convite?

— Oh! Não!... Comprehede que eu jamais ousaria... Limitei-me a pagar a conta. Até este momento estão elles convencidos de que o banquete lhes foi offerecido por Thomaz Soufft. Um de meus amigos referiu-me, confidencialmente, que Soufft tem d'esse modo obtido importantes nomeações... Não percebe o estratagemma? Após o champagne, Thomaz habilmente insinua ao ministro a vantagem que póde provir, para um districto ou um Estado, da nomeação de determinado candidato. E antes que o homem politico tenha o tempo necessario para reflectir, elle alcança uma promessa. D'esta maneira obtem-se um bom emprego, em troco de um jantar.

— Mas d'onde lhe vem o dinheiro necessario para tão grandes despesas?

— Eu...

Dobbs hesitava.

Resolveu-se, enfim, a confessar-me a verdade.

— Escrevi ao pae de Fanny, disse elle, o qual, pedindo emprestada uma somma de quinhentos dollars, enviou-me, ha dias, esse poderoso auxilio. Desde que obtiver o meu emprego, pagarei, integralmente e sem esforço, a meu sogro essa quantia.

— Mas... comecei eu, balbuciando uma objecção.

— Não duvide do exito de minha tentativa, tornou William, interrompendo-me; o meu successo é seguro.

— Tem, enfim, conseguido algum resultado pratico? interroguei.

— Ainda não. Mas os ministros se declaram bem intencionados a meu respeito e um d'elles já me dirigiu a palavra.

— Que lhe disse elle? indaguei, curiosamente.

— Affirmou-me não lhe ser desconhecido o meu nome; e eu estou certo de que elle fallava verdade, porquanto já lhe escrevi, pelo menos, quinze vezes, sem contar os requerimentos, em numero superior a dez, que lhe tenho endereçado.

\* \*

Decorreram tres mezes.

Viajava eu em direcção a um Estado do Oéste, onde uma conferencia minha fôra annunciada, quando uma tempestade de neve bloqueiou a via ferrea, a dez milhas, mais ou menos, da localidade que constituia o termo de minha peregrinação.

Era uma grande contrariedade tanto para mim quanto para a commissão que me esperava.

Acudiu-me, após alguns momentos de verdadeira perplexidade, a ideia de effectuar em trenó a distancia que me separava da cidade de Rillie.

Tentei a aventura. Infelizmente, porém, o caminho, além de longo, offerecia numerosos obstaculos.

Achavamo-nos a quatro milhas, aproximadamente, do objectivo de minha viagem, quando o cocheiro, detendo os animaes, disse, em tom de infindo desalento, que os cavalloos fatigadissimos não poderiam proseguir.

Prometti reluzentes dollars. Vão expediente!

Ameacei. Improficuo recurso!

O automedonte acenava negativamente com a cabeça, e murmurava apenas :

— Impossivel!

Deante d'essa irrevogavel sentença, inclinei-me resignado.

— Onde estamos? perguntei.

— Em Remus, respondeu-me o cocheiro, afagando os animaes exhaustos e offegantes.

Remus! Onde ouvira eu esse nome?

Fiz de balde um appello á minha memoria infiel. Não pude ligar ás duas syllabas d'essa palavra uma só recordação, um facto unico.

No entanto, cada vez mais profundamente me convencia de que n'um dia qualquer de minha movimentada existencia o som produzido pela combinação d'essas cinco letras me soára aos ouvidos.

Estavamos n'uma pequena aldeia, á porta de uma taverna de pobre apparencia.

Eram nove horas, o que significava para mim a lamentavel perspectiva de uma triste noite de inverno.

Perdida a esperanza de obter novos cavalloos que corajosamente me conduzissem até Rallie, transpuz a estreita porta da estalagem, e accendendo um charuto, sentei-me junto ao fogo que ardia festivamente.

Varios homens conversavam e discutiam na peça principal do misero albergue; e eu dispunha-me philosophicamente a permane-

cer oito ou dez horas em minha incommoda cadeira, quando um dos individuos me veio fallar.

Offereceu-me cordialmente os seus cumprimentos de sinceras condolencias, como si um parente me houvesse sido arrebatado pela morte, e, sem circumloquios ociosos, deu-me um conselho.

— Já que as circumstancias o obrigam a passar a noite em Remus, accrescentou elle, procure a casa do nosso velho sacerdote.

Murmurei uma vaga objecção.

— Esta pequena estalagem é pessima, continuou; em vez de vêr correr tristemente as horas junto ao fogo, vá, sem receio, bater á porta do sr. Smiss. E' um homem extremamente bondoso, outr'ora rico, hoje pobre, mas sempre hospitaleiro e affavel. Ha mais de vinte annos dá cama e mesa, gratuitamente, aos viajantes que, por qualquer eventualidade, atravessando esta aldeia, aqui se demoram algumas horas.

Pedi alguns esclarecimentos supplementares, que me foram fornecidos.

O sr. Smiss habitava, em companhia de uma filha, um casebre, não distante da taverna; e tão franca era a sua generosidade, que difficilmente perdoaria a quem não dêsse a indicação de sua casinha ao viajor que, em busca de um asylo, se visse na penosa contingencia de vêr raiar a aurora sem o conforto de um leito.

Era essa a minha situação.

Por isso o homem insistia.

— Se quizér, disse elle, eu o acompanharei até a porta do sr. Smiss, para quem é sempre um motivo de jubilo a presença de um forasteiro.

Accedi.

A neve cahia sempre. Acudindo ao appello de meu guia, um velho de sympathico aspecto e grandes cabellos brancos acolheu-me carinhosamente.

A franqueza e a natural cortezia do ancião dissiparam bem depressa o meu embaraço.

Penetrei n'uma sala modesta e diminuta, na qual uma mulher cosia roupas masculinas. Era bonita, comquanto visivelmente envelhecida antes da idade.

Imaginei que os dissabores da vida — e elles sobram, desgraçadamente — tinham prematuramente, embora de leve, sulcado aquella fronte alvissima, em que a dôr imprimira o signal de sua passagem.

Nos olhos azues d'essa creatura, que me inspirou espontanea sympathia, podia lêr o menos observador dos psychologos um poema de angustiosas maguas.

Quantas lagrimas vertiam elles, no silencio d'aquella habitação pauperrima!

— Minha filha Fanny, disse o dono da casa, apresentando-a.

Inclinei-me, respeitoso.

— Aqui vivemos, proseguio o sr. Smiss, no mais absoluto isolamento. Assim, deve comprehender a nossa satisfação, quando o acaso, bem raro, aliás, nos proporciona a occasião de vêr o representante de uma sociedade civilisada. Não supponha, portanto, um só momento que a sua presença nos é importuna.

Emquanto o velho pae de Fanny d'este modo exprimia o prazer que minha visita lhe causava, eu fazia, ainda uma vez appello á minha memoria.

Onde, quando, em que circumstancias tivera ensejo de contemplar esse ancião e sua filha, n'aquella mesma aldeia monotona e silenciosa?

Em sonho? Não me parecia.

Não traduzia, antes, aquella impressão a reminiscencia de uma d'essas existencias anteriores a que a alma humana está destinada?

Eu fitava attentamente essas duas creaturas; e nas rugas que se notavam na commissura dos labios de Fanny do mesmo modo que nos sulcos cavados na fronte larga e nua do velho pastor protestante, até no tic-tac regular e soturno do antiquissimo relógio, eu lia: « Paciencia, paciencia. »

O sr. Smiss encheu de fumo o seu cachimbo, e, depois de convidar-me a fazer o mesmo, disse-me:

— Sinto não poder offerecer-lhe uma gotta de alcool. Comquanto não beba, tenho habitualmente um pouco de rum para os hospedes que occasionalmente recebo; mas, n'este instante, por excepção, a minha garrafa está vazia.

Apresentei-lhe o frasco de viagem, que eu trazia a tiracollo.

Depois de hesitar um pouco, o pae de Fanny decidiu-se a provar o meu cognac.

E sob a benefica influencia de algumas gottas, o pobre homem se tornou expansivo.

— Como vão os negocios na capital? indagou elle.

Referia-se á politica. Ninguem com menos conhecimento de causa poderia prestar-lhe as desejadas informações.

Declarei vagamente, sem receio, aliás, de illudir a sua boa fé, que o governo ia mal.

— Tem razão, concordou elle; a questão dos direitos mutuos dos Estados não tem sido resolvida de modo plenamente satisfactorio; demais, a commissão eleitoral...

O meu interlocutor conhecia o assumpto muito mais profundamente do que eu.

Posto que só pudesse adquirir ideias que me faltavam, não me seduzia a conversação.

Implorei o auxilio de Fanny; n'um simples, mas eloquente olhar solicitei a sua intervenção.

Ella referiu-se ao tempo, alludiu, em phrases rapidas, á neve abundante, e calou-se.

Era pouco.

O velho, que não abandonára o assumpto encetado, volveu:

— Meu genro occupa um emprego federal em Washington. Mas a sua tarefa não lhe permite longas digressões, quando nos escreve...

Uma exclamação espontanea, inconsciente, irrompêra de meus labios.

Um véo espesso de subito se rasgára ante meus olhos.

Eu achava agora, nitida, evidente, a elucidação de minhas reminiscencias.

O acaso conduzira-me a Remus, á casa de William Dobbs, onde eu me via em presença de sua esposa e de seu sogro.

Recordei-me do banquete de Washington. Fram essas pobres creaturas que o tinham pago, á custa de dolorosos sacrificios!

— Qual é o seu encargo? interroguei com interesse.

— Confesso que não poderia dizer positivamente. Assegurou-me, porém, o sr. Gashwiller que a posição de meu genro é de primeira classe.

E o ancião, com uns vestigios de vaidade, repetiu:

— De primeira classe...

Não me pareceu humano revelar áquella boa gente que no systema official de Washington a contagem se effectua a partir de baixo para cima.

Um emprego de primeira classe era, portanto, infimo.

— E é, sem duvida, ao sr. Gashwiller que seu marido, minha senhora, deve a sua situação...

Fanny, a quem eu directamente endereçara a palavra, protestou:

— Não; esse homem é um ingrato, a quem William nada até hoje tem devido, não obstante...

— Minha filha, admoestou o bom velho, interrompendo-a, é preciso que te mostres mais resignada...

— Odeio esse individuo cruel, por quem meu marido tanto se sacrificou.

— O sr. Gashwiller, tornou o sr. Smiss, é um deputado de grande merito: atarefado no Congresso, onde as mais importantes questões lhe são confiadas, não pôde interessar-se, como desejava, por meu genro.

Entre o pae e a filha estabeleceu-se um dialogo. Emquanto o ancião, com a sua expressão inalteravelmente bondosa, defendia o general, Fanny, encolerizada, accusava o politico que soubera aproveitar-se dos valiosos serviços de William Dobbs, por elle menos-presado desde que alcançara a cadeira no parlamento de Washington.

Eu ouvia, sem intervir. Conhecendo, porém, a verdade completa sobre o debate que entre elles se agitava, sabia, tristemente, que a razão não se achava do lado d'aquella que tão generosamente formulava a deãsa de Gashwiller.

Era, porém, certo que o desventurado genro do Sr. Smiss obtiverá um emprego, emboia modestissimo. Já não morreria á fome. Esta convicção me era consoladora.

E ao deitar-me n'aquella noite no quarto de Dobbs, que me fôra concedido, eu experimentava a satisfação de pensar que o pobre William se achava, finalmente, ao abrigo da negra e tenebrosa miseria.

Notei na parede um retrato do marido de Fanny aos vinte e cinco annos; um papel, que o tempo amarellecêra, representava um voto de agradecimento da *Debating Society* de Remus a um de seus mais distinctos membros; e, entre insignificancias que ornavam a peça, um certificado da eleição de Dobbs como presidente da Associação philomatica...

Todas essas glorias faceis de uma existencia mesquinha e de um

cerebro estreito tinham o seu lado ridiculo; mas consagradas pela piedade da esposa, n'esse altar domestico em que o luto e o desalento tão dolorosamente se manifestavam, esses objectos adquiriam a meus olhos um aspecto veneravel.

Fóra, o vento rugia sacudindo as vidraças. Pelas frinchas da jannella mal fechada o furacão se insinuava traiçoeiramente.

Uma rajada que subitamente irrompeu no quarto, desfolhou uma corôa de louros collocada sobre um retrato de Dobbs.

Era um premio alcançado por occasião de um discurso triumphal proferido na festa da independencia, a 4 de Julho.

Eu não podia dormir. A procella que augmentava de intensidade, offerecia ao meu somno uma lucta desigual.

Considerei-me vencido.

Mas deitado no leito de William Dobbs, eu perguntava a mim mesmo o que podia ser esse emprego de primeira classe, que, na opinião do ingenuo sr. Smiss, significava, talvez, o inicio da gloria universal.

Quando, ao despontar do dia, a borrasca cessou, eu não havia, certamente adivinhado a natureza d'esse cargo de inferior categoria; dormi, porém, finalmente, cedendo á grande fadiga.

No estio seguinte pude ter a chave do enigma.

Atravessava a comprida galeria de um ministerio, quando me achei face a face com um homem que carregava aos hombros uma pesada haste de pão, nas extremidades da qual se suspendiam dois baldes cheios de gelo.

Era Dobbs!

Ao reconhecer-me, não depoz a pesada carga, porquanto o regulamento jamais lh'o permittiria, mas alegremente encetou commigo animado dialogo.

Disse-me, em synthese, que esperava alcançar, graças aos seus serviços e á sua boa vontade, um emprego de ordem mais elevada; e certo de que uma grande e decisiva reforma se operaria na administração, o seu ordenado teria accrescimo, como melhores se tornariam as suas condições.

— E é a Gashwiller que deve este emprego?

Minha pergunta era, evidentemente, ociosa.

— Não, disse-me elle, simplesmente. Eu creio que só ao Sr. o devo.

— Não comprehendo...

— Recorda-se de haver relatado ao sub-secretario de Estado, o Snr. Blank, a minha triste aventura?

Eu me lembrava, de um modo vago.

— Pois o Snr. Blank, interessando-se por mim, obteve em meu favor este pequeno encargo...

E, temendo ser reprehendido, se mais prolongada fosse a nossa conversação, William afastou-se em direcção aos escriptorios.

Ja encher de gelo as talhas dos empregados, dos quaes era o creado mais humilde.

Não o deixei, subindo com elle a escada; e n'esse percurso referi-lhe a minha visita a Remus, a impressão ineffavel que me deixára a sua corajosa esposa, a sympathia sincera que me despertára o seu velho sogro.

A reforma esperada por William surgiu, effectivamente, um dia no cerebro do ministro que succedeu áquelle que admittira o pobre Dobbs.

Foi-lhe, porém, cruelmente violenta. O desventurado marido de Fanny teve o desgosto de ser despedido, emquanto o protegido de um senador vinha occupar o seu modestissimo cargo.

Por um motivo de ordem superiormente politica, William não poderia mais encher d'agua as talhas dos escriptorios. Esse motivo grave era o facto de achar-se nas varias petições de Dobbs o nome do general Gashwiller, deputado governista no precedente ministerio, deputado opposicionista no que se seguiu.

E o representante do districto em que Remus se acha encravado, deixára de ser uma personalidade influente...

A partir do dia em que, por tão subida razão administrativa, era o genro do Snr. Smiss atirado á miseria, deixei de vê-lo.

Em vão procurei William nas ante-camaras ministeriaes; debalde solicitei noticias suas a empregados da administração, que vagamente lhe sabiam o nome.

Nas galerias d'esses bazares politicos nunca mais vi o emmagrecido perfil de Dobbs, que julguei em Remus, junto á esposa melancolica e ao sogro paciente e bom.

Mas, n'uma clara manhã de Julho, chegava eu de Baltimore á capital da Republica americana...

O sol banhava a fachada oriental do Capitolio, emquanto o resto do edificio repousava ainda n'uma calma inagostosa.

Como podia admittir-se que um Gashwiller, esgueirando-se debaixo d'essa columnata maravilhosa, rastejando sob o esplendido portico, não indignava a estatua do frontão?

Porque não erguia ella a espada, a fim de castigar o intruso, que ousava ultrajar a Mãe commum, envolta na casta alvura de suas vestes, na nobre tranquillidade de sua força, no amor dos filhos que ella ternamente agrupa em torno?

Confesso que do meu espirito se eliminára a imagem de Dobbs, quando uma physionomia entrevista na rapida passagem do carro que me conduzia, me lembrou o infeliz William.

Indecisa, hesitante no angulo de uma rua, a pobre mistress Dobbs procurava orientar-se.

O cocheiro, obedecendo a um signal meu, deteve o cavallo.

— Que procura? indaguei, descendo, e indo ao encontro de Fanny.

Ella balbuciou algumas palavras destituídas de coherencia, e, deixando explodir em lagrimas a sua amargura, desatou em pranto.

Offereci-lhe um logar no meu carro.

Soube, então, pelas phrases que, entrecortadas por soluços, ella proferiu, achar-se ainda em Washington o infortunado Dobbs, que jamais voltára á cidade natal.

Por intermedio obsequioso de uma pessoa das relações de William, soubera a desalentada esposa que o marido, enfermo, quasi ás portas da morte, residia n'um miseravel quarteirão da capital.

Fanny partira immediatamente, só, desesperançada, e assim chegára a Washington, onde não conhecia ninguem.

— Tem o endereço? perguntei-lhe.

— Sim.

Mostrou-me um papel, pelo qual pude saber que o doente residia n'um arrabalde longinguo, perto de Georgetown.

— Vou conduzi-la até lá.

Durante o trajecto, embalde tentei distrahir a sua attenção. Quando o pranto não a suffocava, ella reflectia, acabrunhada, vencida pela desgraça.

Chegámos. O quarteirão era habitado quasi exclusivamente por negros. Um d'elles recebeu-nos á porta de uma casa miseravel, no ultimo andar da qual, n'um quarto indescriptivel, jazia o desventurado William.

Deitado n'uma enxérga, tendo por unica mobilia uma cadeira, esburacada e uma pequena mesa de pinho, vimos Dobbs, livido, semimorto.

Nas suas mãos crispadas havia uma petição não terminada ainda.

Era mais um requerimento, mais uma supplica aos ministerios implacaveis.

— Fanny! exclamou elle, abrindo os olhos.

Pareceu-me que essa visita o contrariava.

— Julguei que fosse a resposta do ministro, balbuciou elle.

O pobre William, ao ouvir os nossos passos, supuzera chegado o momento em que um benevolo secretario de Estado houvesse attendido ás suas amiudadas e supplicantes solicitações.

Fanny, ajoelhando-se junto ao esposo, abraçou-o commovida.

Deixei-os, promettendo regressar mais tarde. E voltei.

Achei em menos desesperadoras condições o enfermo, que se me apresentára quasi moribundo.

Contrariamente á ordem expressa do medico, Dobbs conversou.

D'essa alma altiva e ingenuamente infantil a esperanza não se dissipára.

Elle fazia projectos. O ministro attenderia indubitavelmente á justiça, e o antigo empregado voltaria a occupar o cargo humillimo. Depois, conquistando a estima de seus superiores, galgaria progressivamente os degrãos da escala administrativa.

Eu ouvia contristado esses planos de tão modesta ambição, quando, de subito, interrompendo uma phrase de esperanza, disse William:

— Querida Fanny, observo agora que, procurando o apoio de toda a gente, tentando continuamente descobrir protectores, olvidei o mais poderoso de todos, Aquelle que governa os ministros e os reis. Creio que é tempo de solicitar-lhe o seu interesse. Vou amanhã pedir-lhe uma audiencia...

E no dia seguinte, uma audiencia perante o Rei supremo lhe foi, de facto, permittida.

Tenha o mais alto dos soberanos, como compensação a tantas desillusões, querido conceder um bom logar ao candidato William Dobbs...

# O Jubileo de Francisco José

**E**M Dezembro de 1848, Fernando I, Imperador d'Austria foi forçado a abdicar, sob a pressão de uma revolta quasi geral de todos os seus Estados. A adopção de um systema de

governo rigorosamente absoluto, cujo principal representante foi o principe de Metternich, conduziu a Austria a uma conflagração que ia custando á monarchia dos Habsburgos a perda da corôa de Santo Estevão.

Quando Francisco José succedendo, ao seio, assumio o governo do Imperio, lavrava em todo o paiz um descontentamento geral. A Bohemia, irrequieta procurava revolucionar-se para tentar a reconstrucção do seu antigo reino, as provincias Italianas, annexadas pela força á corôa da Austria levantavam a bandeira da revolta e do irredentismo e a vasta Hungria, condusida por Luiz Kossutz, luctava pelas armas e, quasi victoriosa, procurava emancipar-se do jugo de Vienna.

Tinha apenas dezoito annos de idade esse jovem soberano que pela renunciação de seu pae o Archi Duque Francisco Carlos subia a um throno, minado por tantas commoções. Tudo parecia desmoronar n'esse vasto imperio, onde as mais heterogeneas nacionalidades curvadas sob o jugo de ferro do centralismo de Metternich, tentavam uma suprema e completa dissolução.

Mas a fatalidade que tem feito viver esse grande paiz em meio das maiores catastrophes, durante mais de meio seculo, preparou os acontecimentos, facilitando uma pacificação que parecia impossivel.

Sustentado pela fidelidade de um exercito que via na bandeira o symbolo da patria e no Imperador o unico depositario da soberania, aproveitando tambem da corrente de reacção que não tardou

a formar-se em toda a Europa, Francisco José, com o auxilio moral e material do Tsar Nicolau, conseguiu restaurar sobre as ruinas da revolução o regimem de authoridade e de uma centralisação liberal que até hoje perdura.

Assim inaugurou elle o seu governo, obtendo para o seu paiz, creança e inexperiente como era, uma paz digna e vantajosa, o que, talvez um velho e habil monarcha não pudesse alcançar nem impor.

Os homens de estado que assumiram a responsabilidade de conselheiros e directores da politica do jovem Imperador foram nefastos ao começo do seu reinado que pedia tanta concordia e esquecimento.

Schwarzenberg ligou o seu nome a uma série de medidas violentas e a um systema de perseguições injustificaveis e Bosch continuando a intoleravel mania de repressão, condemnada

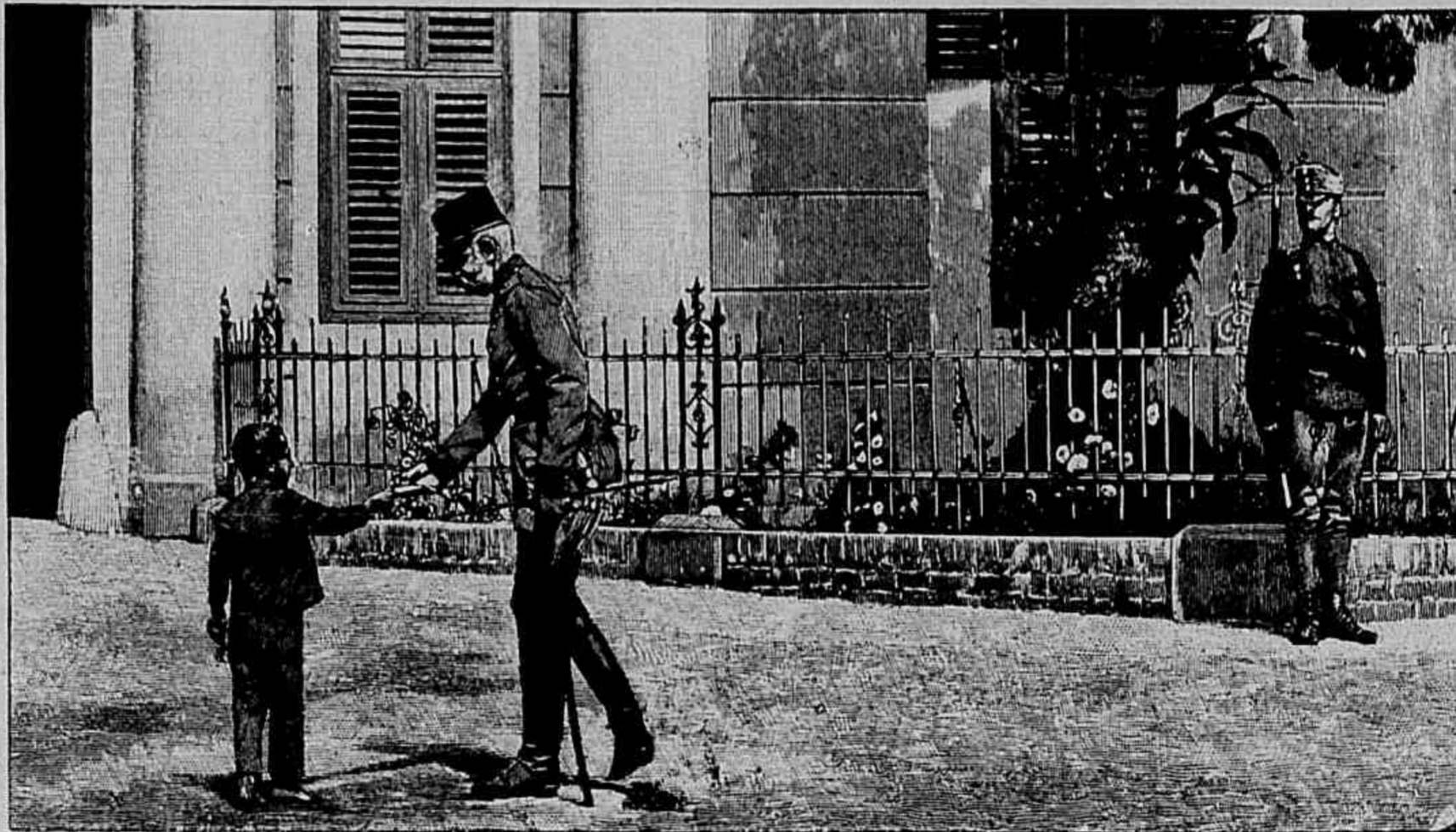
por todos os amigos da Austria, tentou ainda subordinar a sociedade civil ás leis da Igreja o que conduziria o paiz ao despotismo patriarchal e sem rasão de ser, de um seculo atraz.

Mas o destino reservara a este Archiducque, que aos vinte annos de idade presidia ao governo surpremo de uma nação de cincoenta milhões de subditos, uma vida tormentosa e infeliz, quer como homem quer como soberano.

A guerra da Italia foi a primeira desillusão que veio ferir os vencedores de 1850 e Solferino e Magenta impondo á Francisco José a perda da Lom-

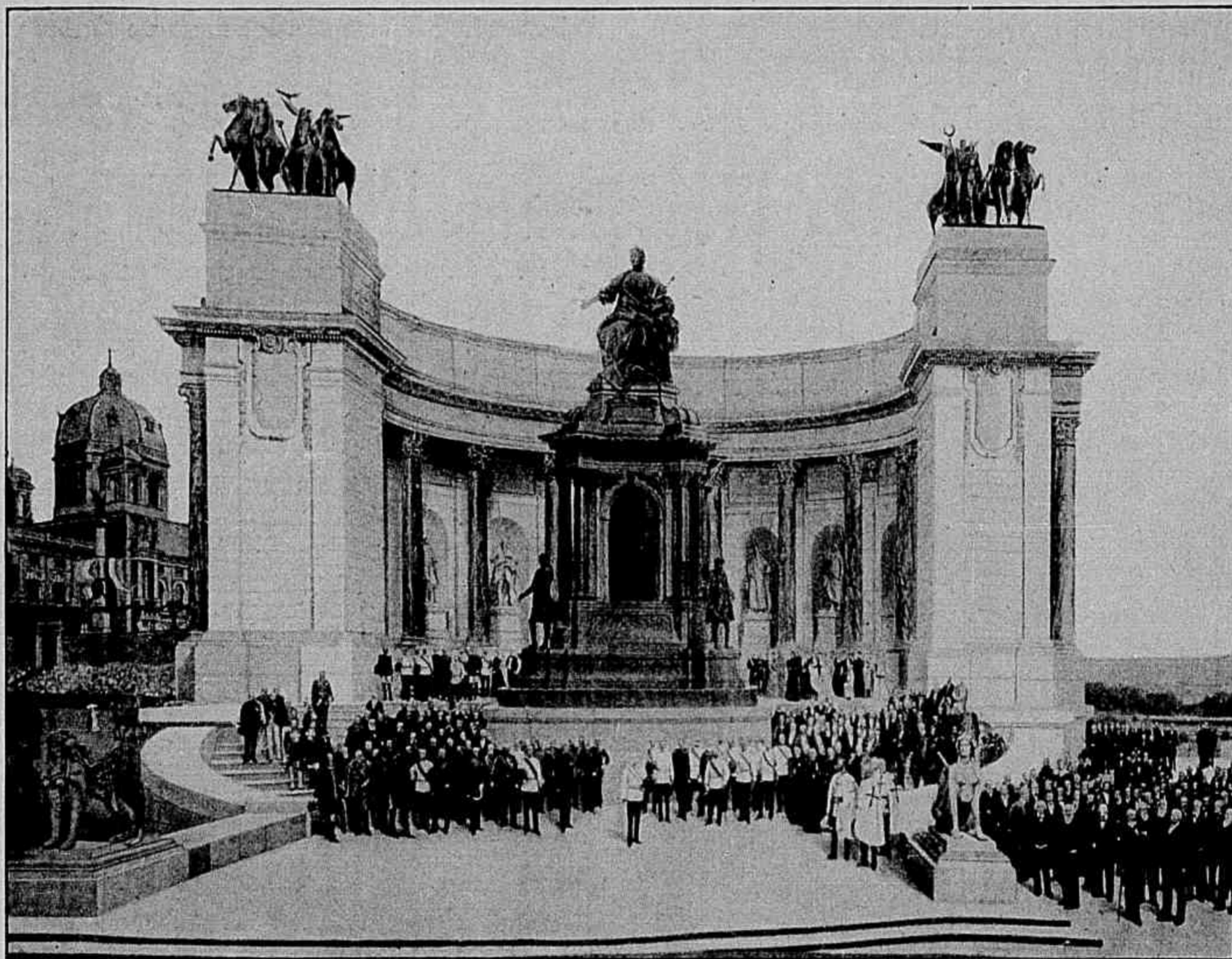
bardia e da Venetia ferio seriamente o prestigio europeu do herdeiro dos Habsburgos.

As luctas dos partidos e das nacionalidades foram sempre violentas no seu Imperio, e ellas exigiam uma politica constante de transações, sacrificando assim uma quantidade extraordinaria de estadistas.



O Imperador recebendo uma petição de um menino do povo no pateo do castello de Buda-Pesth.

(Phot. instantanea de Joseph Koffal e gravura da *Illustrirte Zeitung*.)



Phot. Victor Ungerer. Vienna.

A Cerimonia official do Jubileo em Vienna.

O Imperador aclamado pelos Archi-Duques e pelos Principes Allemães.

*Illustrirte Zeitung*.



FRANCISCO JOSÉ I

Imperador da Austria e Rei da Hungria.

A Hungria vencida e o seu chefe popular exilado em Turim, não deixava por issode reclamar sem cessar pelas suas liberdades e prerogativas d'entre as quaesa criação de um Parlamento Nacional em Buda Pesth er uma das mais importantes. O magyar suplantado na sua ultimarevolução não confessava-se vencido e na expansão bellicosa do seu caracter clamava por uma partilha igual de direitos entre a Austria e o seu paiz.

A desastrosa guerra com a Prussia em 1866 veio em seu auxilio e o enorme desastre de Sadova que trouxe Bismark até ás portas de Vienna obrigou mais uma vez Francisco José a aceitar uma paz não humilhante, mas bastante dura e cruel.

D'essa data em deante a orientação da politica imperial Austriaca tomou uma direcção completamente differente e se nas relações exteriores foi forçada a ser uma especie de satellite dos Hoenzollerns, na sua governamentação interior fez as mais amplas e possiveis concessões.

A victoria dos prussianos a excluiu da Confederação Germanica e data d'ahi a promulgação da sua constituição duallista, concedendo á Hungria uma quasi independencia, regida pelo actual *compromisso* cuja renovação provoca tantas difficuldades nos nossos dias.

A nação hungara que se vio quasi esmagada em 1850 é hoje o mais poderoso factor do imperio e o ideal politico que acariciam os estadistas de Buda-Pesth pelas incessantes reivindicações que reclamam, é a *magyarisação* da Austria em completo sacrificio dos allemães e dos slavos.

Mas essa pretensão é quasi impossivel para não diser-se irrealisavel, pois outras nacionalidades não menos vigorosas, como a Bohemia, levantam-se de um torpor secular reconstruindo dia a dia o velho reino de São Vencesláu.

Francisco José, será pois forçado, não só para impedir a dissolução do seu Imperio, mas tambem para garantir o futuro de seu sucessor, a desenvolver n'este fim de um longo reinado a politica de união baseada no mais largo e franco federalismo, satisfazendo assim todas as aspirações, dos differentes povos sobre os quaes domina.

Certamente que as difficuldades são grandes e d'entre ellas uma das primeiras a sobrepujar, é a suppressão d'esse parlamentarismo de obstrucções inaugurado n'estes ultimos annos por alguns dos chefes politicos de Vienna e Buda Pesth. A boa vontade dos estadistas e dos partidos sente-se impotente deante dos orgasinadores da greve parlamentar que transformam indefnidamente a marcha pacifica dos negocios do Estado em continuas sessões de tumulto e pugilato.

Na Austria os Allemães e Tchecos e na Hungria o partido chamado nacional esforçam-se e rivalisam-se nas manobras tendentes a dificultar e retardar toda a acção governamental.

Os primeiros com a eterna questão das linguas na Bohemia e o segundo impedindo por todos os meios a votação do *Compromisso* provocam no paiz uma verdadeira agitação anti-patriotica.

E' assim que o monarcha ainda que tarde resolveu faser apello ao celebre artigo *quatorze* da constituição, que dá direito ao soberano de manter, o *statu quo*, sem consulta nem approvação do Parlamento; e essa medida, que já devia ser tomada com o ministerio Badeni, será com o Snr Conde Thun de um salutar effeito na conjuração da crise.

A pessoa do Imperador, tem estado sempre fóra das luctas das raças e dos partidos, elle representa n'essa nação tão disparatada no seu corpo social, o elemento de paz e conciliação, necessario ao seo equilibrio.

Todos cercam de um profundo respeito esse nobre e velho monarcha, que perseguido e acabrunhado pelas maiores desgraças

vio-se banido d'Allemanha onde os seus antepassados reinaram como gloriosos soberanos e assistio impassivel e resignado, n'este fim de seculo revolucionario, ao desmembramento do seu imperio.

Se jamais houve tragédia nos nossos tempos foi certamente a vida desse Imperante que acaba de celebrar apoz cincoenta annos de reinado, esse triste jubileo, que o destino inclemente e cruel festejou assassinando-lhe a Imperatriz querida e roubando-lhe a esposa bem amada.

A morte ceifou sem piedade as existencias que lhe eram mais caras. O seu filho unico, adorado pelo povo sobre o qual elle devia reinar, desapparece tragicamente envolvido n'um mysterio de tristezas e o velho Imperador collocando a sua missão acima de todas as dôres humanas resiste ás provações da sorte, amparado por uma crença fervorosa que é o mais bello apanagio d'esse principe catholico.

A sua politica é toda de concordia e justiça e emquanto a Providencia guardar no throno da Austria esse velho soberano, que tanto tem contribuido para a sua conservação, não será certamente elle quem tocará o dobre de finados em memoria da monarchia dos Habsburgos.



Medalha commemorativa do Jubileo

Offerecida pela cidade de Vienna. — Modelo do professor Scharff. (*Illustrirte Zeitung*)



Monumento de Francisco José inaugurado em Ohmitz.

(Phot. de Banel de Olmitze Gn. : da *Illustrirte Zeitung*.)

# A ILHA DE CRETA

**A**EGUAL distancia da Europa, da Asia e da Africa, banhada ao norte pelo mar de Candia, a este pelo canal de Scarpanto, a oeste pelo canal de Cérigotto, ao sul pelo azul Mediterraneo — ergue-se, airosa e branca, a gracil e misteriosa ilha dos deuses, a Creta das cem cidades da *Ilíada* de Homero, mãe da Grecia, a Ida florida que as Rapsodias cantaram!...

Salve Creta, mãe do genio, como disse Castellar, terra da inspiração e do passado heroico! Salve ilha sagrada, berço dos deuses antigos, patria dos santos dos dias de hoje e, como outr'ora, ainda mais uma vez, ama de leite dos heroes. O mar celeste banha as tuas costas de marmore, os loureiros e os myrtos, symbolos da immortalidade e da gloria, dão agradável sombra aos teus filhos, as ondas do mar Egeu emballam-te docemente, e, docemente as brisas do Oriente passam sobre os teus campos, como uma caricia amorosa.

Os deuses da Asia, embriagados pelo pantheismo oriental foi na santa e gloriosa Creta que aprenderam a soletrar as palavras de liberdade e de justiça. As pedras informes que o Oriente adorava tomam no alto da Ida, as linhas da belleza immortal e o monolitho grotesco resurge no marmore em Jupiter dominador. *Antiquam exquirite matrem*, — dizia o oraculo de Delos. Procura a vossa mãe, oh Gregos! E Anchisa responde triumphante ao pobre Eneas vencido, arrastando, em cangalhas, os ultimos vinte navios — após a ruina de Troia. A mãe antiga é Creta; é para ali que devem vogar as galeras e as triremas dos que consultaram o oraculo d'Apolo.

E é para ali tambem que ha dias se dirigiu, á sombra do pavilhão azul e branco da Grecia, o Principe Jorge que deve pôr um termo ao soffrimento secular d'aquelle povo, o martyr da liberdade e da independencia, a victima do odio do Turco e da covardia da Europa.

Ao ler a historia ultima da Creta não sabemos a quem devemos dar mais razão, se a Homero que na *Odysseia* (XIX, 174) lhe chamou a terra risonda e festiva que surge do mar profundo, se a Virgilio na *Eneida* que a apresenta como a ilha de cem reinos á flor das calmas ondas; — ou se a Dante que no canto XIV do *Inferno* nos mostra a ilha maldicta :

In merz' l mar siede un paese guasto  
Diss' egli allora, che s'appela Creta  
Sotto il cui regno fu già, il mondo casto,  
Uno montagna vi è, che già fu lieta  
Di acque e de fronde, chi se chiama Ida;  
Ora e diserta, come cosa vieta.

(Existe no meio dos mares um triste, pobre e ignorado paiz, — que outr'ora, sob um cordato e bom senhor, — viu florir a idade d'ouro e renascer a virtude. Esse paiz é a Creta ou a Ida que eleva tristemente até aos céos a sua frente silenciosa! Outr'ora enginalhada de flores, de ribeiros e de verdura e hoje posta de parte, como uma terra impura!)

Pobre Creta! Não ha um palmo d'essa terra sagrada que não esteja enopada em sangue e em lagrimas.

Dos tempos heroicos em que a ilha fôra de lado o lado um vasto templo das theogonias gregas, o que resta? Ruinas de marmore calcinadas pelo sol, esburacadas pelas ballas de mil luctas sangrentas. E da epocha da occupação veneziana o que ficou? Aqui e ali villas arruinadas onde a custo se descobre o leão de São Marcos, um arsenal desmantelado onde outr'ora se construíram tantas galeras de Chimeras doiradas na proa arrogante, com as vellas de purpura e d'azul, enlevo da cidade das lagunas e dos doges.

Pobre Creta heroica!



PRINCIPE JORGE

1º Governador da Ilha de Creta.

Esta ilha que tantas paginas inspirou a poetas e a philosophos mede, no seu maior comprimento, do cabo Busco ao cabo Sidero, 240 kilometros e na sua maior largura 40 kilometros, do promontorio Dio ao de Metallum. Todas as suas costas são irregulares, cheias de cabos que se elevam a pique e de golphos profundos como os de Kisamos, de Canea, de Suda, d'Armyro, de Sitia, Messara. Uma cadeia de montanhas corre de este a oeste, dividindo a ilha em trez regiões diferentes.

As trez cidades principaes de Creta são : trez portos de mar, a Canea, o Rethymo e a Candia ou *Xania*, situada nas margens de Jordanos, cantado por Homero na *Odysseia*. A cidade actual data da occupação de Veneza. Vista de longe, tem um aspecto delicioso, dizem os viajantes, — porque ainda por ali não andamos. Sabemos que, como succede em todas as cidades do Oriente, tem ruas estreitas, mal cuidadas, falta d'acceio e uma grande multidão de preguiçosos que gostam mais de estar de papo para o ar, sob as arvores copadas, á sombra das lorangeiras e das oliveiras do que trabalhar. O porto é formado por uma cadeia de rochedos e, dominando a paisagem, ao longe, destacam-se no horizonte as montanhas brancas, coroadas de neve eterna.

A pouca distancia de Canea, encontra-se a famosa bahia de Suda, protegida dos ventos do norte pelos montes do cabo de Tripiti e dos ventos do sul pela pequena e verdejante ilha da Suda. E' ali que as esquadras estrangeiras costumam deitar ancora. O mar é quasi sempre calmo e d'um azul de turqueza diluida.

Ao sul da Canea, na vertente meridional dos Montes Brancos, estende-se a provincia de Aphakia, com os seus despenhadeiros a pique, sob os quaes se abriga um povo aguerrido, almas de patriotas destemidos, promptos sempre ao combate na defeza do direito e da liberdade da terra dos seus paes.

No centro de Creta, ergue-se, como um dedo de gigante apontando para os céos, o

monte Ida, tão celebre na mythologia grega. Fora ali que a cabra Amalthea amamentara Jupiter. N'umas excavações feitas em 1885 encontrou-se n'aquelle mesmo sitio um santuario e o começo do famoso labyrintho.

Na vertente do lado do Norte, á beira mar, vemos a pequena cidadezinha de Rethymo, com seis mil habitantes, capital da segunda provincia cretense. E' nas proximidades d'essa terra, tão celebre pelas luctas heroicas, povoada de fanaticos da independencia que se encontra a celebre gruta dos martyrs onde em 1822, os Turcos asphyxiaram mais de trescentos cretenses, — velhos, mulheres e creanças — que ali se tinham refugiado, com receio da vingança dos homens de turbante. Os soldados do sultão taparam a entrada da gruta com tojo e matto a que pegaram o fogo; e o fumo, entrando pela caverna dentro, matou em poucas horas os desgraçados fugitivos. Hoje é um dos muitos logares de peregrinação dos patriotas de Creta.

A cidade de Candia, outr'ora capital de toda a ilha, o orgulho dos doges, no tempo do poder veneziano, com mil monumentos de marmore, flor do Oriente á entrada do poderoso Occidente, — é hoje apenas a capital da terceira provincia, com doze mil habitantes, pouco mais ou menos. Toda em ruinas, immunda, desleixada pela incuria musulmana, os tremores de terra, os incendios, a guerra civil reduziram a esplendorosa perola da Edade Media n'um povoado pobre, triste e agonizante.

Das outras cidades nem vale a pena fallar senão como recorda-



Vistas de Creta.  
(Desenhos do natural.)

1. Casa em ruínas. — 2. Tropas turcas. — 3. Chefe cretense. — 4. Um cozeiro arabe.  
5. Throno de Bishop na igreja de Chrysospege. — 6. O porto.

ções historicas, as fontes de legendas mythologicas : Palaokastim que foi a Polyrrenia de Strabão; Argyropolis que foi a Lappa de ruínas monumentaes onde se adorou, durante seculos, Diana a caçadora; Phalososorna com os seus tumulos pelasgicos e o seu throno de pedra talhada no rochedo nu; Hyrtacina, com as suas muralhas que têm mais de tres mil annos; Temenia com as suas ruínas guerreiras; — cem aldeias risonhas e verdes perdidas em bosques de loureiros ou assentes na crista das montanhas, outr'ora cidades onde viveram heroes, cantaram poetas e amaram as deusas d'immortal belleza!

A historia de Creta perde-se na noite profunda da Historia. Para Deodoro da Sicilia os primeiros habitantes de Creta eram contemporaneos dos titans; e segundo Homero eram os acheenos fortes, os dorios cabelludos e os pelasgios divinos. Mas d'onde vem o nome de Creta? Será a metathese *Kreta* da forma primitiva *Karta*; (*car* e a palavra egypcia *ta*, terra) e portanto: *terra de car*? Se verdadeiramente foram os eteocrenses, segundo Strabão, os primeiros habitantes de Creta, a explicação é facil, porque esse povo vindo da Asia-Menor, trouxe o nome especifico do deus Car.

A população de Creta é hoje avaliada em 200 a 230 mil almas. Os musulmanos formam uma minoria, porque mesmo antes da ultima insurreição não eram mais de 60 mil. Hoje mais de metade tem emigrado para a Turquia e em breve toda a Creta estará inteiramente na mão dos cretenses. Convem notar que muitos habi-

tantes da ilha afim de escaparem á perseguição dos turcos, abjuraram a religião grega para seguirem a do propheta e a do Alkorão. Mas esses renegados, são muito mal vistos pela população em geral, e hão d'agora voltar de novo ás antigas crenças que por covardia tinham abandonado, sem convicção.

Ponhamos de parte as legendas sobre o berço de Jupiter, nascido dos flancos de Rhea e confiado pela mãe aos cuidados das nymphas que o guardavam do voraz Saturno, o papa-filhos, um pae bem pouco humanitario. É verdade que Plutão e Neptuno tinham a certeza que, mais tarde ou mais cedo, após uma villegiatura d'alguns centenaes d'annos no ventre do pae Saturno deviam ser vomitados para romper o pacto com os titans. Saturno, como a giboia satisfeita, exilou-se no Lacio em quanto os seus tres filhos assumiam o governo de mundo. Plutão abichou o inferno, excellente local para a temporada do inverno; Neptuno, marinheiro audaz, apoderou-se do imperio do mar, e Jupiter deu um pulo da montanha de Creta para o Olympo, d'onde foi expulso mais tarde por Jehovah.

Creta ficou sem deuses, mas Pluto continuou a tradição sagrada, principiando a dos semi-deuses, tão extraordinaria como a das *demi-vierges* dos tempos que vão correndo. Foi n'essa ilha sagrada que Hercules, o athleta dos athletas, realisou as suas proezas, — os doze trabalhos que assombraram o Olympo em peso, *match collossal!*

Começa depois o reinado de Minos, filho da nympha Europa, o heroe dos heroes, toureiro insigne, o mais valente *diestro* da antiguidade porque, segundo conta a lenda, matou cem touros. Sobre estas fabulas consultem-se as *Metamorphoses* de Ovidio que nos descrevem o Minotauro e as construcções de Dedalo.

Mas se d'essas eras fabulosas voltamos para a Creta da era das guerras gregas, vemos que foi n'essa ilha sagrada, segundo o *Asmolean Museum*, de Oxford, que apparecem pela primeira vez as escripturas alphabeticas, uma de caracteres pittographicas, como os hieroglyphos do Egypto e outra linear, como as syllabas da Asia Menor. É mais uma prova do grau do progresso em que se achava a civilização n'aquella ilha, segundo os trabalhos historicos de Evans.

Passemos em claro a dominação romana, para chegarmos á epocha da viagem do apostolo São Paulo. Foi ali que o collaborador mais intelligente de Christo propagou a fé catholica. A epistola de São Paulo a São Rito, o primeiro bispo de Creta, é um dos documentos mais curiosos da historia dos primeiros annos do Christianismo.

Após a morte de São Rito, toda a Creta estava christã, — coberta do conventos e de templos.

Mas, depois, que de perseguições e que longos annos de martyrio, durante a campanha contra o invasão arabe!



Almirante Noel.

Almirante Pottier.

Almirante Strydloff.

Almirante Bettolo.

O Principe Jorge e os Almirantes estrangeiros no palacio do Governo na Canéa.

O governo de Veneza é uma epocha curiosa da historia de Creta na Edade Media. Fluctuava o estandarte com o leão de São Marcos, — *heraldique lion qui fait rugir d'effroi*, segundo diz Hugo nas *Orientalles*. Esse dominio durou seculos, *il regno de Candia*, como se dizia então. A ilha foi transformada n'um vice-reino, governado por um representante da republica dos doges. Mas os cretenses revoltaram-se muitas vezes contra a republica do Adria-

tico, — quatorze insurreições que foram impiedosamente reprimidas.

Quasi um seculo depois da tomada de Constantinopla, Candia, a ultima fortaleza christã na entada do Oriente, cahia no poder dos turcos. Em 24 de Junho de 1665, uma armada de 400 navios musulmanos, com 50 mil homens a bordo, sahira dos Dardanellos e expulsavam os venezianos de Candia. Após alguns mezes de lucta, toda a ilha de Creta cahia em poder dos turcos.

D'então para cá, o estandarte verde do propheta tremulou aos ventos do mar Egeu, no alto dos campanarios — até que ha dias foi substituído pela bandeira de Creta.

Ser-nos-hia impossivel n'este pequeno artigo contar a lucta heroica de cinco seculos da Creta contra os invasores musulmanos. Basta dizermos que não existe um palmo sequer de terra n'essa ilha, berço de deuses, onde não esteja assignalado o logar d'um martyr da causa da independencia e da liberdade.

A ilha foi dividida, com a victoria dos turcos em pachaliks, sob a auctoridade de pachás, um em Canéa, outro em Rethymo e o terceiro em Candia. Os aventureiros cahiram sobre a ilha como um bando de corvos esfaimados; a soldadesca turca praticou toda a casta d'infamia e de roubo.

Mas a Russia estava d'alcateia e disfarçadamente ajudava os patriotas de Creta. O testamento de Pedro, o grande, indicando a seus successores o caminho de Constantinopla, abria um novo horizonte á politica do Oriente e fazia renascer a esperança no peito dos vassallos christãos do Sultão.

A questão é ainda uma das que mais interessa a diplomacia. O que deve fazer a Europa? Deixar a Russia esmagar a Turquia ou sustentar o Sultão.

Crêmos que o triumpho definitivo estará do lado da Europa Christã. De resto, a victoria da Cruz contra o Crescente acentua-se d'anno para anno: a independencia da Grecia, a formação de varios principados balkanicos e, ha pouco ainda, a expulsão dos turcos da ilha de Creta. Breve soará o momento do completo triumpho das reivindicações da *Hetaïra*.

Oh! os heroes da primeira cruzada que partiu do Peloponeso em 1821, essa epopeia cantada por Byron, por Schiller, por Victor Hugo, por Casimiro Delavigne, por Lamartine! E esse grande heroe, Canaris que com uma flotilha incendieia os navios turcos e faz bater em retirada Ibrahim! Seis annos depois, com o auxilio da França, da Inglaterra e da Russia, a Grecia sahe victoriosa. Mas Samos e Creta continuam sob o dominio turco!

No entretanto — que prodigios de valor não realisaram os filhos da heroica Creta contra os turcos. Deviam merecer como os seus irmãos das restantes ilhas do Mar Egeu, a independencia. Erro enorme da diplomacia europeia que seguiu os conselhos interessados d'Inglaterra.

*Eleutheria he thanatè!* clamavam os pobres filhos da Creta, — isto é, a liberdade ou a morte!

Mas a Europa christã fechava os olhos e os ouvidos, prestando-se ao jogo miseravel de Wellington.

A administração do Egypto em Creta foi por vezes intelligente, mas nunca deixou de ser um instrumento do fanatismo do musulmano, inimigo do christão.

Em 1841, o dominio do Egypto terminou, e Creta passou de novo para as mãos do sultão. Convem notar, — assim o ordena a imparcialidade da historia, — Abdul-Azis apresentou medidas muito liberaes em favor de Creta, em 1856. Se ellas tivessem sido cumpridas á risca, não se teriam dado depois tantos conflictos sanguinolentos. Mas o novo governador de Creta esqueceu no anno seguinte as determinações do firman, atacando as crenças dos cretenses. Rebentou então a insurreição de 1857, que terminou quando o sultão mandou retirar o sanguinario governador.

Nova insurreição em 1867, porque a Turquia tinha faltado á palavra dada. Os filhos da heroica ilha pediram a annexação á Grecia. O sultão enviou forças consideraveis que bateram os insurgentes. Mas o massacre do convento d'Arkadi encheu a Europa d'indignação. Os turcos victoriosos pelas armas, ficaram deshonorados diante da historia.

A Turquia viu-se obrigada a reconhecer aos christãos de Creta as garantias reclamadas pelo manifesto dos insurgentes de 1866: e formou-se a Assembléa de Creta.

Em 1878 organizaram-se em Creta dois partidos: o dos *autonomistas* e o dos *unionistas*. Mas uns e outros, o que ardentemente desejavam, era sahir do jugo da Turquia: ou formando um reino aparte ou realisando a união com a Grecia. No emtanto a paz durou até 1889, quando rebentou uma nova insurreição, reprimida cruelmente pelos turcos.

Em 1895, no fim de 4 para 5 annos, reuniu-se de novo a Assembléa Nacional de Creta. O Sultão quiz oppor-se ás suas resoluções e a guerra reapareceu com o seu cortejo de horrores. Em abril de 1896, tres mil insurgentes armados marcharam sobre Canéa e a Europa teve d'intervir. Tudo parecia entrar de novo na boa paz

porque o Sultão mostrava-se hypocritamente doce e reservado, quando em Janeiro de 1897 os musulmanos começaram a incendiar as aldeias christãs de Creta e a fuzillar mulheres e creanças na propria cidade da Canéa.

A vingança foi terrivel. A Creta inteira levantou-se como um só homem contra o poder do turco assassino. E se não fosse a Europa, querendo manter o *statu-quo*, a união com a Grecia teria sido feita immediatamente. Hoje é quasi um facto consummado. A nomeação do Principe Jorge da Grecia, recebido em Creta no meio das maiores ovações, indica-nos o fim do dominio turco na ilha martyr.

Como latinos, não podemos deixar de saudar com entusiasmo a victoria dos heroicos filhos de Creta.

Foi pelas canções populares que a heroica Creta insufflou na alma dos seus filhos o amor ardente da independencia e da liberdade. Vamos rapidamente estudar os cantos d'esse povo d'heroes que ferem quasi sempre a nota da insurreição, o odio ao turco e uma exaltada vindidade da sua raça.

A maior parte dos cantos guerreiros da patriotica Creta datam do seculo passado. As estrophes heroicas das primeiras luctas da independencia entoavam-se mesmo no meio dos banquetes e das danças. Constituiam o repertorio em geral dos cantores ambulantes que andavam de terra em terra, ao longo das estradas, por entre as oliveiras, á beira das fontes, murmurando n'um rythmo ardente, essas exaltadas estrophes. E' um traço caracteristico d'este povo que, mesmo no meio dos prazeres, não esquece os seus heroes.

Duas das mais velhas canções de Creta são a de Vergas e a de Vrachos. São dois heroes que cahem nas mãos dos turcos, depois de terem aterrado os oppressores com a fama extraordinaria de muitos feitos heroicos. Vergas escapou á vingança turca, mas Vrachos, esse, mais infeliz, foi executado. O heroe, — diz a canção — antes de morrer, voltou-se para a mãe e disse-lhe. — Enxuga as tuas lagrimas, oh! mãe, — e mostra aos homens emfim, que és uma mulher valente.

Em 1760, apparece o cantor popular Nanos que prégua a insurreição e mesmo o roubo.

Mas onde começa verdadeiramente a epopeia heroica, foi em 1770, na occasião da revolta do Peloponeso, fomentada pela imperatriz Catharina da Russia. Os turcos queimavam as aldeias e torturavam os revoltosos. O chefe dos sphankiotas insurrectos foi condemnado a soffrer o mais cruel martyrio: arrancaram-lhe a pelle em vida e collocaram diante do desgraçado um espelho para elle poder contemplar o trabalho dos seus carrascos. Em seguida, foram os annos de terror até que, em 1811, appareceu nas provincias orientaes da ilha



Desembarque do Principe Jorge em Creta

Os Almirantes das Potencias recebendo o novo Governador.

martyr o chefe Logios, um mestre d'escola que praticou acções de valor, correndo sobre os turcos a punhal e a trabuco, — até que foi um dia apanhado e morto pelos inimigos da sua patria.

Durante a guerra da independencia da Grecia, que principiou em 1821, a ilha de Creta sublevou-se mais uma vez, e as canções populares celebraram os feitos de Izélepis e de Aifakas, os insurgentes da parte occidental de Creta. Os poetas do povo cantavam sobretudo o padre Xepapas que do alto d'uma torre atirava aos turcos, como se fossem pardaes.

Os cretenses ficaram indignados contra os diplomatas da Europa por não terem sido incorporados á Grecia em 1830, e as canções populares da época são repletas d'ameaças contra os reis do Occidente.

Desde 1830, a ilha de Creta sublevou-se muitas vezes, — em 1833, 1841, 1858, 1866, 1871, 1889 e por ultimo em 1896. De todas essas insurreições, uma das mais graves foi a de 1866 que durou dez annos e que provocou as sympathias da Europa. Os dois heroes cretenses mais notáveis foram Chtzi Michalis e Criaris.

O primeiro vive ainda em Athenas. É um colosso, d'uma força muscular espantosa e com um coração d'ouro de lei. Quando principiou a insurreição, os turcos prenderam-n'o logo e metteram-n'o n'uma fortaleza de Candia. Mas altas horas da noite o prisioneiro levantou-se, subiu ao alto da muralha e deixou-se cair no fosso do forte, quebrando uma perna. Os seus amigos, conhecedores d'este plano d'evasão, levaram-n'o para longe, e depois de curado, o heroe commandou uma forte guerrilha, destacando-se pela sua moderação; — o contrario de Michalis que era um leão ferino, não poupando nunca a vida a um prisioneiro turco.

Nos seus cantos amorosos, os filhos da Creta não celebram senão o ciúme, a vingança d'aquella que trahiou o amor ardente e terrível, sem perdão. Nas danças, as mulheres e os homens dão as mãos uns aos outros e avançam e recuam com um passo rythmico. Uma canção fallamos d'uma menina que foi morta á pancada pela sua familia por ter dado duas rosas a um caçador que passava ao lado do seu jardim. A mãe, que viu o acto da filha, chamou o pae, os irmãos e os primos da desgraçada que, moida de cacetadas, expirou por fim. Diz a canção :

— O sangue corria em ondas e tingia os seus vestidos, — E por volta da meia noite, a menina agonisava. Sua mãe entrava e sahia, banhada em lagrimas, — E arranhava a figura e arrancava os cabelos, — O pae não se fartava de bater com as mãos nos joelhos.

E a canção continua :

— Queres tu o teu vestido d'algodão? Perguntou-lhe a mãe. — Queres tu o teu vestido de seda ou o de velludo? — Ou preferes o vestido verde que te deu o teu namorado?

— Não quero nem algodão, nem seda, nem velludo. — Não quero mesmo o vestido verde do meu namorado. — Quero os meus vestidos sujos de sangue. — E' com elles que quero descer ao inferno. — E que todos saibam na aldeia e na cidade — Que me mataram por causa de duas rosas.

Pela traducção livre que fazemos d'esta canção póde-se ver a austeridade dos costumes de Creta. As mulheres devem ser castas. E nada as macula tanto como terem sido tocadas, mesmo ao de leve, por um turco.

— Meu irmãozinho Peton, se tu es valente — Protege-me e não consintas — Que um turco me beije.

E' o fim d'uma canção muito popular em Creta.

Este povo de bravos adora as armas, porque a sua larga existencia tem sido um combate sem fim, successivamente escravizados, ora pelos romanos, ora pelos mouros, ora pelos venezianos e mais tarde pelos turcos. Por isso, o filho de Creta passará sem comer, mas ha de ter sempre dinheiro para comprar a sua reluzente espingarda que elle, com desvanecimento, dependura na parede do seu quarto. (Veja-se a popular canção.)

— Nunca um bravo deve vender a sua arma. — Deve guardal-a e dependural-a na parede. — E que ella se conserve reluzente, para excitar a inveja dos homens.

Eis uma linda canção dos cretenses em que é celebrada a proverbial hospitalidade d'esses altivos filhos de guerreiros :

Minha Mãe, está nevando nos montes,  
Está chovendo nos valles,  
Enxarcado e coberto de neve passa um  
[estrangeiro :  
Abre-lhe a porta e deixa-o entrar.

— Não temos pão, meu filho!  
para que chamar esse estrangeiro?

— Ha em casa do visinho que  
nol-o emprestará.

— Não temos mais vinho, meu  
filho! para que chamar o estrangeiro?

— Tenho ainda dez piastras, mi-  
nha mãe e podes ir compral-o.

— O meu enxergão é bastante  
largo, minha Mãe, e serve para duas  
pessoas.

Esta canção, nascida da alma do  
povo, indica-nos bem os sentimentos  
profundos de hospitalidade dos cre-  
tenses.

Nas aldeias da ilha de Creta não  
ha albergues. O estrangeiro é sem-  
pre o bemvindo, é o amigo desconhe-  
cido que compartilha o pão e o  
vinho.

Grande e delicioso povo! Possui  
todos as nobres virtudes : o herois-  
mo, o amor pela liberdade, a constan-  
cia feroz no amor, a absoluta frater-  
nidade para o estrangeiro.

Creta — a ilha heroica — encon-  
tra-se quasi victoriosa após tantos  
seculos de lucha contra os inimi-  
gos da sua raça. A insurreição de  
1896 foi a ultima, e em breve vere-  
mos a victoria definitiva do helle-  
nismo com a incorporação de Creta  
ao reino grego, como é o desejo de  
todos os patriotas da ilha. — Os tur-  
cos abandonaram, as suas posições, e,  
graças á energia das potencias, o

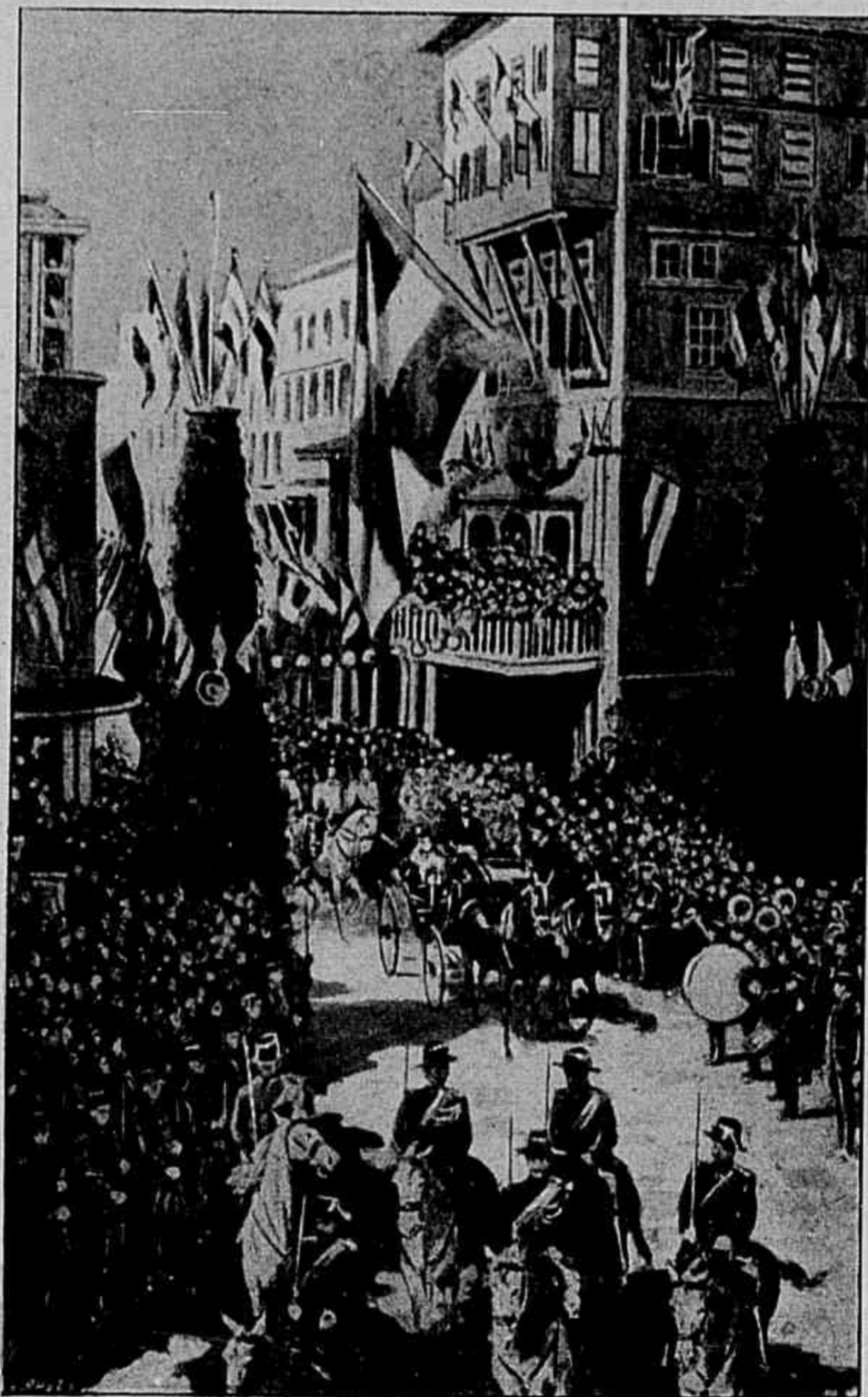
sultão teve de ceder. O Principe Jorge da Grecia é hoje o governador da ilha, que pelas nas tradições, lingua, religião e raça deve formar parte integrante da Grecia.

Cumpre-se o que outr'ora dizia o oraculo : *antiquam exquirite matrem*, os gregos buscam de novo a Mãe — que o turco infame pisava a pés e explorava, e que agonisara ha seculos sob a espada do sultão.

Ha muito a esperar da administração e do alto tino do Principe Jorge, segundo filho do rei Jorge 1º da Grecia e da Rainha Olga, nascido em Corfu em 24 de Junho de 1869. Capitão de mar e guerra da armada grega, é um marinheiro experimentado, — alto, membrudo, um gigante louro, d'olhos azueis, modelado como os atletas dos frisos do Parthenon. E' n'elle que hoje todo o mundo civilizado tem os olhos fixos, esperando n'esse Principe o continuador dos heroes da legenda e o vingador dos martyrs de cinco seculos de lucha pela liberdade.

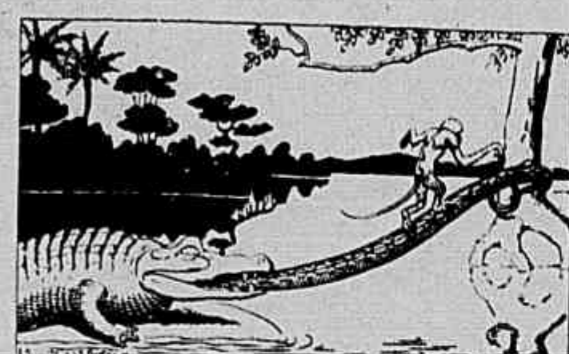
XAVIER DE CARVALHO.

Paris, 1899.



O Principe Jorge entrando em Creta.

O cortejo do novo Governador, atravy a rua da Canea.



Fligende Blatter.

A SERPENTE, O MACACO E O CROCODILO

# FAKIRS

**Q**UEM não ouviu fallar dos Fakirs da India? Das suas proezas milagrosas, das inacreditaveis penitencias que voluntariamente praticam, da sua mysteriosa influencia sobre as gentes e as cousas? E quem ao ouvir contar ou ao ler um d'esses tão estranhos feitos não sorriu de incredulidade, apesar da authoridade das testemunhas invocadas?



Ha mais de 6 annos que este fakir anda com o braço esquerdo levantado.

O que ha de verdadeiro e real em toda essa maravilhosa historia que nos vem do oriente, paiz de sonho e de encanto, propenso ás exagerações phantasticas, aos encantos e magias, aos genios e ás fadas das Mil e uma Noites?

É o que procuraremos investigar n'este despretençioso artigo.

Fakir é um nome generico, que deriva do arabe e quer dizer pobre. Não corresponde, como a principio se suppoz, a uma seita religiosa especial originaria da India. Ha fakirs que adoram Budha, outros que

adoram Brahma, e até ha fakirs musulmanos. É claro que estes fakirs nada têm de commum a não ser a miseria, as privações e a mesma theoria de ganhar ou antes de chegar á incarnação divina por meio de penitencias e martyrios.

O povo, porém, na India, simplista e crente, adora indistinctamente o fakir musulmano ou budhista. O que principalmente o captiva e attrahe e subjugua é a imagem viva do deus que elle julga incarnado no pobre indigente descarnado e nu que vive pelas aldeias e pelas cidades a exhibir, em requintados supplicios, o soffrimento do seu corpo magro e infesado.

Os fakirs devidem-se em trez cathogorias bem distinctas: os

*Dyarghis*, simples fakirs, que percorrem a India fazendo todos os exercicios que frequentemente vemos nos espectaculos europeos, jogando com bolas, engulindo espadas, deslocando todo o corpo de modo surpreendente ficando em attitudes de idolo ou de repugnante aleijão. Estes

fakirs são em geral actores, simples artistas que divertem e que de modo algum inspiram a devoção. Vêm depois os fakirs de

segunda classe, que não têm designação especial e vivem maravilhando o povo pelos terriveis martyrios que diaria e alegremente soffrem.

Muitos ficam durante mezes de pé sem dormir, nem comer, bebendo apenas uma horrivel tisana feita de hervas. Outros exhibem-se deitados sobre as pontas agudas e dilacerantes de pregos, e assim ficam, n'este leito de angustia, semanas e semanas, sem que o seu rosto accuse o menor soffrimento, conversando e philosophando com uma claresa de espirito que revela uma perfeita normalidade das funcções vitaes. Alguns, por penitencia, ficaram durante trinta annos, e mais, com os braços levantados; os braços atrophiaram-se, ficaram rigidos como barras de ferro, as mãos dobradas seccaram como as das mumias, as unhas cresceram



Ha perto de trinta annos que este fakir conserva os braços levantados.

prodigiosamente, e algumas d'ellas, voltando-se, entraram na carne como garras. Mais raros e mais venerados são os que *se enterram vivos*, e longos mezes passam n'esta *morte* apparente para depois resuscitarem. D'estes ha os que enterram só a cabeça, e os que se deixam sepultar inteiramente n'uma verdadeira cova. Os primeiros procedem do seguinte modo: Logo que a multidão que o segue respeitosa e prostando-se á beijar os seus andrajos sordidos, é bastante numerosa, o fakir pára, ajoelha-se e com as mãos começa a escavar um buraco na terra.

Assim que o buraco é bastante largo e profundo, o fakir envolve a cabeça n'um panno, mette-a dentro e com as mãos puxa a terra e rapidamente o enche. Os espectadores devotos, mas incredulos — porque não é raro encontrar mystificadores — approximam-se, examinam o chão em torno, calcam-no aos pés, deitam mais terra, verificam se o ar não pode penetrar por algum intersticio dissimulado, e logo que se tranquillizaram sobre as garantias

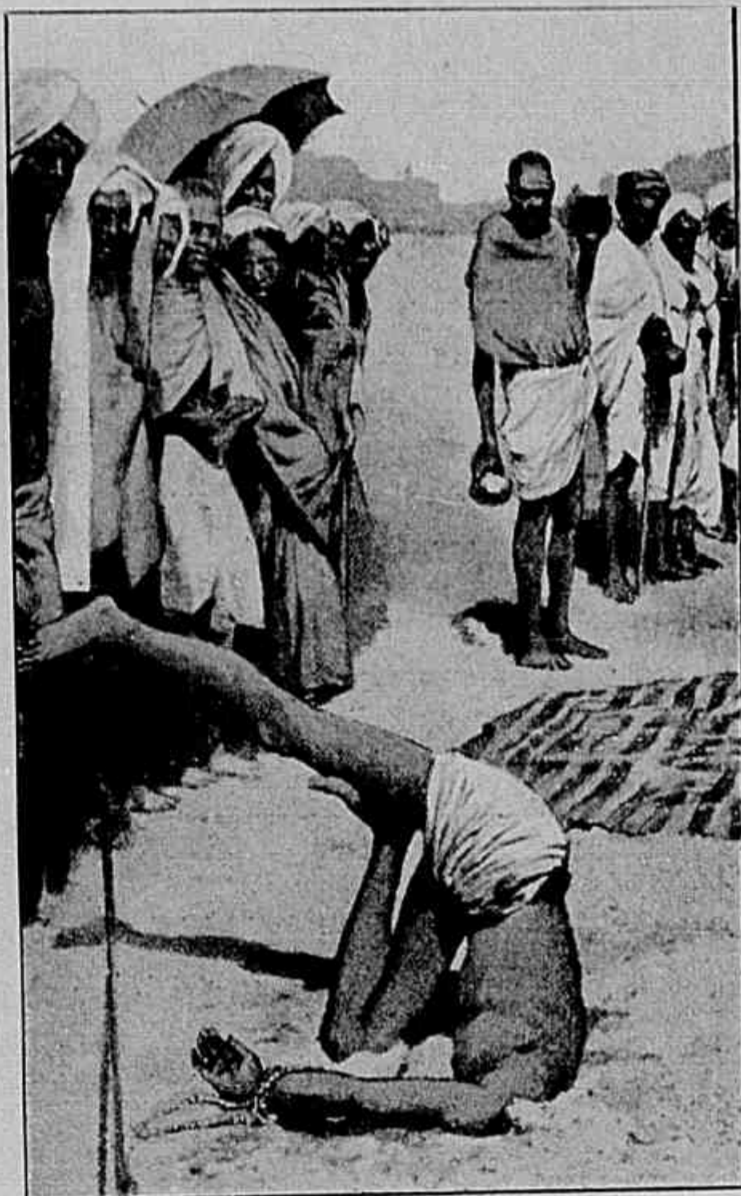


O Fakir Idolo, pela dislocação do corpo, toma as mais estranhas attitudes.



O Fakir Idolo na posição de um budha.

da experiencia, formam cerco em torno, depois de ter deitado as suas esmolas. Durante dias, semanas, mezes, o djorghis fica immovel, o corpo arqueado ou de joelhos, ou com uma das pernas erguida



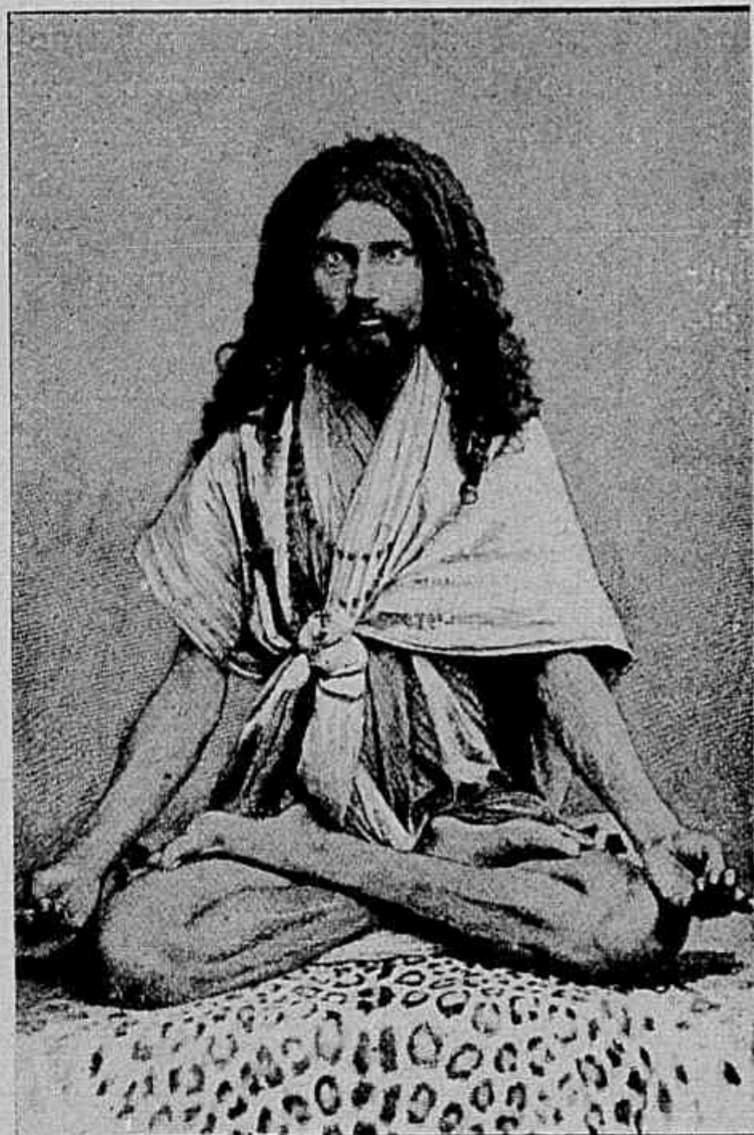
Durante 6 semanas ficou este fakir com a cabeça enterrada.

reposando sobre a ou tra dobrada. E não se pode dizer que haja logro ou mystificação porque logo que se sabe nas aldeias vizinhas que um djorghis se enterrou em tal sitio, a multidão accorre, e dia e noite fica contemplando o caso admiravel e santo, por curiosidade ou devoção. Este facto foi observado por milhares de viajantes europeos. Como explical-o? E como explicar os que vão seguir?

Por exemplo: um *atta-djorghis*, fakir da mais alta cathegoria — das quaes mais adeante fallaremos — tinha dito, ao rei indio Radjet-Sing, que era capaz de ficar sepultado durante 10 mezes

n'um mausoleo, de pedra e cal, ou ferro á escolha do monarcha e no lugar em que o mesmo quizesse. Por esse tempo tinham chegado em missão á côrte de Radjet-Sing varios officiaes inglezes, entre os quaes o general Ventura e o capitão Wade. O soberano indio não quiz perder esta occasião de maravilhar os seus hospedes europeos e mandou dizer ao fakir que accitava a sua proposta e estava disposto a pagar a somma que elle exigia.

O Radjah tinha mandado construir um tumulo de pedra e cal subterraneo, e quando o fakir chegou, no dia designado, conduziram-no á sua sepultura em presença do monarcha e dos officiaes inglezes, e mostraram-lhe um sacco de panno muito forte em que seria mettido e o caixão de grossa madeira em que seria fechado. O djorghis approvou serenamente as medidas de precaução que o Radjah preparara e indifferente ao sorriso ironico dos Europeos, despiu os seus pobres andrajos e depois de ter tapado com cêra todos os orificios naturaes, excepto a bocca, deitou-se no chão e tendo, com um estalido secco dobrado a lingua de encontro ao céu da bocca cahio n'um sommo lethargico, com os membros rigidos e todas as apparencias da morte.



Um Atta-djorghis, fakir da mais alta classe.

O Radjah mandou que o mettessem-se no sacco que elle pro-

prio sellou, que o introduzissem no caixão de madeira que elle fechou e do qual guardou as chaves, e tendo sahido com os officiaes inglezes e a sua comitiva ordenou que em sua presença fosse fechado o tumulo com pedra e cal e que por cima se deitasse grande quantidade de terra.

Não contente com semelhantes precauções, Radjet-Sing mandou semear aveia na porção de terreno que cobria o tumulo e poz sentinellas permanentes rondando o campo.

Dez mezes depois, o rei indio, foi, acompanhado do general Ventura e demais officiaes inglezes e outros Europeos, assistir á abertura do tumulo e do caixão que estavam intactos. O fakir não mechera sequer. Estava rigido e frio como um cadaver. Apenas no alto da cabeça um leve calor denunciava a vida. O coração e o pulso não batiam. Durante algum tempo, friccionaram-lhe o corpo e aspergiram-no de agua quente, e então o fakir resuscitou e sem fadiga como se tivesse acordado de um somno de algumas horas, contou aos assistentes, que, durante os dez mezes que acabava de passar sepultado, fizera os mais deliciosos sonhos que se pode imaginar.

Os officiaes inglezes testemunharam por escripto este inacreditavel caso.

Ultimamente em Londres, na Exposição Hungara, observou-



Este fakir enterrou a cabeça e assim ficou durante um mez.

se o mesmo caso que é hoje indiscutivel e aceito pela sciencia embora não se tenha ainda achado a explicação.

Os sabios que mais especialmente se dedicam ás novas sciencias espiritas, e entre outros M. de Rochas, uma authority em tal assumpto, pretendem que o corpo podendo se rcomparado a uma achina que transforma os alimentos em trabalho e que logo que este cessa pode permanecer muito tempo immovel e torna-se mais apta a trabalhar de novo, logo que a vontade o determine e os alimentos venham crear a energia necessaria.

Segundo esta theoria, os fakirs, por um habito excessivamente demorado tendo dominado e exercido a vontade, podem cesar totalmente o trabalho vital, não executar o menor movimento, não respirar, nem pensar sequer. Tendo-se assim aniquilado n'um repouso absoluto, podem ficar muito tempo sem necessidade de alimento, como uma machina que não trabalhando prescindia de carvão.

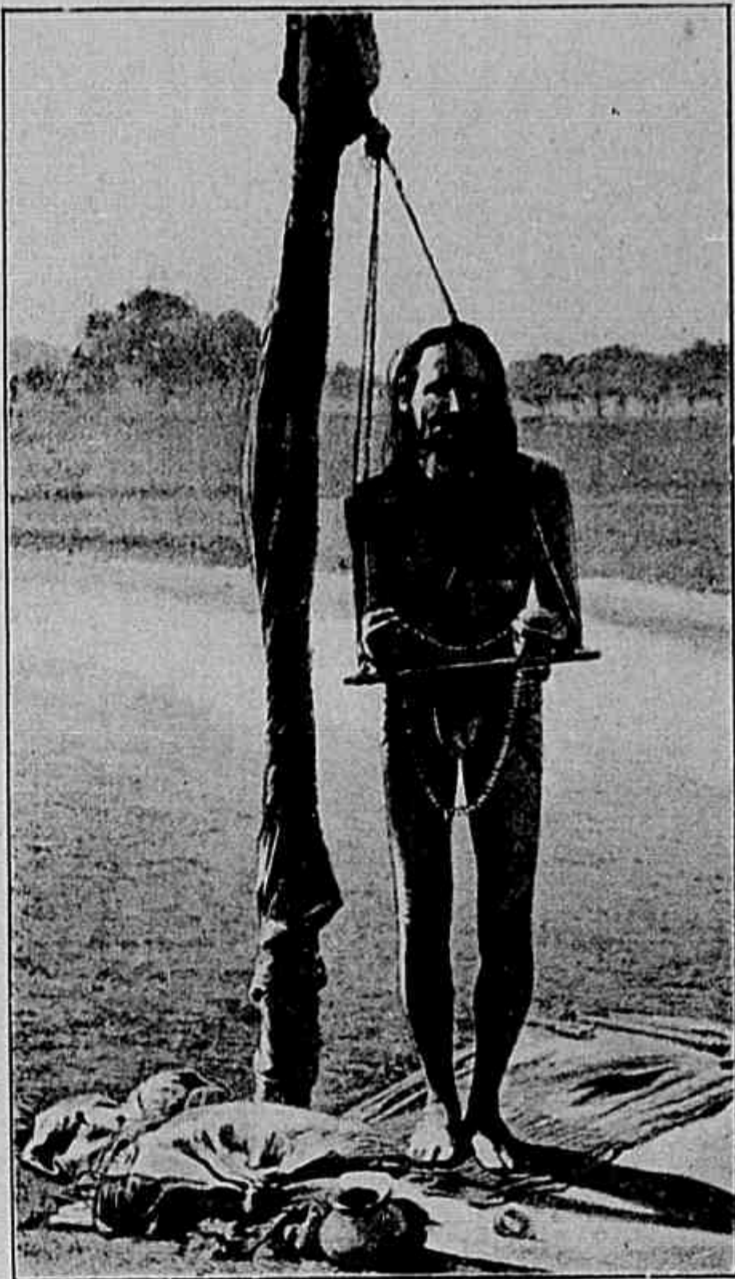
Esta theoria é, já se vê, uma hypothese apenas, e pode-se admitir porque não ha quem melhor explique o phenomeno, mas não porque practicamente possa ser corroborada.

Tudo isto é profundamente curioso e interessante, mas não

chega ainda aos prodígios que vulgarmente executam os altos fakirs, os *Atta Djorghis*, os que por longos annos de ascetismo e tortura chegaram quasi a ser divinos, isto é, muito superiores aos outros homens.

O poder d'estes djorghis é immenso. Não só pelo esforço da sua vontade podem fazer o que já contamos dos outros fakirs, mas conseguem subjugar os outros homens com um simples olhar, domesticar os animaes ferozes com um gesto, curar os doentes com uma palavra, e, de longe, fazer mover as coisas e os elementos: o fogo o ar e as aguas.

Estes fakirs têm um olhar deslumbrante como o de um deus, o rosto é fino e cheio de magestade, o corpo delgado, mas não disforme como os dos outros djorghis. Trazem sempre nas mãos uma varinha delgada que lhes



Durante cinco mezes este fakir ficou de pé.

serve para os encantos, e no pescoço um colar de ambar ou de pedras.

Para contar os milagres que lhes são attribuidos pelos viajantes Europeos mais dignos de crença, seria preciso dispor de muitas centenas das nossas paginas.

O Fakir, de alta cathgoria, pode de longe fulminar um homem, isto é fazel-o cahir no estado cataleptico, pode dominar as mais fortes e as mais scepticas vontades, como por exemplo, forçando os europeos incredulos a prostrarem-se, de joelhos, deante de si; se passa n'um campo onde um camponez irreverente, tirando agua de um poço não o saúda, o balde do camponez pára logo e por mais que o indigena attonito puxe não consegue erguel-o. O Fakir satisfeito parte, e mente leve, cede e o camponez no impeto do esforço que fazia cae por terra violentamente.

Um aleijadinho arrasta-se pelos caminhos poeirentos chorando logo o balde subitade dor, um *atta-djorghis* passa, compadece-se, toca-o com a sua vara, e o aleijado ergue-se de pé e livremente anda, para sempre curado.

No meio de uma multidão reverente o fakir senta-se, enterra no chão a sua vara, e n'ella enfia algumas folhas de figueira. Passam-se alguns minutos, durante os quaes o djorghis fita d'um modo extranho as folhas immoveis depois lentamente, como se uma força mysteriosa as animasse, as folhas agitam-se, tremem, curvam-se e finalmente descem lentamente pela vara para



Fakir sentado sobre espetos.

subirem de novo e de novo descerem ao capricho da vontade do fakir.

Emquanto os espectadores admirados não sabem como exprimir o seu espanto, o djorghis levanta-se e indifferente e activo segue o seu caminho para mais adeante tornar a fazer novo milagre.

Outros *atta-djorghis*, têm a especialidade de dominar o fogo. Nas noites serenas e estrelladas, nas pequenas praças das aldeias, não é raro encontrar um d'esses fakirs, no meio de uma turba numerosa e quieta. Perto d'elle uma fogueirinha arde e caprichosamente obedece ao poderoso effluveo da sua vontade; ora a chamma cresce como uma vara de luz, ora ondeia em espiral, ora se abre em leque, ora se alonga pelo chão como uma serpente, ora se apaga e acende sem que o



Este fakir fica, durante semanas, deitado sobre espetos de ferro.

fakir, a distancia, tenha feito mais de que encara-a de modos diversos.

Facto maravilhoso na verdade e que custa a acreditar. Mas como duvidar da sinceridade de tantos viajantes de nações differentes, que, todos do mesmo modo, o narram e o affirmam?

THOMAS SWETT.



# VIANNA DA MOTTA

ESTE grande artista portuguez, o interprete de Bach, de Beethoven, de Brahms, de Liszt, de Mendelssohn, de Chopin, de Haendel, o inspirado conferente da esthetica da *Tretalogia do Nibelung*, o compositor da *Rapsodia Portugueza*, do admiravel quartetto em sol maior, da extraordinaria e assombrosa symphonia *A Patria*: tem hoje uma reputação européa. Applaudido em Berlim, em Leipzig, em S. Petersburgo, em Moscow, em Copenhague, em Paris, em New-York, em Lisboa, no Rio de Janeiro, em Buenos-Ayres, — este virtuose da execução pianistica sabe imprimir ao teclado todas as cambiantes do rythmo. Ouvil-o é da alma nos ficar suspensa, n'um esvair intenso de paixão, n'um sonho infinito de Belleza!

\* \* \*

Segundo nos conta um dos seus biographos, Vianna da Motta foi d'uma precocidade espantosa! Aos cinco annos reproduzia n'um pequeno harmoniflute as peças musicas que ouvia tocar, e anno e meio depois conhecia já a musica escripta e lia, á primeira vista, as composições de varios auctores.

Aprendeu em Lisboa ainda muito moço, o piano com o fallecido professor Joaquim Francisco d'Azevedo Madeira, e, aos 14 annos, em 1882, concluiu os seus exames no Conservatorio. Protegido pelo rei D. Fernando e pela Condessa d'Edla, foi, subvencionado pelo avô do actual soberano portuguez, continuar os seus estudos na Allemanha. Coursou primeiramente o conservatorio de Berlim, estudando harmonia e forma musical, assim como as linguas latina e italiana, e a historia da musica. Em 1885 foi para Weimar, onde teve por professor o grande e immortal Liszt no piano e em contraponto o celebre Muller Hartung. N'esse mesmo anno deu seu primeiro concerto em Berlim.

Obtido este primeiro triumpho, Vianna da Motta voltou a Lisboa onde deu um concerto no Paço das Necessidades. No anno seguinte, morto o seu protector D. Fernando, seguiu de novo para Allemanha com uma pequena pensão de D. Augusto, tio do Snr. D. Carlos 1º. Mas o infante fallereu por seu turno, e o grande pianista viveu d'ali em diante de recursos proprios.

Durante os annos de 1886 e 1887 estudou Vianna da Motta em Berlim o piano, composição e instrumentação com o celebre professor Carl Shaeffer, e piano só com Hans von Bulow, em Francfort, que o considerava como o mais illustre de todos os seus discipulos. Foi este professor quem fez, ou melhor, completou a educação musical do grande pianista portuguez.

Como muito bem diz o critico Arroio, por essa occasião, Vianna da Motta fechara por completo o cyclo dos seus estudos musicas, acabára de adquirir a mais completa educação scientifica de harmonia, contraponto, composição e instrumentação. Estes dois professores fizeram-lhe comprehender toda a obra de Bach e Beethoven.

E Vianna da Motta tinha então apenas 19 annos. Tão moço

chegara onde outros nunca poderam attingir, no fim de 20 ou 40 annos de trabalho e estudo.

Em 1887 realisa o seu 2º concerto em Berlim; em 1888 percorre a Russia no meio do maior triumpho, sobretudo em São Petersburgo, Moscow, Revel, etc. No mesmo anno com Sarasate, deu 4 concertos em Hamburgo e Copenhague. Em 1888 e 1889 depois de percorrer a Allemanha, parte em « tournée » pela America do Norte. Em Março de 1893, dava uma serie de concertos em Lisboa e Porto, sendo por essa occasião agraciado por El-Rei D. Carlos com a commenda de São Thiago, partindo depois para Paris onde em 1894 tomou parte em dois concertos Lamoureux e organizava mais dois concertos na sala Erard.

Ainda me recorda o successo obtido pelo grande artista. As *Revistas musicas* de Paris dirigiram-lhe os mais entusiasticos elogios. Na opinião geral, nunca, até aquella data, no concerto Lamoureux, tocára um pianista d'egual força e d'egual valor.

Após uma serie de triumphos nas ilhas portuguezas e no Porto, no salão de Orpheon Portuense, o nosso pianista partira para a Allemanha onde fez uma *tournee* corôada de successos extraordinarios. O proprio Imperador lhe pedira para executar, n'um concerto da côrte, a sua *Rhapsodia Portugueza*, — que tanto successo produzia ha pouco me Paris.

E a sua viagem pelo Brazil! Nunca um pianista estrangeiro obtivera successo egual. No Rio, em São Paulo, na Bahia, no Rio Grande, no Pará, por toda a parte uma ovação delirante.

Vianna da Motta não é apenas um pianista insigne, é tambem um compositor admiravel. Eis a lista das suas principaes composições.

10 melodias para piano (lettra allemã), 4 peças de piano,

*Fantasia dramatica*, para piano e orchestra;

*Sonata* para piano a 4 mãos e rabecca,

1ª *Rhapsodia Portugueza* (para piano),

*Scenas Portuguezas*, (4 peças para piano),

*Cinco canções portuguezas*, para canto,

3 *Rhapsodias portuguezas*, para piano,

*A Patria*, symphonia para orchestra,

*Sonata*, em si b. para piano e rabecca,

*Quartetto*, em sol maior para instrumentos de corda,

*Canção perdida*, para canto.

7 peças para piano a 4 mãos.

11 melodias para canto (poesias brazileiras).

O grande pianista acha-se de novo em Paris. Já se fez ouvir e applaudir ultimamente no concerto Lamoureux dos Campos Elysiós e em breve teremos o prazer d'ouvil-o na sala Erard onde nos vae dar um concerto esplendido, que será, com toda a certeza, mais um grande triumpho para o pianista que, segundo a opinião da critica allemã, é o interprete de Bach, de Beethoven e Liszt.

Paris.

XAVIER DE CARVALHO.



O celebre Pianista portuguez

VIANNA DA MOTTA.

# As Millionarias Americanas

O multi-millionario, por mais prodigiosamente rico que seja, tem sempre alguns pontos de contacto com o resto da humanidade. Não se isola completamente, porque isso lhe seria impossível. Sua actividade cerebral, seus esforços e combinações não diminuem sensivelmente. Fica sempre um *business-man*, quer procure ainda augmentar o phantastico montão dos seus dollars, o que é o caso geral, quer se ocupe unicamente da gerencia de seus milhões. N'uma ou outra d'estas hypotheses tem que contar com as exigencias da vida economica e commercial que o cerca. Tem especulações em que em tempos se metteu, lutas começadas com certos rivaes ou, na maior parte das vezes, com a immensa e anonyma multidão da qual sonha centralisar, em proveito proprio, o trabalho e economias. É facil encontral-o na Wall-Street nos escriptorios das Companhias cujos conselhos de administração preside, nos corredores do Palacio presidencial, ou do Parlamento, ou dos Tribunaes onde tem processos correndo. N'uma palavra o millionario vive ainda, até um certo ponto, da vida de todos. Fóra

da existencia, estudemos um pouco a vida da donzella. O exame demorado da chrysalida é indispensavel a quem quer conhecer as phases de desenvolvimento da mariposa.

## DUAS ESTREIANTES

No inverno, que começa, devem justamente, fazer a sua entrada na sociedade duas moças muito jovens que pertencem á élite — aqui diz-se *a crème* — das multi-millionarias. São duas primas, tendo apenas dezaseis annos: miss Gladys Vanderbilt e miss Ruth Twombly. Miss Gladys Vanderbilt é a ultima filha de Cornelius Vanderbilt, a unica solteira. Será naturalmente o mais rico partido do mundo. Miss Ruth Twombly é filha de Hamilton Mackay Twombly e de sua esposa que é da familia Vanderbilt.

As duas moças são muito bellas e promettem naturalmente ser as rainhas da moda na proxima estação.

E' excusado dizer, que uma pessoa, joven e alvo de todos os olhares está largamente convencida da sua propria importancia.



Residencia do Snr. Jorge Gould em Lake Wood, Nova-Jersey.

do quadro habitual do seu palacio principesco da Quinta Avenida, ou da sumptuosa *villa* de Newport, é quasi um homem como os demais, e se não fosse a popularidade dada á sua physionomia pelos jornaes illustrados, passaria desaperecebido no meio do formigueiro humano que, sem cessar, sobe e desce os largos passeios de Broadway.

Não se pode dizer o mesmo de suas mulheres e filhas. Essas não partilham o aborrecimento dos negocios e o seu unico passatempo consiste em gastar, o mais depressa e copiosamente possivel, os *greenbacks* do pae ou do marido. Não se misturam á vil multidão das ruas nem de gente que não possua sequer um milhão de dollars para gastar diariamente. Pertencem a um mundo especial de onde absolutamente não querem sahir. Fóra d'este circulo, de nada se preocupam e tudo ignoram. De inverno não sahem da Quinta Avenida, de verão não deixam a praia de Newport. Tão estreitamente agrupadas, por vontade propria, como as mulheres hindus pelos preceitos e costumes, na casta a que pertencem, nem sequer suspeitam a vida que em torno d'ellas se agita. As suas relações limitam-se estrictamente á sua sociedade. Esta especie de reclusão relativa, ajudada pela educação completamente especial que lhes é dada, chega a compor-lhes uma mentalidade particular de que em vão se procuraria o equivalente.

Para melhor conhecer a Mulher n'este paraizo dos milhões, para termos uma ideia mais exacta da concepção que ella pode ter

Por mais dôce, encantadora e simples que seja naturalmente, é necessario contrefazer-se n'uma altivez de porte e n'uma arrogancia de tom que pouco a pouco se tornam as mais naturaes do mundo. Foi o que succedeu ás deliciosas miss Gladys Vanderbilt e Ruth Twombly das quaes nos occupamos.

A educação que receberam só teve um objectivo: preparal-as para a vida do *grande mundo* quer na America quer na Europa. E', em summa, a mesma que receberam e de futuro receberão as suas parentes e amigas. Na instrucção do seu espirito, só se procura evitar que sejam ridiculas caso se dignem fallar, e dar-lhes um verniz de arte, musica e litteratura, bastante resistente para que não estale e desapereça durante a rapida palestra de um jantar ou do salão.

As duas heroínas que nos occupam, conhecem um pouco de piano e um pouco de pintura; sabem andar com graça, fazer *uma entrada* n'um salão, tomar uma cadeira, sentar-se sem acanhamento e levantar-se sem gôcheria. Mas a sua verdadeira superioridade está na dança, á qual consagraram esforços constantes e sommas de dinheiro consideraveis, porque a dança na alta sociedade é infinitamente mais estimada do que a conversa.

Miss Ruth Twombly foi habituada, desde os quatorze annos, a frequentar as meninas de sua idade. Os seus aposentos possuem salão, sala de musica, gabinete de trabalho, *boudoir*, quarto de dormir e sala de banho. A maior parte de suas primas e amigas

No palacio de marmore branco de Newport, os aposentos de miss Consuelo Vanderbilt tinham seis quartos, sua prima miss Gertrude Vanderbilt tambem tinha aposentos particulares em New-York e Newport.

Dissemos que nenhum homem pode entrar n'esses aposentos.



LADY NAYLOR LEYLAND.

Temos porem privilegios particulares, pois vamos poder penetrar n'esses logares em companhia de nossos leitores.

Estamos em casa de Miss Ruth Twombly. Após uma anti-câmara sumptuosa, entramos no salão, e logo depois na sala de musica aonde um piano de cauda coberto de setim claro se harmonisa com a seda das tapeçarias. Innumeraveis estantes de musica contêm uma multidão de trechos cuja leitura faria dar urros ao amator de verdadeira musica. O gabinete de trabalho encerra, em soberbos moveis, os livros para moças, encadernados rica e preciosamente, uma mesa de trabalho, um globo celeste, etc. Mas a sala de predilecção é o *boudoir* encantador e luxuoso, onde miss Twombly passa a maior parte de seu tempo, onde recebe suas amigas e onde almoça por vezes quando quer fugir á solemnidade e etiqueta da mesa de familia.

Communicando com o quarto de dormir, apercebemos a sala de banho e o gabinete de toilette; n'este ultimo estão guardados os mil e um accessorios destinados a compor e accentuar as bellezas femininas, e devemos dizer que o gabinete de toilette de miss Ruth Twombly, embora seja o de uma moça, não é menos completo nem menos *guarnecido* do que o das *Professional Beauties* mais em voga.

Miss Ruth Twombly tem duas creadas de quarto addidas á sua pessoa e como veremos não lhes falta que fazer. Uma occupa-se exclusivamente da menina, penteia-a, veste-a e despe-a — não sei quantas vezes por dia — acompanha-a ás casas onde vae jantar, para arranjar o amarrotado do vestido, dar uma ultima volta ao penteado, pregar uma fivella, um alfinete, pôr miss Twombly em estado de affrontar victoriosamente os olhos inquisidores que vão fixar-se n'ella quando entrar no salão. Se miss Ruth deve voltar de carro, é a sua creada que irá buscal-a. Durante a temporada das festas é raro que a pobre creada possa deitar-se antes das quatro horas da madrugada o que não impede que logo pela manhã muito cedo tenha de acorrer ao primeiro toque da campainha de prata da

miss. A segunda creada de quarto tem uma tarefa differente mas quasi tão ardua. E' ella que se occupa de todo o enxoval, trata dos vestidos, de cada objecto de toilette, das luvas, dos lenços, dos sapatinhos de baile ou de passeio correspondentes a cada vestido. E' verdade que, ao menos, não precisa occupar-se de concertos, pois miss Twombly e as outras meninas da sua sociedade não têm o habito de se servir de vestidos usados. As toilettes de baile, soirée, por exemplo, nunca servem senão uma vez. Em todo o caso não falta trabalho á creada que tem que cuidar de um enxoval que annualmente custa de 75,000 a 100,000 francos.

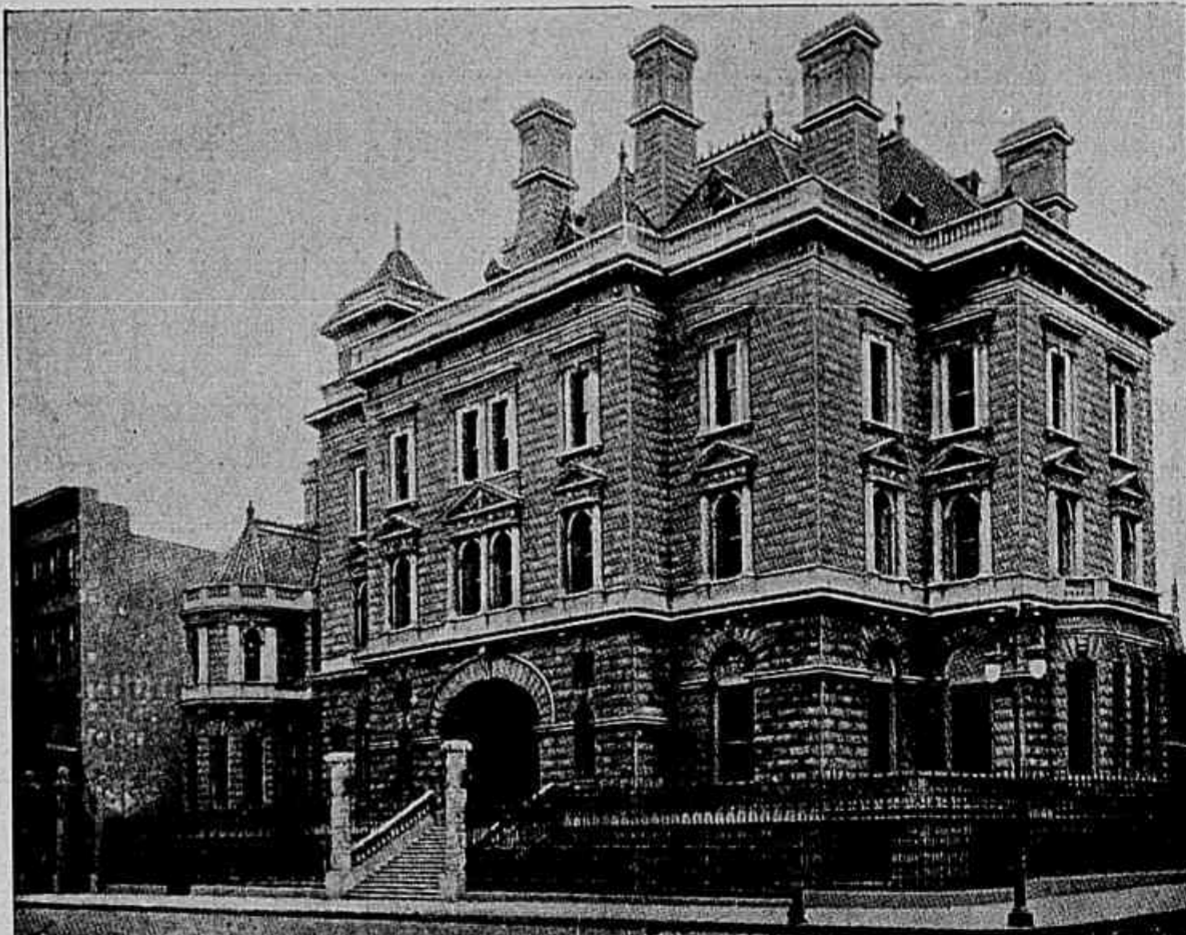
A *livrée* de mis Ruth Twombly compõe-se de seis creados: tres creadas para os aposentos e trez homens para as cocheiras. Já explicamos o emprego de duas creadas, a terceira trata das sallas e *bibelots*. Na cocheira ha: o cocheiro, o trintanario e o *groom* que escolta mis Ruth quando ella sae a cavallo e leva a sua correspondencia.

Todas as manhãs o *groom* vem receber ordens. Um laçao de serviço no vestibulo previne a creada de quarto, que avisa a sua patrão. Esta consulta o seu livro de notas, escreve o que fará durante o dia, e manda este pequeno *relatorio* a sua mãe para que seja approved; feita esta formalidade de deferencia a moça dá as suas ordens.

Pela manhã é muito possivel que saia no seu *duc* guiando os dois cavallos, ou que monte a cavallo seguida apenas do seu *groom*. Ás vezes tambem dá um passeio a pé com a mãe. Se almoça fora, é preciso que o carro esteja prompto, o carro ordinario, pois para a soirée só se serve de uma caleche especial que não amarrotta os vestidos. Quando entram na sociedade estas admiraveis creaturas já custaram a seus pais mais de seiscentos mil francos. Não é porem a educação que justifica uma tal somma... não. Tratam-na como uma boneca e realmente só vem a ser uma boneca.

#### PSYCHOLOGIA DA MILLIONARIA

Estas primeiras observações são demais significativas e não nos promettem nada de bom com respeito á mais bella metade da especie do multi-millionario americano. Mas para que não passemos por historiador inexacto e incompleto, somos obrigados a confessar que esta estúpida educação produz seus fructos e que estas donzellas, tão enfeitadas e altivas, excedem todas as irmãs dos dois hemispherios em inutilidade e vacuidade de espirito. Ha algumas excepções, infinitamente raras e das quaes mais adiante nos occuparemos. O que não se pode negar, infelizmente, é a frivolidade, a ignorancia, o orgulho absurdo, a secura de coração d'essas bonecas articuladas. Incapazes de trabalhar, tão pouco aptas a dirigir uma casa como a comprehender o papel do seu sexo na sociedade e na familia, ignorantes dos mais vulgares e elementares conhecimentos só têm



Residencia do Senr. Collis Huntington-Nova York.

um pensamento, uma preocupação, um cuidado: excitar a inveja de suas amigas ou parentes por meio de uma joia, d'um vestido, um cavallo ou um movel, de preço exorbitante. E afinal, logo que satisfizeram esta custosa phantasia, immediatamente d'ella se aborrecem. têm aposentos identicos. N'estes aposentos nenhum homem, excepto o medico, pode entrar, nem mesmo os creados do sexo masculino.

Semelhante procedimento tem por effeito falsear as condições de vida economica do paiz. Os objectos não têm valor proprio, mas sómente o que o capricho lhes determina. Uma coisa qualquer de moda entre as bonecas da Quinta Avenida subirá a um preço louco para cahir, logo que o sopro da phantasia tenha passado, a um preço insignificante e ridiculo.

A continuidade de preocupações tão mesquinhas, influe decerto do modo mais nefasto nos cerebros das mulheres e filhas dos millionarios americanos. As sensações de arte são-lhes desconhecidas e nunca assistirão a um concerto ou representação theatral só

pelo prazer de ouvir e apreciar a pura belleza de uma obra-prima. Procurarão simplesmente saber se o preço dos logares é bastante elevado para que justifique a sua presença, ou se uma das directoras de sua conducta — M<sup>me</sup> Astor, por exemplo, — está disposta a honrar o espectáculo com sua presença.

Propositalmente ignoram a consolação dos infortunios que as

ignoram, nos outros paizes, as mulheres de sua idade. Os mais delicados sentimentos morreram n'ellas. A noiva do eleito do seu coração, decerto o abandonará sem magua, se outro rapaz, com mais alguns milhares de dollars a pedir em casamento. Jorge e Sanger Pullman, filhos do celebre constructor de Palace-Cars,

tinham pedido e obtido a mão de duas lindas meninas : Jorge a de miss Félicita Ogleby e Sanger a de miss Lynne Fernald. O *flirt* d'estes namorados era objecto da admiração geral em Newport. Mas M. Pullman, tendo morrido, só deixou a cada um dos seus filhos 15000 francos de

renda e logo as duas raparigas retiraram suas palavras, dispostas talvez a dal-as de novo se o testamento de M. Pullman fosse invalidado pelos tribunales.

Se o amor do dinheiro já está tão fortemente enraizado em corações de quinze annos, que proporções tomará, com a idade, esta paixão? Temos um exemplo perfeito na pessoa de Miss Hetty



Condessa Zichy,  
de Nova-York.



M<sup>me</sup> Florença Romer,  
de Nova-York.



M<sup>me</sup> Dicktinson,  
de Illinois.

Grandes Millionarias Americanas.



O "Union Club" frequentado pela aristocracia dos millionarios de Nova York.



"Astoria" o maior e o mais luxuoso "Hotel" do mundo em Nova York.  
« Propriedade do Millionario Astor. »

cercam. Nunca quererão levar, em pessoa, um soccorro a um indigente de quem lhes assignalaram a miseria. Mas não deixarão de enviar uma forte somma a um jornal que publique os nomes dos subscriptores, porque este é ainda um meio de ostentação e de afirmar o peso de seus dollars.

Tudo isto concorreu para lhes dar uma seccura de coração que

Green, a mulher mais rica dos Estados-Unidos. Esta não é uma simples boneca como as outras; pelo contrario, é um cerebro dos mais dotados, mas cujas faculdades reaes tiveram uma singular applicação. Com a sua fortuna de 500 milhões M. Hetty Green, habita em Brooklyn, n'uma casa de hospedes, um quarto de 35 francos por semana! E porque? Para não pagar impostos! Com

efeito, pelo poder da sua enorme fortuna M. Hetty Green escapa ás obrigações que têm os mais pobres dos seus concidadãos. Os immoveis que possui tinham naturalmente impostos consideraveis que ella conseguiu não pagar. Eis de que modo:

Cinco bancos de Chicago tinham em deposito sommas enormes de M. Green. Esta preveniu a esses bancos que se o cobrador da camara teimasse em reclamar-lhe os impostos ella retiraria, immediatamente, dos bancos os seus depositos. Os bancos, por seu lado, preveniram a camara municipal de que, se miss Green tirava os seus depositos, os bancos ficariam na impossibilidade de se occupar das contas da cidade. E em presença de uma tal eventualidade o recebedor de Chicago não voltou a reclamar.

Assim, pela força do seu dinheiro, uma mulher conseguiu collocar-se acima da lei. E coisa ainda mais extranha: como a cidade de Chicago tem necessidade de dinheiro para suas despesas municipaes, é forçada a repartir pelos seus habitantes os impostos que deveria pagar M. Hetty Green. E' verdade que a proprietaria

de uma das maiores fortunas do globo atravessa, a pé, todos os dias, a ponte de Brooklyn para não pagar 50 reis!

Se M. Hetty Green é a mulher mais rica dos Estados-Unidos a *Señora Cousino*, que ha pouco fixou residencia em New-York é a mulher mais rica do globo. A sua fortuna excede 1 200 milhões de francos. A *Sr<sup>a</sup> Cousino*, que é chilena, é tão prodiga quanto miss Green é avarenta. E comtudo sabe fazer entrar nos seus cofres as sommas loucas que desperdiça com tanta ostentação e tão pouca intelligencia. Prodigalidade não exclue rapina. Aos tra-



Madame Genevieve Walbace de Nova Orléans.  
« Possue uma fortuna de 300 milhões. »

balhadores de suas minas de prata de Lota, paga a *Sr<sup>a</sup> Cousino* o menor salario possivel. E mesmo este salario volta quasi na totalidade aos seus cofres, pois estabeleceu perto das minas armazens e lojas aonde os mineiros vêm forçosamente fazer as suas compras. A cidade inteira pertence-lhe e assim novos milhões vêm, todos os annos, juntar-se aos numerosos milhões.

Como gastal-os? Talvez se julgue que as miserias que a *Sr<sup>a</sup>*

*Cousino* contempla lhe suggerem a ideia de consolal-as? De modo algum. Aqui está como gasta o seu dinheiro: se uma esquadra americana faz escala em Valparaiso por exemplo, logo os officiaes —

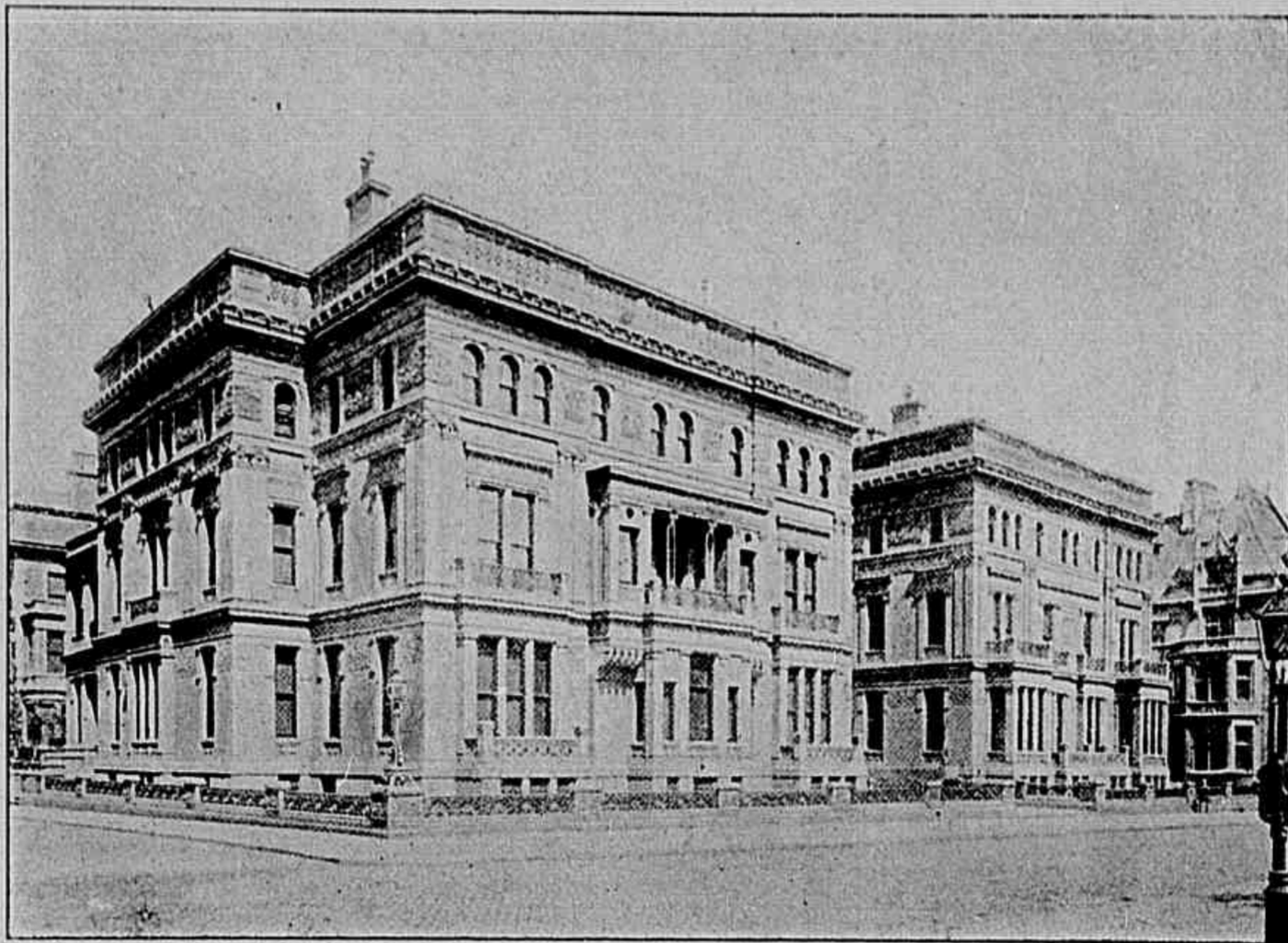
só os officiaes — ficam sendo os hospedes da rica Chilena. Um trem especial, pago por ella, vae buscal-os ao porto e tral-os a Santiago. Ao mesmo tempo estes senhores são avisados que podem levar de Santiago tudo quanto lhes convier. Theatros, restaurants, bars, lojas de toda a sorte estão á sua disposição: é a *Sr<sup>a</sup> Cousino* que paga. Outras vezes, convida varios amigos a uma viagem por mar, durante a qual aproa á Terra de Fogo, desembarca, faz um festim e organiza um baile em presença dos indigenas estupefactos. Que singular ideia esses pobres seres devem fazer da nossa civilização?

Quando as mulheres multi-millionarias não são ferozmente avarentas como Miss Green, ou loucamente prodigas como a *Sr<sup>a</sup> Cousino*, exageram o *snobismo* como Miss Jack Gardner a *bôa maniacca* de Boston. Essa cultiva as celebridades sejam quaes forem. Frequenta as sessões de box, apaixonou-se por Corbett, aprecia

os musculos de Sandow, dá 5 000 francos a Padrewski para que lhe toque um pedaço de musica, patrocina os actores chinezes e até confisca Paul Bourget, que ella obriga a escrever um certo numero de paginas d' *Outre-mer*, em sua casa, na soberba Villa de Beverley Farms.

Se, de M. Jack Gardner, passamos a outras, sempre encontraremos as mesmas particularidades com algumas variantes. Avarenta, prodiga, ou excentrica a mulher do multi-millionario é principalmente egoista. O unico culto que professa é o do primeiro prenome pessoal. Este

egoismo será applicado de diferentes modos, mas o principio é sempre o mesmo e da mais inferior qualidade que se possa encontrar. Educada á parte, fora da humanidade, a joven Americana da Quinta Avenida nada quer saber da humanidade. Ficará sendo o cerebro vazio e o coração secco, sem que jamais um sentimento elevado, uma paixão nobre, uma ideia delicada, venha lembrar-lhe que ella é mulher.



Residencias de Guilherme Vanderbilt e de D. Sloane. Nova-York.



Madame Luisa Busch.  
Riquissima Senhora de Saint-Luir.

A educação que recebeu, os exemplos que vê, a própria existência quotidiana, despedaçam inteiramente a energia e a coragem da mulher americana da sociedade dos *Quatrocentos*. Neste paiz da actividade e do trabalho, ella é incapaz de um esforço e sobretudo de um esforço util. Para que se arrisque a fazer alguma cousa é preciso que essa cousa seja perfeitamente inutil. Uma senhora qualquer que subirá a pé o Valle do Nilo para pasmar suas amigas, ou que se privará de somno para que logo, pela manhã muito cedo, seja vista guiando o seu carro, considerará não só como indigno mas como superior ás suas forças o mais facil dos trabalhos de senhora : os bordados ou as tapeçarias.

Uma mulher dotada como Miss Edith Van-Buren, por exemplo, poderia ter prestado, em torno de si, grandes serviços, fazer obra notavel de utilidade social, com muito menos energia do que a que empregou na sua excêntrica viagem ao Klondike. Muito rica, pertencendo a uma familia excellente, filha de um antigo embaixador no Japão, irmã do actual consul dos Estados-Unidos em Nice, miss Edith Van-Buren, só tinha até agora, como predicaos á admiração do mundo, uma vaga semelhança com Maria-Antonieta, um primeiro premio dado ao seu carro na festa das flôres em Nice, e ás atenções continuadas que o rei Leopoldo da Belgica lhe prodigalisou durante uma estação inteira em Aix-les-Bains. Um dia porém, percorrendo a California com uma de suas amigas M. Hitchcock, formou o projecto de ir visitar as minas de oiro do Klondike. Immediatamente começam os preparativos, compram uma tenda, conservas, redes de dormir, almofadas, etc., e um bello dia as duas viajantes desembarcam em Dawson-City.

Mas logo que desembarcaram surgem as difficuldades.

Não conhecem nada das condições de vida. Não sabem nem levantar a tenda, nem cosinhar, nem mesmo abrir as latas de conserva. Installam-se n'um hotel, cujo preço é de 50 francos por dia e por cabeça. E' verdade que esta circumstancia pouco as encommoda.

Mas, como vieram para ver as minas, é necessario irem ás minas. Tomam ao seu serviço um creado, atravessam o rio, e chegam á cidade das Tendas, Tent Town. Por felicidade o creado é um verdadeiro mestre Jacques que as serve com rara intelligencia, lhes dá de comer e faz com que durmam soffriavelmente, mas logo que se ausenta as deixa em



MADemoiselle JULIA FORAKER

Millionaria de Cincinnati.

perigo de morrer de fome. A unica coisa que conseguem fazer é instalar um serviço religioso aos domingos, na sua tenda, aonde um ecclesiastico, pastor de admiravel dedicação, vêm dizer a missa.

A esta cerimonia collaboram as miss com uma caixa de musica que trouxeram e que toca os psalmos mais frequentemente uzados.

Mas a visita das minas, não poderia ter sido realisada-se dois

ricos proprietarios F. Smilh e Mac-Donald, não tivessem vindo soccorrel-as. Foram elles que organisaram a viagem, forneceram os cavallos, que as senhoras não poderam utilizar por falta de habito, que prepararam as pousadas e as mudas e enfim chegaram ás minas. Ahi poderam as duas *inuteis* contemplar o trabalho que produz os seus milhões. Viram os exploradores do oiro entrando até aos joelhos na lama e agua gelada, para procurar o precioso metal ; e, suprema ironia, um dos mineiros offereceu á riquissima miss Edith uma pepita de oiro que acabava de extrahir — *para que ella a fizesse feliz*.

Tempos depois as duas viajantes regressavam a New-York muito orgulhosas da sua inutil proeza, mas jurando intimamente que nunca mais cairiam em semelhante aventura.

Esta é uma das feições mais desoladoras da existencia das rainhas do *Dollar*. A futilidade da existencia levada a este ponto, constitue um verdadeiro perigo social e desmoralisa completamente um povo e uma raça. E sem exaggeração se pode dizer que estas bonecas inactivas e automaticas trazem em si, pelo contagio do mau exemplo, o mais funesto dos germens para a emancipação intellectual da mulher americana.

#### AVE RARA

Não ha regra sem excepção. Por vezes uma natureza privilegiada resiste victoriosamente a esta educação deprimente e, apesar de tudo, chega a ser uma verdadeira mulher. Foi o que aconteceu a miss Helen Gould, a filha mais velha do celebre millionario Jay Gould. Apesar da sua immensa fortuna miss Helen Gould ficou solteira. Hoje tem trinta annos e não parece ter pressa de tomar — *dois drachmas* de matrimonio em pilulas — como diz Sganarello. As futilidades que constituem as delicias de suas amigas deixam-na completamente indif-

ferente, porque tem em vista preocupações mais altas e mais nobres. Patriota ardente, acima de tudo, pensou partir como enfermeira para Cuba quando as hostilidades começaram, tendo por companheiras duas de suas amigas miss Adèle Gardner e miss Margaret Chauler. Mas como seu irmão mais moço, Franck, gravemente doente, necessitava dos seus cuidados a joven americana mandou em seu lugar um cheque de quinhentos mil francos



MISS HELENA SEITH

uma das millionarias de Alabama.



CONDESSA DE ROCHEFOUCAULD.

Uma das raras moças americanas que sem fortuna casou-se com um rico fidalgo francez.

para serem applicados á defeza nacional. Para lhe agradecer, o thesoureiro M. Ellis-H. Robert, inscreveu o nome de miss Helen Gould na Kalendario dos Patriotas.

Miss Helen Gould não é sómente uma mulher de coração é tambem uma forte cabeça e tem dado muitas provas da sua energia e força de vontade. No momento da morte de seu pae Jay Gould, uma tal mistress Angele dizia por toda a parte que era ella a mulher legitima do millionario e a companheira dos seus annos de lucta, ameaçando intentar um processo aos herdeiros, e as cousas tinham chegado a um ponto tal que os filhos do millionario, temendo o escandalo, pareciam querer comprar o silencio da aventureira.

— Demos-lhe alguns milhares de dollars e essa mulher deixar-nos-ha socegados—disse George Gould no conselho de familia.

— Nunca! interrompeu miss Helen. Se for preciso, consagrarei a vida inteira a descobrir este mysterio, pois não quero que a memoria de meu pae conserve esta mancha.

E corajosamente Helen Gould fez o que disse. Mistress Angell suppozera sem duvida que os annos decorridos tinham destruido todas as provas contrarias ás suas pretensões, mas contara sem a invencivel obstinação de miss Helen. Esta revolveu ceu e terra, escreveu aos velhos amigos de seu pae, foi vel-os, procedeu a uma investigação completa e pode enfim trazer ao tribunal a prova que seu pae nunca tivera a menor relação com mistress Angele.

Miss Helen professava um verdadeiro culto pela memoria de seu pae. Quando Jay Gould morreu, os severos artigos necrologicos dos jornaes fizeram-na soffrer muito. Compreendeu que esses ataques não eram injustificados e se perante o mundo altamente protestava contra elles, intimamente, em presença de amigos fieis, soluçava amargamente.

A caridade de miss Helen Gould é inexgottavel. As suas dadas são principescas. Os dotes que fez á Escola de Direito de New-York e ao collegio Autgen são verdadeiras fortunas. O seu nome figura sempre á frente de todas as subscrições abertas para as calamidades publicas e sempre por sommas consideraveis. Fundou pensões a Wellesley, outras em Mount Holyoke e recentemente presenteou a Escola de Engenharia de New-York com uma quantia consideravel. E toda esta generosidade é feita com uma descrição que admira. Em 1895 um dom de um milhão e duzentos mil francos foi attribuindo á Universidade de New-York por uma pessoa generosa mas anony-

ma. Só muito mais tarde, por uma indescrição do banqueiro, se soube que essa pessoa era miss Helen Gould.

Hoje, a joven millionaria administra em pessoa a sua colossal

fortuna, para o que seguiu durante um anno os cursos da Escola de Direito. Recebe e sae raras vezes. — Não é porque não goste de receber — dizia ella um dia ao autor d'estas linhas — gosto muito da sociedade mas falta-me o tempo...

E depois miss Helen preoccupa-se muito pouco de toilette. Durante o ultimo inverno as senhoras da Quinta Avenida notaram com surpresa que a herdeira de uma das maiores fortunas dos Estados-Unidos, trazia sempre o mesmo chapéu, e essa surpresa subiu ao paroxysmo quando descobriram que esse chapéu já ella o trouxera du-

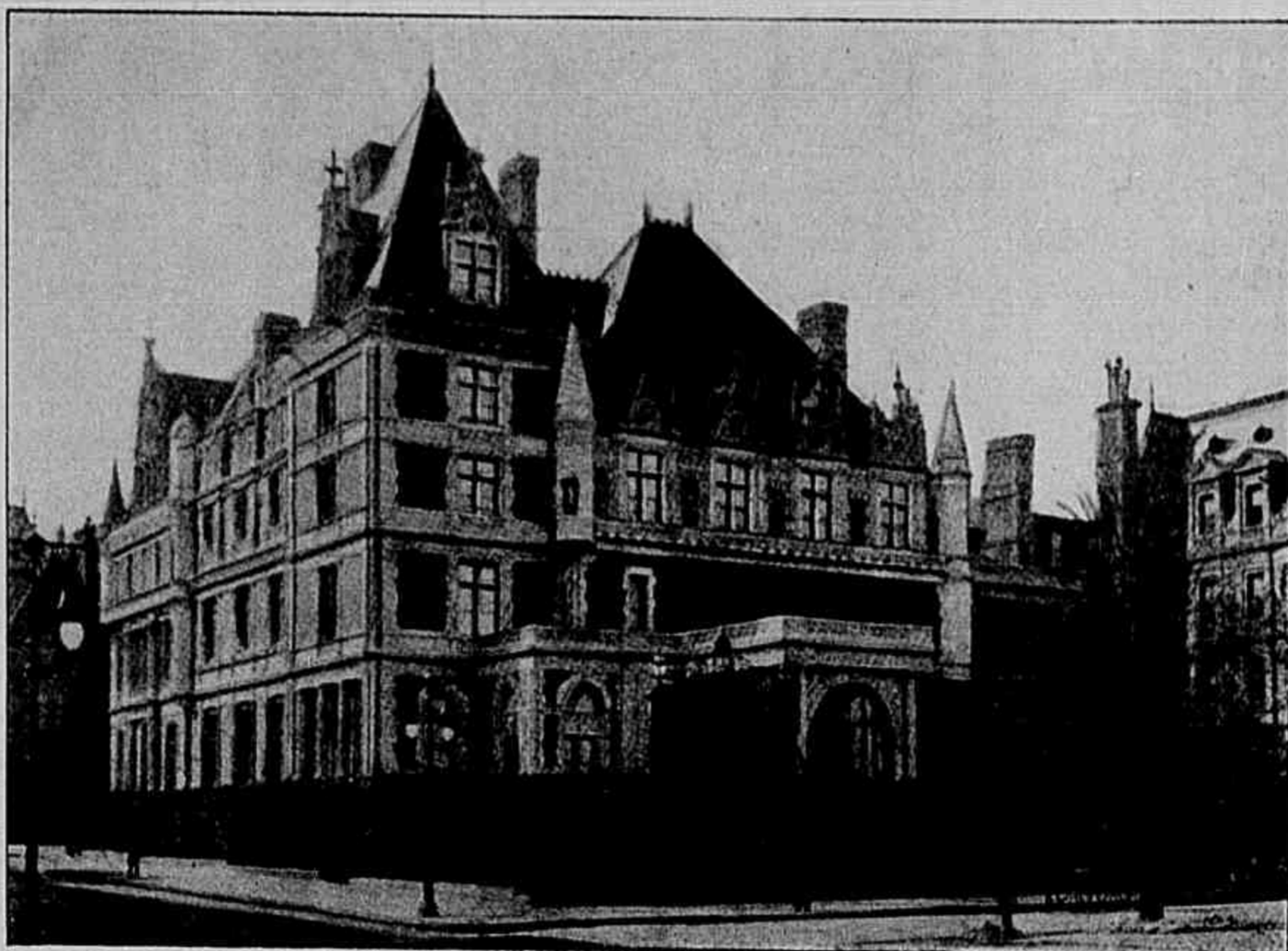
rante o outro inverno. Miss Helen Gould, não é comtudo, como se poderia suppor, uma *Spinster* desconfiada e embirrenta.

E' uma cyclista apaixonada fazendo longos passeios pelas margens do Hudson com sua cunhada M. Edwin Gould; é uma fervente dos jogos e exercicios physicos; adora as flôres como se pode julgar pelas suas estufas de Lyndhurst celebres em todo o mundo; e principalmente tem a paixão das creanças, que loucamente ama. Esta é em summa a grande paixão da sua vida. No seu palacio contantemente organisa festas para as creanças de suas relações, festas sumptuosas que enchem de alegria os felizes bebés e são os melhores momentos da existencia de miss Helen. A proposito d'esta affeição materna conheço eu uma deliciosa anedocta.

Um dia pela manhã, um carro puxado por dois soberbos cavallos estava parado á porta da casa Gould ao canto da Quinta Avenida. O *groom* que o guardava, um rapazito de doze annos tinha enfiado as guias no braço direito e investigava toda a casa, todas as janellas com uma febril curiosidade. Por traz das cortinas de renda, miss Helen Gould observava esta scena, enternecida. Era evidente que o rapazinho sabia perfeitamente onde estava e procurava ver a dona da casa. De repente os cavallos recuaram n'um movimento brusco e a creança caiu por terra, batendo com a testa na beira do passeio de granito. Miss Helen não perdeu tempo a chamar os creados. Abriu um armario, tirou um frasco de alcool camphorado e correndo saiu, chegou perto do *groom* e pondo-lhe a cabeça sobre os joelhos começou o tratamento. A ferida era porém mortal e a creança morreu sorrindo, tendo decerto reconhecido aquella que procurava e por quem tinha sem duvida um d'estes amores de infinda delicadeza que só germinam nos corações de doze annos.

Da *Revue des Revues* (Continua).

L. DE NORVINS.



Residencia de Cornelio Wanderbilt em Nova York.



MADemoiselle FLORENCE.

Millionaria da California, Hoje casada na Inglaterra com o Barão Clifford Old-Hall.

# Os Tres Maridos d'Adelina Patti

**E**RA bem de suppor que depois de uma vida aventurosa e ainda o que é mais grave cincoenta e oito primavéras bem contadas, o celebre rouxinol das epochas passadas procurasse acabar a ultima phase da sua agitada existencia, na doce solidão e no supremo confortavel do seu soberbo castello de Craig-Y-Nos. Segundo a opinião de um chronista, a illustre cantora não faz mais que obedecer a uma mania hereditaria, pois em toda a sua familia a viuvez e o matrimonio, succediam-se constantemente.

Adelina Patti é filha da celebre cantora Barrili casada com Salvator Patti, duettistas da grande opera de Madrid. O nascimento de Adelina Patti foi um desastre para a Barrili, pois se a Providencia deu-lhe uma bella menina, tirou-lhe ao mesmo tempo a voz e com ella a subsistencia da casa. Passava n'essa occasião por Madrid Mauricio Strakosch, director do Theatro Italiano de Nova-York e do Theatro Italiano de Paris, casado com Amelia Patti, cantora de *primo cartello* e a mais velha das filhas da Barrili e de Salvador. Strakosch tendo conhecimento da situação critica em que se achavam os paes da sua mulher, convidou-os a partir para a America do Norte, onde elle como empresario da Opera procuraria arranjar-lhes uma posição qualquer.

Adelina Patti, passou pois a sua primeira infancia a peraltear com os garotos nas ruas de um quarteirão pobre de Nova-York e segundo as diversas lendas que a acompanharam por toda a sua existencia, já as cartomantes d'essa epocha tinham predicto á bella creança de olhos negros, um futuro cheio de glorias e de riquezas.

Assim cresceu Adelina em belleza e voz, e aos oito annos de idade o seu tio, Strakosch, protector da sua familia, não poude mais se conter e como impresario que era, procura tirar partido da sobrinha prodigio, apresentando-a em Março de 1851, na grande sala de Pripper-Hall onde se realisavam os mais importantes concertos.

Um publico numeroso e escolhido, applaudiu com entusiasmo a creança cantora, cuja carreira de successos, começava n'essa memoravel noute.

A partir d'esse momento, Adelina Patti, não conseguiu mais descanso, pois o seu illustre parente e empresario conduzio-a para Boston, Philadelphia, Washington, Nova-Orleans, Charleston, Havana, Cuba e as mais longinquas paragens do Pacifico, fazendo-a constantemente



Patti em 1868.

cantar, sem a menor contemplação para com a sua idade e ainda menos para com essa debil voz que mal se manifestava.

Data d'ahi a primeira união da Patti; união toda ideal que a « Noiva da Arte » a partir d'esse momento, não cessou de cultivar.

Tres annos durou essa primeira excursão, na qual a extraordinaria menina, enthusiasmo o publico em centenaes de concertos, pagando largamente e com grandes lucros a Mauricio Strakosch

todas as despesas que o mesmo fez para o sustento da Barrili e de Salvador Patti.

Adelina continuou a trabalhar sem repouso e nos intervallos dos seus concertos remuneradores, a pequena garganta vocalisava sem

cessar toda a especie de exercicios, e tão bem aproveitou o seu tempo que a 29 de Novembro de 1859, com dezesseis annos de idade, em todo o esplendor do seu joven talento e da sua fresca e admiravel belleza, estreou na Opera Italiana de Nova-York, cantando atravez de um verdadeiro furacão de applausos e acclamações a conhecida opera *Lucia de Lammemoor*.

Um anno e meio mais tarde, a 14 de Maio de 1861, Patti atravessa o Atlantico e vem a Londres, recebendo o mesmo acolhimento na scena do Covent Garden, deante de um publico muito mais delicado e difficil, para o qual ella desempenhou com suprema arte o papel d'Amina na *Somnambula*.

Alguns mezes depois Madrid, a sua cidade natal, recebe-a como uma rainha e durante todo o tempo que Adelina Patti esteve na capital da Hespanha foi ella quem dominou pela sua voz e belleza a existencia dos Madrilenos. Deslumbrantes soirées foram organisadas em sua honra e os mais celebres *toreros* e *espadas* da epocha consagraram á Diva as mais difficeis e perigosas sortes.

Finalmente, em Novembro de 1862

Patti vem a Paris aonde se representava n'essa epocha a apothese do imperio Napoleonico, e no celebre Theatro Italiano que era um dos *rendez-vous* preferidos da faustuosa cõrte das Tulherias, ella apresenta-se novamente na *Somnambula*, provocando desde o primeiro acto, as mais ruidosas manifestações que um jornalista do tempo conta do seguinte modo : « A estréia de Adelina Patti foi uma grande festa artistica que ficará memoravel na lembrança de todos que assistiram. A platéa do Theatro Italiano, tão elegante nas suas maneiras e terrivelmente severa na critica, distinguio a joven e bella cantora com uma serie de acclamações que exigio mesmo a intervenção do commissario dos theatros para que o espectáculo não soffresse grande atraso, visto estarem presentes Suas Magestades Imperiaes. »

Adelina Patti tornou-se uma creatura da moda e uma grande celebridade, continuamente festejada pelo Paris alegre e divertido do Imperio. Eis o retrato que o eminente critico,

— Paul de Saint Victor d'ella fasia, n'essa epocha : « A fronte é direita e ligeiramente saliente, dominada por duas sobranceiras espessas e curvas que dão á adoravel cantora esse ar sereno de olimpica magestade, contra o qual protesta somente o sorriso infantil que continuamente alegra a bocca fina e graciosamente recortada. De estatura regular sem ser pequena, delgada e elegante sem ser magra, Adelina Patti realisa com precisão o typo da



Patti aos 8 annos de idade.



Patti em 1880.

italiana bella, reunido ao languido e amoroso perfil da hespanhola.

O rosto de uma pallidez poetica parece augmentar a orbita dos seus grandes olhos negros e expressivos, destinados talvez a provocar ardentes paixões e suavisar muitas dores. »

É este o lisongeiro retrato que d'ella fasia esse velho e respei-

tavel critico, e o leitor verá com-nosco que elle não se deixou arrastar por um julgamento parcial, pois as photographias que junto damos, affirmam ainda com mais evidencia que a celebre Diva foi antes de tudo uma bella mulher.

Adelina Patti ficou em Paris até 1865, gozando de um successo indefinido, e deixando-se cortejar por uma multidão de admiradores que a accumulavam de toda a sorte



Um dos ultimos retratos de Adelina Patti.

de attentões. Se a Imperatriz Eugenia reinava sobre a França, a Patti era incontestavelmente a soberana do Paris elegante e fidalgo.

Muitas aventuras são contadas pelos novellistas do tempo e entre outras a de um principe russo que comprou por muitos mil francos o cocheiro da joven cantora, applicou nas portas do carro, ferrolhos imperceptiveis e resistentes e tranquillamente esperou

sobre a boléa com as redeas na mão, a sahida da artista que com toda a boa fé despedio-se dos amigos e acompanhada de uma creada installou-se no seo *coupé*. A equipagem rodou, arrastada por vigorosos trotadores e somente quando ella se avisinhava de Passy, arrabalde contiguo a Paris, é que as viajantes começaram a chamar pelo cocheiro, ordenando-o que parasse; mas este, impavido e confiante nos seus planos, ainda mais fustigava os animaes, sem nada querer ouvir.

Gritos, imprecações, pedidos de socorro, á nada serviam; as portas do *coupé* resistiam sempre e os trotadores, puros sangues da

melhor raça, continuavam haletantes e cobertos de espuma pela estrada nacional que conduz a Versalhes.

Lá pelas proximidades de Saint-Cloud a uma boa hora de viagem de Paris, o mysterioso cocheiro, resolve interromper a viagem e entrar em negociações com a prisioneira.

Pede mil desculpas do mal que lhe causava, mas loucamente apaixonado estava firmemente resolvido faser d'ella a sua legitima esposa deante de Deus e dos homens, e depois de ter enumerado os

seus titulos, a sua fortuna e a sua posição social, esperava que ella Adelina jurasse que assim seria feito, pois do contrario, seria forçado a conduzir-a para uma pequena casa de campo expressamente alugada para esse fim e lá, sob a vigilancia incessante de um cossaco ella seria sequestrada do mundo. Adelina teve o espirito de tudo aceitar censurando-o de não ter-lhe dirijido antes o seu pedido sincero e franco e tambem muito justo e prometteu-lhe sob a consagração do mais solemne juramento que seria a sua esposa bem amada e com prazer aceitaria o titulo de Princesa de....

Para maior garantia da sua sinceridade insistio que voltassem a toda a brida para Paris e que n'um dos cafés da moda, fossem ambos ceiar annunciando d'esta forma a uma parte dos seus amigos o proximo e feliz enlace.

E assim foi feito, entrando a Patti acompanhada pelo principe raptor n'um dos restaurants elegantes, sendo immediatamente commentada pelos frequentadores presentes essa apparição inexplicavel e extravagante. Acabada a ceia, pedio ella ao seu futuro esposo a gentileza de acompanhal-a até o carro, pois achando-se fatigada desejava recolher-se immediatamente, e para mais tranquillisal-o convidado para jantar no dia seguinte em companhia de diversos amigos que seriam os primeiros a receber communicação official do proximo casamento.

Emfim só e livre do seu excentrico admirador, Adelina vai pessoalmente procurar o prefeito de policia que ouve estupefacto a



MARQUEZ DE CAUX

Primeiro marido da Patti.



O TENOR NICOLINI

Segundo marido da Patti

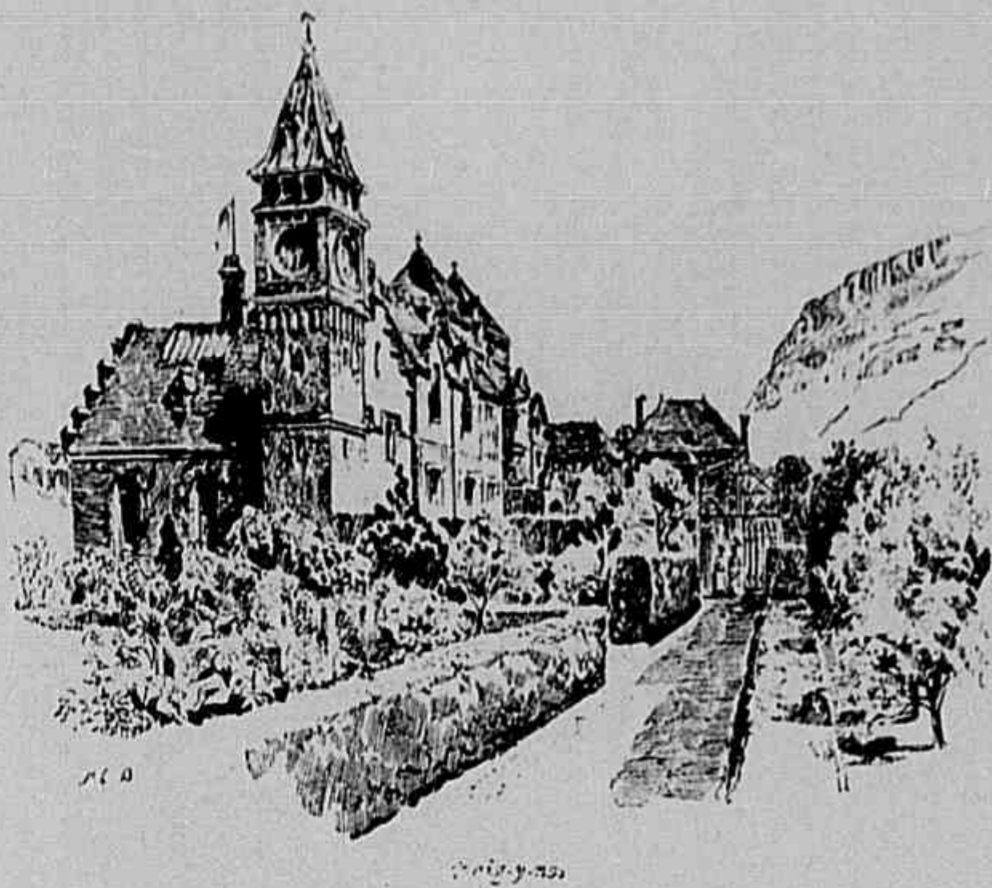


BARÃO DE CEDERSTOM

Terceiro marido da Patti.

narrativa do extraordinario acontecimento e promette á applaudida cantora que todas as providencias seriam tomadas para garantir-lhe a tranquillidade.

No dia seguinte, o amoroso principe convocado a policia, recebe do prefeito intimação formal de abster-se da menor tentativa contra a liberdade da Patti, sob pena de ser immediatamente preso e processado e logo ao sahir do gabinete desse funcionario um grupo de secretas não mais o perdeu de vista. O chronista que



O castello de Craig-y-nos em Brecon nã Inglaterra, pertencente a Adellina Patti.

nos legou esta historia affirma naturalmente a sua veracidade e acrescenta que a mesma produzio enorme sensação no mundo elegante ainda mais fazendo augmentar a popularidade da Patti. Resultou tambem uma serie de duellos escandalózos, que o principe apaixonado teve que sustentar contra muitos admiradores da Diva.

Foi tambem em Paris que a Patti casou-se pela primeira vez. Louis-Sebastien-Henri le Roger de Cahurac, Marquez de Caux e *escuyer* de S. M. Napoleão III, tal era o muito illustre personagem que resolvera afrontar um casamento vantajosissimo sobre todos os pontos de vista praticos e financeiros, mas delicado e sensível quanto ao amor proprio.

Mas a Patti teve a grande habilidade de saber escolher os seus maridos que, transformados em meros secretarios, não a incommodavam com scenas copiadas do Mouro de Venesa. O Marquez de Caux não tendo fortuna propria, estava muito nas condições de administrar á dos outros e é assim que o casal viveu admiravelmente; a Patti continuando a colher os seus triumphos sobre as scenas e com elles as manifestações dos seus admiradores que não se incomodaram muito da existencia de um



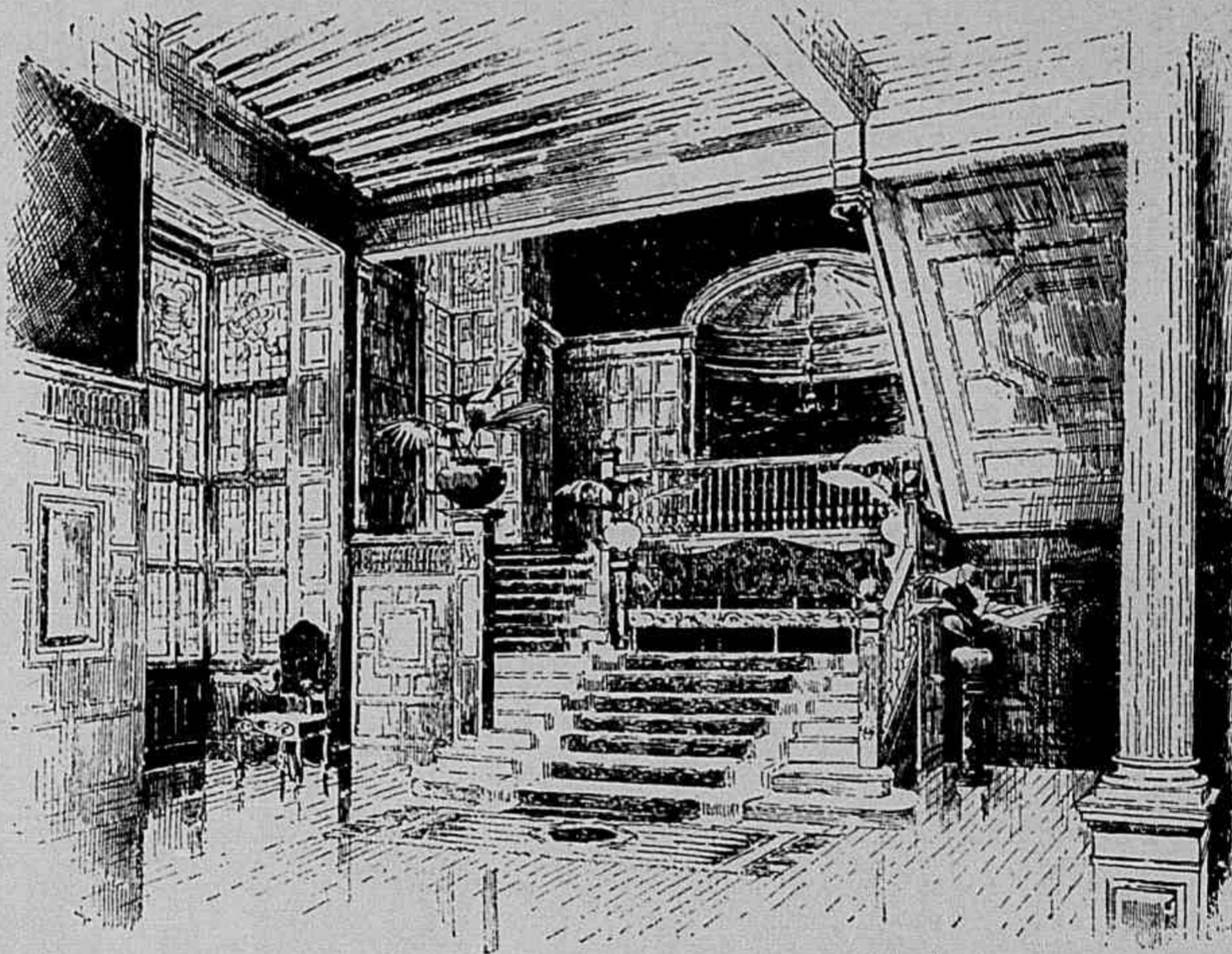
O salão de Craig-y-nos.

marido na casa e o Marquez durante esse tempo trasia a escripturação completamente em dia, pois de Paris a Chicago e de Nova-

York a Londres elle sommava e sommava sempre as quantias bastante redondas que entravam para a caixa do casal.

Mas não ha felicidade completa, e o Marquez notou que nos programmas das peças representadas pela Patti, figurava com expressiva insistencia, o nome de um tenor francez da Bretanha, Nicolás, que mais tarde italianisou-se passando-se a chamar Nicolini. O Marquez massou-se com a pilheria, e rompeu completamente quando viu que o Snr. Nicolini era figura obrigatoria para onde quer que a Diva fosse cantar.

Em 1877 o Marquez de Caux pedio e obteve a separação, sendo o divorcio pronunciado a seu favor, só sete annos mais tarde. Mas Nicolini não esperou esta eternidade de tempo para substituil-o na gerencia financeira e parece ter bem desempenhado a sua commissão, pois uma vez legalmente livre a Patti appressou-se em recompensar o seu amavel tenor consagrando pelo casamento a velha amizade do seu querido e zeloso guarda-livros. Os negocios marcharam á maravilha e a titulo de indicação diremos simplesmente que em maio e abril de 1880 a Patti e Nicolini recebiam um total de 300 mil francos por esses dous mezes, no theatro Gaité de Paris. No fim do anno seguinte partia ella para America do Norte ganhando vinte mil francos por cada representação e a sua



O vestibulo principal de castello de Craig-y-nos.

celebridade era tanta que em São Francisco da California teve as honras de uma bomba anarchista, felizmente sem resultado fatal. Assignou depois um contracto com o empresario Grau, para 24 representações no Rio da Prata pela bella somma de trez milhões de francos. Foi por assim diser a sua ultima *tournee* triumphal, pois voltando a Europa representa na Grande Opera em outubro de 1888, *Romeo e Julieta* que marcou o declinio d'esse grande astro. O successo obtido não foi mais que uma manifestação de velhos amigos. Tentando um derradeiro esforço, Adellina Patti, aproveita um ultimo contracto vantajoso, cantando em Nova-York em 1889 e d'essa data em deante não mais ousou apresentar-se nas grandes scenas, contentando-se de algumas representações de seo velho repertorio em Nice, durante o inverno. Durou por conseguinte trinta annos o extraordinario successo de Adellina Patti como cantora e pode-se bem diser, que ella obteve como mulher e como artista, a mais completa satisfacção do seu ideal.

Ha muitos annos que vivia com Nicolini o seu segundo marido no castello de Craig-y-Nos, esplendida residencia senhorial que ella possuia em Brecon na Inglaterra, onde os velhos amigos a começar pelo Principe de Galles vinham constantemente assentar á sua mesa.

Não fazem ainda dous annos que Nicolini doente veio procurar no sul da França um clima mais ameno, não conseguindo porem

rehabilitar a sua fraca saúde e fallecendo em Pau, a pittoresca cidade dos Pyreneos.

Depois da sua segunda viuvez, sentindo-se naturalmente isolada a Patti procurou nos exercicios phisicos uma distracção para o corpo e para o espirito e o seu *coupe* era visto constantemente n'estes ultimos tempos parado á porta do " Instituto de Gymnastica Sueca " em Londres.

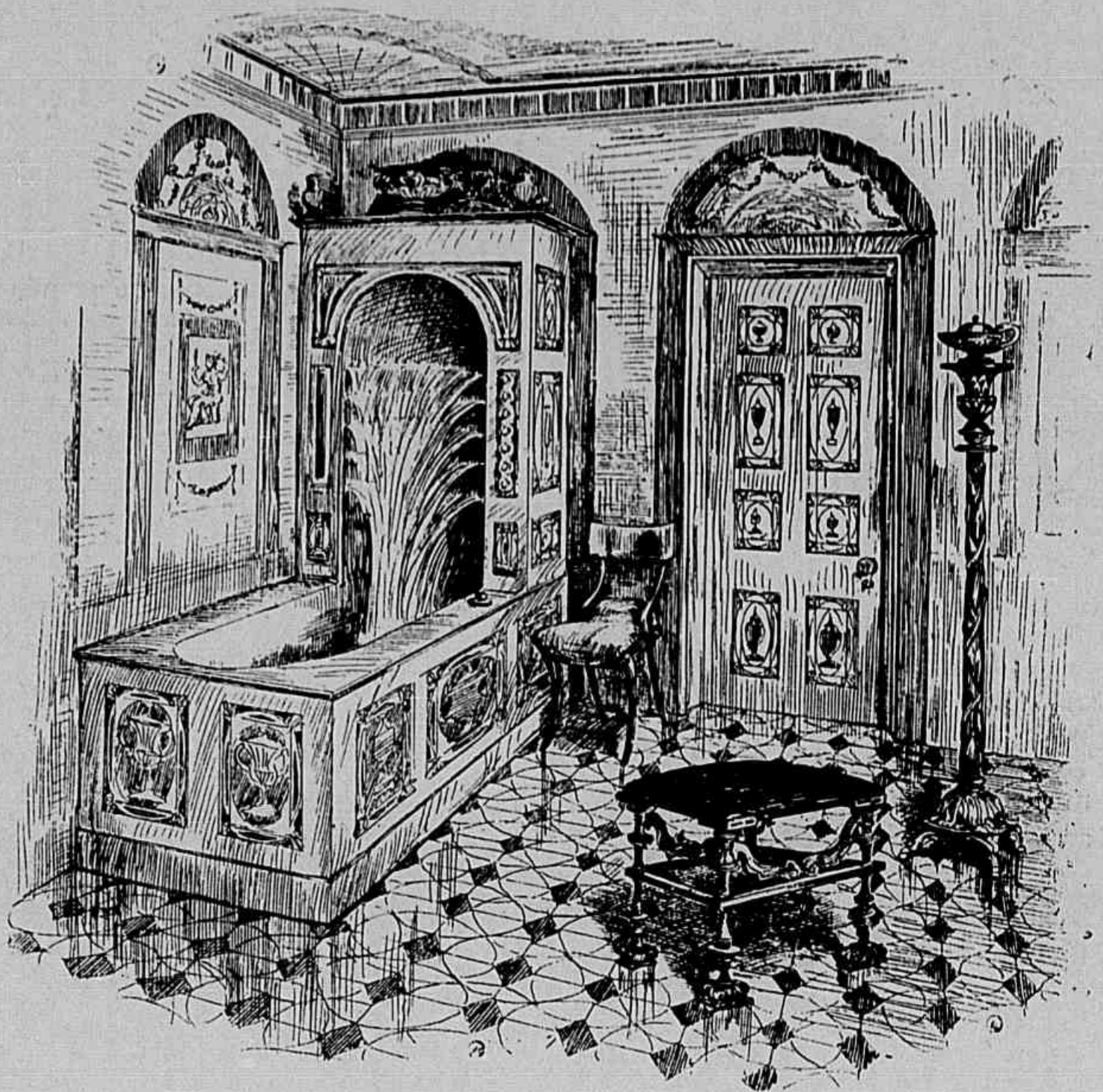
Foi ahi que ella conheceu o rapaz que devia em menos de seis mezes vir a ser o seu terceiro marido.

O Barão Olof Rudolf Cederstom, nasceu em 1870 em Stokolmo e é filho de um brilhante official o barão Claes Edward, tenente da Guarda Real que foi um dos grandes extravagantes e perdularios da capital sueca.

O Barão Cederstom, não possuindo fortuna, pois o pae a tinha esbanjado completamente, deixou a carreira das armas vindo installar-se em Londres onde dirijia o estabelecimento gymnastico frequentado pela Patti.

Foi a 25 d'este mez que realisou-se em Brecon na Inglaterra o casamento do Barão Cederstom com Adelina Patti. Os habitantes da pequena cidade acolheram os felises esposos como verdadeiros principes, estando as ruas magnificamente ornamentadas e o presidente do conselho municipal em grande uniforme recebeu-os na estação acompanhando-os até a igreja. Foi Sir Jorge Pandel Phillips antigo *lord-maire* de Londres que conduziu a Patti ao

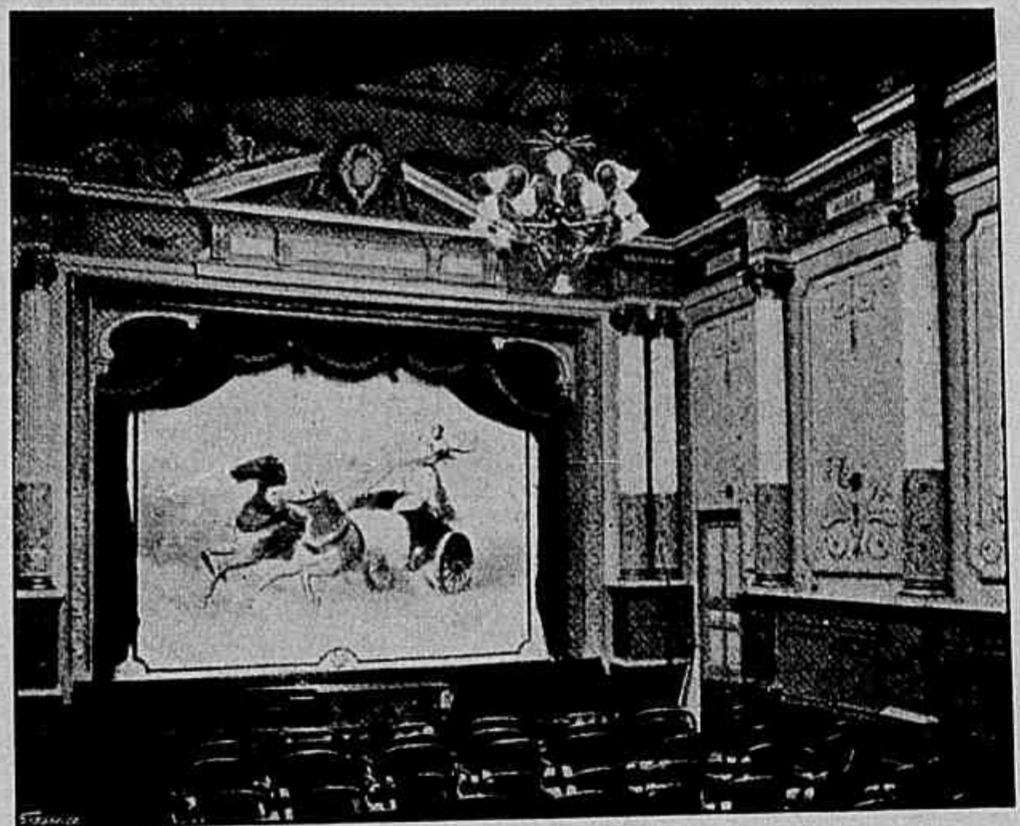
lua de mel. O Barão de Cederstom ainda não tem trinta annos e gosa de excellente e robusta saúde, é pois bem provavel que



A sala de banhos pompéiana do castello de Graig-y-nos.



Boudoir de A. Patti no Castello de Graig-y-nos.

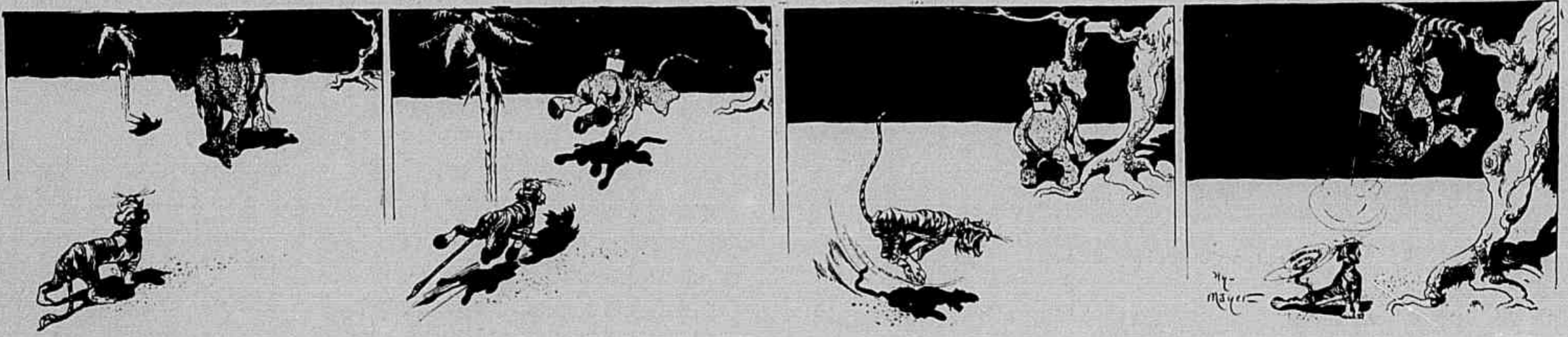


O theatro do castello de Graig-y-nos.

altar servindo de primeira testemunha. Realisada a cerimonia partiram os noivos para o castello de Craig-y-Nos onde ficaram alguns dias, seguindo depois para Napoles gozar uma problematica

elle seja o ultimo da serie conjugal da illustre e insaciavel cantora.

MARCOL.



« Pucke. »

A Gymnastica no deserto. Um elephante caçador de Tigres.

# A Ilustre Casa de Ramires

Continuado do nº 26.

À porta da cosinha, sacudindo um sobrescripto, Gonçalo ralhava com a Rosa cosinheira :

— Oh Rosa! pois tanto lhe recommendei que não escrevesse á mana Graça? Que teimosa! Então não arranjavamos a pequena, sem mandar lamurias para Oliveira? Graças a Deus, a Torre é larga bastante para mais uma creancinha!

É que morrera a Crispola — a desgraçada viuva, visinha da Torre, doente desde a Paschoa, com tres raparigas, dous pequenos, toda uma casa faminta. E agora Gonçalo procurava accommodar o pobre rancho desamparado. A rapariga mais velha, tambem Crispola, entrava na cosinha como ajudante da Rosa. Um dos rapazes, de doze annos, espigado e esperto, tambem Gonçalo o conservava na Torre, como andarilho para os recados, com a alcunha de *Veloz* e jaqueta de botõesinhos amarellos. O outro, lento e ranhoso, mas com o geito e o amor de carpinteirar, já Gonçalo, prodigalizando telegrammas á tia Louredo, o collocara em Lisboa na officina de S. José. Duma das outras raparigas se encarregava a mãe de Manoel Duarte, senhora muito caridosa, que vivia n'uma quinta junto a Freixedo, e adorava Gonçalo, de quem se considerava « *vassala* ». Mas, para a mais novinha e a mais fraquinha, ainda se não enghara amparo solido. A Rosa lembrara então ao Snr. Dr. — « que se pedisse á Snr<sup>a</sup> D. Maria da Graça para recolher a creaturinha n'algum canto em Oliveira ». Seccamente, Gonçalo declarou logo « que por uma codea de pão mais não se necessitava encommodar a cidade d'Oliveira ». Rosa, todavia, muito interessada n'aquella obra, preferindo para a pequerruchinha tão delicadinha e loirinha o agasalho d'uma senhora, la escrevinhara, n'uma immensa folha de papel, o pedido a Gracinha : — e era a resposta, um pouco demorada, mas muito enternecida, com recommendação « de lhe mandarem logo a pobre creança », que impacientava o Fidalgo...

Por que, desde aquella tarde abonimavel do Mirante, estranhamente se estabelecera n'elle como uma repugnancia quasi pudica de communicar com o Largo d' El-Rei! Era como se o Mirante, e a torpeza que dentro descobrira, tivessem empestado o jardim, o palacete, todo o Largo, a cidade inteira, e elle agora, por um irraciocinado requinte de aceio moral, recuasse ante essa região contimanada onde o seu coração e o seu orgulho suffocavam. Quando o Barrolo lhe escrevera, espantado, na curiosidade anciosa de saber os « motivos d'aquella chegada com os pecegos, e depois logo, zas, a fugida para a Torre, sem diser *Gonçalo vae!* » — Gonçalo, n'uma carta postal, dera a secca desculpa d'um « episodio eleitoral que reclamava, n'essa tarde, a sua volta precipitada a Villa-Clara ». Depois, quando se lembrou que deixara na gaveta do seu quarto em Oliveira o manuscripto da Novella, mandou por um moço da quinta um recado quasi secreto ao Padre Sueiro, para que « entregasse a pasta ao portador, bem embrulhada, sem contar aos senhores ».

E nos primeiros dias que passou na Torre, encerrado, quasi escondido, sem apparecer em Villa Clara, no terror de que já andasse rosnada pela Assembleia e pelos balcões das lojas a amarga vergonha — não cessou de ruminar coleras immensas e vagas. Colera contra a irmã que, calcando pudor, orgulho do nome, receios da maledicencia d'Oliveira, tão facil e inconscientemente como se calcam as flores desbotadas d'um tapete, correrá ao Mirante, ao homem da bigodeira, apenas elle lhe acenara com o seu soberano gesto de conquista! — Depois colera contra Barrolo, o bochechudo bacoco, que nunca prendera o coração amoroso da mulher, nem lhe descortinara a inclinação culpada, e empregava zelosamente os seus estupidos dias celebrando o Cavalleiro, arrastando o Cavalleiro para o Largo d' El-Rei, escolhendo na adega os vinhos melhores para que o Cavalleiro aquecesse o sangue, afoufando as almofadas do canapé para que o Cavalleiro saboreasse regaladamente o seu charuto e a graça presente de Gracinha — Emfim

colera contra si, que, pela baixa cubiça de uma cadeira em S. Bento, abatera a unica barreira segura que se erguia entre a irmã e o homem da marrafa romantica — que era a sua inimizade, aquella boa inimizade, tão rijamente alardeada, conversando ou escrevendo, desde o Gago até á *Gazeta do Porto*... Ah todos tres — horrendamente culpados!

Mas, pouco a pouco, a sua alma doce, tão pouco robusta para reter sentimentos robustos, se abandonou á doçura de perdoar e descobrir desculpas subtis para todos os culpados d'aquella queda triste... Gracinha, coitada, sem filhos, quasi sem marido, alheia a todos os interesses que occupam uma vida pensante, cedera, que mulher não cederia? á primeira, ingenua paixão que lhe brotara na alma, e n'ella se enraizara e florira, e depois gemera sacudida pelas lufadas uma tormentasinha moral, e assim lhe dera as suas unicas alegrias do mundo, e, influencia que ainda mais prende, as suas unicas lagrimas! O bacoco, coitado, era bacoco! Dava miudos pilritos por que a sua natureza de pilriteiro não lhe permittia mais nobres fructos! Depois, n'aquella esplendida confiança pela mulher, só mostrava carinho — e uma certesa da lealdade alheia bem natural de quem só nutria sentimentos leaes e limpos! E elle proprio, coitado d'elle, pobre, obscuro, ocioso, cedera á irresistivel, fatal Lei d'Accrescentamento, que o levava, como leva a todos, na anciania de posição, de influencia, de fama, de fortuna, a furar precipitadamente por qualquer porta que se abra, sem reparar no lixo que atravanca os humbraes... Ah realmente — todos bem pouco culpados, deante de Deus, que nos faz tão variaveis, tão frageis, tão dependentes de forças por nós ainda menos governadas do que o vento ou do que o sol!

Não, irremissivelmente culpado, — só o outro, o malandro da cabelleira ondeada! Para esse nem a mesiricordia mais subtil encontraria absolvição. Toda a sua conducta para com Gracinha, desde estudante, partira sempre d'um egoismo torpe, só punivel como puniam os antigos Ramires, com trez voltas d'uma dura corda de canave no pescoço arroxeadado. Em quanto lhe agradara, por ociosidade romantica, um namoro bucolico sob os arvoredos da Torre — namorara. Quando considerou atravancador na sua vida o encargo d'uma mulher e d'uma casa — trahira. Logo que a antiga bem amada pertencera a outro homem, responsavel pela casa, pelos vestidos, pelos filhos, — recommencara o cerco languido, para colher sem as massadas do dever, as emoções do sentimento. E apenas esse marido lhe entreabre a porta da casa, não se demora, abre os braços de rapina — fende brutalmente sobre a preza! Oh se um tal canalha não merecia que elle o mandasse varar de noite, com um tiro!...

E todavia, agora, nem sequer podia, quando o encontrasse nas ruas d'Oliveira, carregar o chapeo sobre os olhos e passar! A menor diminuição n'essa intimidade tão desastradamente reatada — seria como a proclamação publica do que andava escondido nas paredes côr de rosa do Mirante! Toda Oliveira cochicharia, riria. « Olha o Fidalgo da Torre! Mette o Cavalleiro no Palacete da irmã, e logo passadas semanas rompe de novo com o Cavalleiro! Houve escandalo, e gordo! » — Que delicia para as Lousadas! Não, pelo contrario! agora devia ostentar pelo Cavalleiro uma fraternidade tão expansiva, tão ruidosa — que pela sua largueza e o seu ruido inteiramente tapasse e abafasse o enredo que por traz se desenrolava sujamente. Agora convinha, para honra do nome, que esse desastre ficasse bem enterrado dentro do Palacete, sob os mais densos arvoredos do jardim, na mais cerrada escuridade do Mirante — e que por fóra, na fachada, Oliveira o visse constantemente, a elle com o braço carinhosamente enlaçado no braço do Cavalleiro! E eis a tortuosa ironia da Sorte! Elle abria ao Cavalleiro a porta do Palacete, e agora em quanto, dentro, o Cavalleiro cobria aquella honesta casa de vergonha — elle devia tapar o buraco da fechadura,

e sorrir alegremente, encostado aos humbraes, para que Oliveira imaginasse que dentro só havia serena intimidade e a puresa de velhas relações.

Os dias passaram : e no espirito de Gonçalo não se estabelecia serenidade. E sobretudo o amargurava que essa necessidade de se manter amigo do Cavalleiro lhe fosse tambem imposta pela conveniencia da sua Eleição. Certamente por veses se revoltava, no silencio do seu quarto, com altivos gestos no ar : — « Que me importa a mim a Eleição ! Que valor tem ume encardida cadeira em S. Bento?... » Mas logo o duro facto se mostrava, o apertava — o facto certo de que a Eleição era a unica fenda por onde elle lograria escapar d'uma desolada vida d'aldea, gasta entre as preguiças da Torre e os voltaretos da Assembleia. E se rompesse com o Cavalleiro, esse villão, vezeiro a villanias, immediatamente, com o apoio da cambada intrigante de Lisboa, improvisaria outro Candidato por Villa Clara... Desgraçadamente elle era um d'esses seres vergados que *dependem*. E a triste dependencia, d'onde provinha ? Da pobreza — d'essa escassa renda que, com o seu nome, a sua educação, a sua intelligencia, o seu espirito de sociabilidade, constituia uma pobreza, nem dourada, nem sequer prateada...

E estes pensamentos lenta e capciosamente o levavam a outro pensamento — a D. Anna Lucena, os seus duzentos contos. Até que um dia encarou francamente a realidade : — por que não casaria com a D. Anna ?

O unicos inconvenientes, convencionaes, o pae carnicheiro, o irmão assassino, ja os affastara, — por que tambem elle, como filho d'Adão, possuia de certo entre tantos vagos avós, algum vago avô carnicheiro ; e a occupação dos Ramires, atravez dos seculos, consistia realmente em assassinar. E de resto o carnicheiro e o assassino ja se sumiam na historia de D. Anna como sombras remotas. D. Anna, pelo casamento, subira da População para a Burguesia. Elle não a colhia no talho do pae, mas na quinta rica da *Feitosa*, ja senhora, ja dama, com procurador, com capella, com lacaios, como uma antiga Ramires. Não ! realmente toda a hesitação era pueril, desde que esses duzentos contos, compostos de dinheiro limpo, de bom dinheiro rural, lhe offerencia, com o seu corpo, uma das mais formosas mulheres de Portugal. Com esse bello ouro, e o seu nome, e o seu talento, não necessitaria, para entrar na Politica, a falsa mão do Cavalleiro... E depois que vida larga, como elle a sonhára ! A sua velha Torre restituída ao esplendor sobrio e solido d'outras eras ! Uma lavoura de luxo em Freixedo ! Viagens d' estudo ás terras que educam !... E a mulher que fornecia estes regalos não lhes amargurava o goso, como em tantos casamentos ricos, com a sua fealdade, ou os seus magros ossos, ou a sua pobre mocidade melada... Não ! depois do brilho social do dia não o esperava na alcova um monstrengo — mas Venus !

E assim, lentamente trabalhado por estas tentações, mandou uma tarde um bilhete a prima Maria, á *Feitosa*, com o pedido « de se encontrarem sós, n' algum sitio dos arredores, por que desejava ter com ella uma *conversasinha* seria e intima... ». Mas tres immensos dias se arrastaram — e não appareceu carta da *Feitosa*. Gonçalo concluiu logo que prima Maria, tão esperta, advinhando a natureza da *conversasinha*, e não tendo uma certesa para o alegrar, retardava, se recusava. E atravessou então uma triste semana, sentindo toda a sua vida ôca e feita d'incertezas. Não arranjava coragem para voltar a Oliveira, áquelle seu quarto d'onde se avistava por sobre o arvoreda a cupula do Mirante com o seu vaso em chammas : — e quasi o arrepiava a idéa de beijar a irmã na face que o outro babujára ! Da sua Eleição nada sabia, — e uma outra repugnancia, tambem quasi phisica, o impedia d'escrever ao Cavalleiro. João Gouveia passava as suas curtas férias na Costa, apanhando conchas na praia, tomando banhos quentes d'agua do mar. E Villa Clara não se tolerava, n'esse meado silencioso de Setembro, — com o Titó no Alemejo onde o levára á pressa uma doença do velho Morgado de Cidadelhe, e o Manoel Duarte na quinta da mãe dirigindo as vindimas.

Para se occupar e atulhar as horas, mais do que por dever ou gosto d'Arte, retomou a sua Novella : — mas sem fervor, sem veia agil. Agora era a violenta arrancada de Tructesindo e dos seus cavalleiros, parentes de solar e acostados, correndo sobre o Bastardo de Bayão. Lance difficil, — reclamando movimento e um brilho forte de côr medieval. E elle tão molle e tão apagado !.. Felizmente, no seu Poemeto, o Tio Duarte, tratara todo esse violento

trecho com abundancia, lavor fino, claras linhas de paisagem, fortes e pomposos rasgos de guerra.

Logo para alem dos olmos da Ribeira, Tructesindo encontrava cortada a ponte de madeira, cujos rotos pedaços, vigas carcomidas, entulhavam em baixo a corrente escassa. Certamente na sua fuga o Bastardo a cortara para deter a cavalgada vingadora. Então Tructesindo e a pesada hoste de Sta Ireneia, praguejando, sobem pela esguia senda, ladeando os renques de choupos, em demanda do vau do Espigal. Mas que tardança ! Quando as derradeiras mulas de carga trotaram na terra d'alem-ribeira, já a tarde se alongara, e se tingiam de cor de rosa as poças d'agoa morta entre as poldras. Immediatamente D. Garcia Viegas, o *Sabedor*, aconselhou que a hoste se devidisse : — a peonagem e a carga avançando para Montemor, esgueirada e callada, para evitar recontros ; e os senhores de lança e os besteiros de cavallo arrancando em dura carreira para colher o Bastardo ! Todos louvaram ruidosamente a traça do *Sabedor* — e a cavalgada, aligeirada das filas tardas de archeiros e fundibularios, largou, soltas as redeas, atravez de terras ermas, até ao sitio dos Tres-Caminhos, á clareira onde se espalha a immensa folhagem d'um carvalho velhissimo. Tructesindo sopeou a carreira : e alçado nos estribos, mirava, farejava as tres sendas escavadas entre desertos cerros de bravio e tojo. Passara ahi o Bastardo malvado ? Ah ! passara, e toda a sua maldade — que no recosto d'um monte, onde tres cabras magras retonçavam o matto, jazia com os braços abertos um pobre pastorinho morto, varado por uma frecha ! Para que o triste guardador de cabras não dêsse novas da gente de Bajão uma bruta setta lhe atravessara o peito magro, coberto de trapos. Mas por qual das sendas se embrenhara o malvado ? Na terra ressequida pelo lento Agosto, raspada pelo vento suão que rolava da campima, não appareciam pegadas revoltas de tropel fugindo. E, em tal solidão, nem choça ou palhoça d'onde algum villão ou velha escondida houvessem espreitado a levada do bando ! Então, ao mando do Senhor de Sta Ireneia, tres almogavares corredores largaram pelos tres caminhos, á descoberta — em quanto os Cavalleiros, sem desmontar, desafivelavam os morriões para limpar nas faces barbudas o suor que os alagava, ou abeiravam os ginetes arquejantes d'um sumido fio d'agoa que se arrastava entre hervagens. Ja a espera se espaçava, inquieta e pesada — quando o almogavar que metterá pela senda do nascente reapareceu, n'um rolo de poeira, atirando logo alarde, de longe, com a ascuma alta ! A meia hora de carreira, avistara n'um cabeço uma hoste acampada, em arraial seguro, rodeado d'estaca e valla.

— Que pendão ?

— As treze arruelas.

— Deus louvado ! gritou Tructesindo. E' D. Fernando de Castro, o *Castellão*, que entrou com os Leonezes e vem pelas senhoras Infantas !

Por esse caminho pois não se atrevera o Bastardo !.. Mas já pela senda do poente recolhia o outro almogavar, arquejando, contando que, para alem dos cerros, n'um pinhal, topara um bando de burafinheiros novezes que desde alva descancavam, por que um d'elles trasia mal de febres... E pelo caminho que orlava o pinhal só passara em todo o dia (no jurar dos genevezes) uma companhia de truões, voltando da feira dos Grajelos. Só restava pois o caminho do meio, aspero e pedregoso, como leite secco d'uma torrente. E por elle, logo, a um brado de Tructesindo, tropeou em fila esguia a cavalgada. Mas já o lento crepusculo descia — e sempre o caminho se estirava, solitario, infindavel, entre os escuros cerros de esteva e urse, sem uma cabana, um muro, uma belga de terra arada. Ao longe, mais ao longe, enfim, encheram a campina, de vasta tristeza, onde, aqui e alem, arbustos ralos se torciam nas lufadas do suão. Então Tructesindo deteve a levada. Por Deus, que corriam em pressa vã, e sem esperanza ! Que pensava D. Garcia Viegas ? O *Sabedor* abandonara as redeas, encostara as mãos, derreado, ao pescoço que o ginete pendera, derreado tambem, fumegando sob a malha de ferro. E na sua idéa o Bastardo, atravessando desabaladamente a campina, metterá a Valle Pedroso, para pernoitar na visinha Honra de Landim, parenta e alliada dos de Bayão...

— E a nós que nos resta, senhores e amigos, senão tambem pernoitar ? Voltemos pois aos Tres-Caminhos ; e de lá, em boa avença, ao acampamento do Snr. D. Fernando de Castro, a pedir agasalho... De certo lá encontraremos, mais bastamente que nos nossos alforques, o que todos, almas christans e brutas, vamos reclamando, cevada, um naco de vianda, e de vinho tres golpes rijos...

De todos os cavalleiros partio o mesmo brado alvoraçado : — « Bem fallado D. Garcia ! bem traçado ! » E de novo a cavalgada

galopou pesadamente para os *Tres-Caminhos* — onde já os corvos, n'um giro lento, rondavam sobre o corpo do pastorinho morto.

Em breve, ao cabo do caminho do Nascente, no cabeço alto, alvejaram as tendas do arraial, ao clarão das fogueiras baixas, que por todo elle fumegavam. O adail de St. Irenia tirou da bosina tres sons lentos e graves. Logo, de dentro da estacada, outras bosinas mais lentas soaram. Então o adail correu até ao vallado, a annunciar ás atalaias postadas nas barreiras, entre dous mortijos fogos d'almenara, a mesnada amiga dos Ramires. Tructesindo pouco esperou, parado no caminho escuro, que magros pinheiros orlavam sussurando no vento. Dous cavalleiros, de sobreveste e capuz negro, logo appareceram, bradando que o Snr. D. Fernando de Castro esperava o nobre senhor de Sta Irenia com grande alegria e largueza d'hospede! Immediatamente Tructesindo desmontou; e com D. Garcia Viegas, e outros parentes de solar, todos sem lança ou broquel, descalçados os guantes, subiram o cabeço, até á estacada, cujas cancellas se escancararam largamente, mostrando, na claridade incerta dos fogareus, sombrios magotes de peões, onde faisavam bassinets e ferros de chussos. Apenas o velho assomou aos rudes humbraes da barreira, dous pagens, succudindo a gorra emplumada, bradaram :

— Honra! honra aos Ricos-Homens de Portugal!

As asperas trompas resoaram, á mourisca, misturadas aos rufos roucos dos tambores. E por entre as alas da turba armada, precedido por dous cavalleiros que ergiam archotes accesos, avançou o velho D. Fernando de Castro, o *Castellão*, o homem de tantas guerras e de tantos senhorios! Um corselete d'anta com labores de prata cinzia o seu peito magro, já curvado, como consumido pelas furiosas fadigas de pelejar, as anciadas cubiças de reinar! Sem elmo, sem armas, appoiava a longa mão escura a um bastão de marfim. E os negros, encovados olhos faisavam, com risonha força, n'uma comprida face requeimada, de nariz recurvo como o d'um falcão, toda repuxada a um lado por uma grosso gilvaz que se perdia na barba crespa e quasi branca.

Depois, deante do senhor de Sta Ireneia, abrindo lentamente os braços, com um grave riso que mais lhe franziu a aspera cicatriz, mais lhe recurvou o nariz de rapina :

— Viva Deus! Grande é a noite que vos traz, primo e amigo! Que não a esperava eu de tanta honra, nem sequer de tanto gosto

Ao acabar este duro Capitulo, depois de tres manhãs de trabalho Gonçalo arrojou a penna com um suspiro de cansasso e allivio. Realmente já lhe entrava a fartura d'essa interminavel Novella que se desenrolava como um novello solto, sem que elle lhe podesse apertar e reter os fios, tantos e tão cerradamente os encaudara no seu diffuso Poema o Tio Duarte, que elle seguia a reboque e gemendo. E depois nem o consolava a certeza de construir uma obra forte, historicamente solida. Aquelles Tructesindos, e Bastardos, e Castros, e *Sabedores* eram realmente varões Affonsinos? Ou não seriam senão vagos titeres, com vagas armas, através de vagos castellos?

Depois na vespera accrescera, para o enervar, um aborrecimento de dinheiro — por causa d'uma lettra de seiscentos mil réis, do seu ultimo anno de Coimbra, sempre reformada, agora avolumada, e que o emprestador, um Leite, d'Oliveira, reclamava com secura. O seu alfaiate de Lisboa tambem o importunava com uma conta pavorosa, hirsuta, que atulhava duas laudas... Mas o que sobretudo o desolava era a muda solidão em que se sentia como abandonado na Torre. Todos os alegres amigos dispersos. A eleição desvanecida. A irmã de certo com o *outro* no Mirante. Até a prima Maria esquecendo grosseiramente o seu pedido. E elle alli, na Torre, sem energia, immobilizado n'uma inercia crescente, como se cordas o travassem, cada dia mais apertadas — e d'homem se volvesse em fardo!

Uma tarde, no seu quarto, vagaroso e sombrio, sem mesmo conversar com o Bento, acabava de se vestir, para montar a cavallo, espaiar-se n'um galope rijo — quand fora o pequeno da Crispola, já estabelecido na Torre como pagem, de fardeta de botões amarellos, bateu timidamente á porta.

Era uma senhora que parara ao portão, dentro d'uma carruagem, pedia ao Fidalgo para descer...

— Não disse o nome?

— Não, senhor. É uma senhora magra, puxada a dous cavallos, com redes...

A prima Maria! Com que alvoroço correu agarrando ao accaso,

n'um cabide do corredor, um velho chapeo de palha! E em baixo ao portão, foi como se lhe apparecesse a Deusa da Fortuna na sua roda ligeira.

— Oh prima Maria, que surpresa! Que felicidade!...

Debruçada da portinhola da carruagem (a caleche azul da *Feitosa*), D. Maria Mendonça contou com a costumada viveza de sorriso e gesto, que recebera a carta do primo muito atrasada. Sempre o fatal carteiro da freguezia, tropego e bebedo!... Depois passara uns dias em Oliveira com a Annica...

— E finalmente não respondi por que, como devia vir a Villa Clara á casa da Venancia Rios, que tem estado doente, achei mais simples, e mais completo, parar na Torre... E então?

Elle sorriu, embaraçado :

— Então, nada de grave, mas... É que eu desejava conversar comsigo. Por que não entra?

Abrira a portinhola. Ella preferia passear na estrada. E ambos se encaminharam para o banco de pedra que os alamos abrigavam, em frente ao portão da Torre.

— Pois, prima Maria, eu desejava conversar... Mas é difficil... Talvez o melhor seja atacar a questão brutalmente.

— Ataque.

— Então lá vae! A prima acha que eu perco o meu tempo se me dedicar á sua amiga D. Anna?

Sentada na ponta do banco, sem o olhar, ella sorria, enrolando vagarosamente a seda preta do guardasolinho :

— Eu acho que, por todos os motivos, o primo não perde o seu tempo.

— Ah! acha?

Ella voltara o sorriso para Gonçalo, em silencio, como gozando o seu embaraço.

— Jesus, prima! Diga alguma cousa mais!

— Mas que quer que eu lhe diga mais? Já uma vez lhe declarei em Oliveira. Ainda sou muito nova para andar com recadinhos de sentimento. Mas acho que a Annica é bonita, é rica, é viuva...

Gonçalo saltou do banco. E, como D. Maria tambem se erguera, ambos seguiram pela estreita tira de relva, rente aos alamos. Elle encolhia os hombros, desconsolado :

— Para conhecer esses grandes segredos não a incommodava eu, prima. Que diabo! seja boa rapariga, seja franca!... A prima sabe, de certo tem conversado... Seja franca. Ella tem por mim alguma sympathia?

D. Maria murmurou, com os olhos no trilho de relva :

— Pois está claro que tem...

— Bravo! Então, se d'aqui a um tempo, passados estes primeiros mezes de lucto, eu me declarasse, me...

Ella atirou para Gonçalo os espertos olhos :

— Santo Deus, como o primo por ahí vae, a galope... Então é uma paixão?

Gonçalo tirou lentamente o chapeo de palha, passou os dedos pelos cabellos. E n'um grande, melancolico desabafo :

— É sobretudo a necessidade de me accomodar na vida. Pois não lhe parece?

— Tanto me parece que lhe indiquei o bom poizo... E agora adeus, são quasi seis horas. Não me quero demorar por causa dos creados.

Gonçalo estendeu a mão, n'uma supplica :

— Mais um bocadinho!... E outra cousa, com franqueza. Ella é boa rapariga?

D. Maria moveu risonhamente a cabeça :

— Uma pontinha de genio, para animar, apimentar a vida... Mas muito boa rapariga... E uma dona de casa admiravel! O primo não imagina como anda a *Feitosa*. Não é, está claro, por que se come muito bem e por que ha roupas muito finas. Mas é a ordem, o aceio, a regularidade, a disciplina. Ella olha por tudo, até pela adegá, até pela cocheira!...

Gonçalo esfregou vivamente as mãos :

— Pois se, d'aqui a um anno, se realizar o grande acontecimento hei de gritar por toda a parte que foi a prima Maria que salvou a casa de Ramires!

Ella rio, com uma leve vermelhidão de gosto na face. E subindo para a caleche :

— É um serviço ao paiz... Por isso eu trabalho, por patriotismo!

O Trintanario trepara á almofada. Mas D. Maria ainda deteve a partida dos cavallos folgados que se impacientavam :

— Oh! primo! Sabe quem encontrei em Villa Clara? O Titó!

— Ah!

— Chegou do Alemtejo, vem jantar hoje comsigo. Eu não o

trouxe na carruagem, por decencia, para o não comprometter...  
— Oh, o Titó! exclamou Gonçalo. A sua fealdade de Polyphe-  
mo até o salva da lingua das Louzadas!

E a caleche rolou, entre os risos, os grandes adeuses com que  
ambos se acariciavam, n'aquella nova sympathia, d'uma con-  
spiração sentimental.

Gonçalo metteulogo alegremente para Villa Clara, n'uma  
pressa, ao encontro do Titó. E já o agitava a idéa de colher d'esse  
familiar da Feitosa informações rigorosas sobre a D. Anna, o seu  
genio, os seus modos intimos. A prima Maria, por amor da casa  
de Ramires, sobretudo por proveito proprio, idealisava a noiva.  
Mas o Titó, o homem mais veridico do Reino, amando a verdade  
com o entusiasmo classico de Epaminondas, apresentaria D. Anna,  
sem um enfeite nem um desenfeite, real e exacta. E sob o vozeirão  
troante, a pesada indolencia do corpanzil immenso, o Titó possuia  
um espirito muito attento e muito fino.

Logo á Portella, na ponte, os dous amigos s'encontraram. E,  
apesar de separação tão curta, o abraço foi e ruidoso, e longo.

— Oh sô Gonçalão!

— Oh Titó! tens feito cá uma falta enorme!... E teu irmão?

O mano melhor, mas arrasado. Vida tão estragada para um velho  
de sessenta annos!... Muito cartapacio e muito femea. E elle lá o  
avisara. — « Olhe que o mano João assim, sem descanço, a esmieuçar  
papeis velhos e cachopas novas, rebenta! »

— E por cá? Essa eleição?...

— A eleição, agora para outubro, nos começos d'outubro... De  
resto, sensoria universal. Gouveia na costa, a banhos quentes.  
Manoel Duarte na vindima... Eu seccadote...

— Olha que eu venho jantar, e convidei o Videirinha.

— Bem sei, já me disse a prima Maria, que parou um bocado  
na Torre... Ella está na *Feitosa*, com a D. Anna.

Durante, um momento, repisou sobre a intimidade da prima  
Maria na *Feitosa*, — com a surda tentação de contar logo, alli na  
estrada, o inesperado romance que desabrochava. Mas não pode!  
era um estranho acanhamento, como a vergonha de pretender  
a viuva depois de ter já empolgado o Circulo do morto.

Então, conversando do Alemtejo e do mano João (que per-  
guntara por Gonçalo, contara muitas antigualhas massadoras sobre a  
genealogia dos Ramires), voltaram para a Torre, com tenção de  
estender o passeio até aos Bravaes, para afiar a fome. Mas, na  
Torre, Gonçalo desejou avisar a Rosa dos dous convivas inespera-  
dos, senhores de tão poderoso garfo. Entraram pela porta do pomar.  
Aos brados galhofeiros do Fidalgo a Rosa accudio, do fundo da  
lareira, limpando as mãos ao avental. O que! dous convidados!  
Podiam apparecer quatro, e ainda com mais fome, que graças a Deus  
nosso Senhor, o jantarsinho sobrava! Até de tarde comprara a uma  
mulher Costa um cento de sardinhas, as mais graudas e gordas  
que vira desde o S. João!...

O Titó reclamou logo um pratada d'ovos fritos com sardinha.  
Gonçalo preferia uma caldeirada tremenda. A Rosa, rindo, delei-  
tada, prometteu caldeirada e fritada. Depois os dous amigos atraves-  
savam o pateo — quando Gonçalo reparou no Bento que, de baixo  
da latada, areava com entusiasmo um enorme castão de prata  
lavrada, já relusente, já novo, emergindo de dentro d'uma toalha  
enrolada, como d'uma baina.

— Que castão é esse, assim embrulhado? E' uma bengala?

O Bento, gravemente, saccou da toalha torcida um chicote,  
comprido e grosso, com arestas mais afiadas que as d'um florete,  
e a flexibilidade tremula d'um junco tenro.

— Uma belleza que esta manhã achei no sotão, Snr. Dr! Andava  
lá a esquadrinhar por causa d'uma ninhada de gatos, e, detraz d'um  
bahu, dou com umas esporas antigas de prateleira e este arrôcho.

Gonçalo examinava o macisso castão de prata, encantado:

— Explendido chicote... Oh Titó, hein? E antiquissimo, com  
as minhas armas. De que diabo é feito, baleia?

— De nervo. Uma arma terrivel... Mata um homem. O mano  
João tem um, mas com castão de metal. Mata um homem.

— Bem, concluiu Gonçalo. Limpa e põe no meu quarto Bento!  
Passa a ser o meu chicote de guerra!

A' porta do pomar, ainda encontraram o Pereira da Riosa, de  
quinzena de cutim deitada aos hombros, segurando um cesto de  
batatas. O Titó galhofou com o velho rendeiro. Então essas mara-  
vilhas, promettidas na Torre, quando se mostravam? Por ora toda  
a quinta como no reinado do Relho... Até no pomar a terra lhe  
parecera tristonha e o arvoredado pouco agradecido!... — Mas Gon-  
çalo affagava carinhosamente o hombro do Pereira amigo, affir-  
mando que, com effeito, já se percebia na quinta a influencia do

seu alto saber. Tambem que torrão precioso, o da Torre, apesar de  
tão velho!... Pois o Pereira o que achava precioso era o dinheiro  
grosso que alli andava enterrando... Emfim, um gosto sempre  
valera mais que um vintem, — e o Fidalgo, como patrão, mere-  
cia terra em que os olhos se esquecessem, de regalados...

Gonçalo abraçou ainda o velho lavrador — e apressou para a  
estrada, decidido a desenrolar toda a confidencia ao Titó, na soli-  
dão propicia, entre as arvores da estrada dos Bravaes.

Mas, apenas recommçaram a caminhada, o mesmo enleio o  
travou — quasi receando agora as informações e as opiniões do Titó,  
homem tão severo, de moral tão guindada. E todo o demorado  
giro pelos Bravaes o findaram sem que Gonçalo desafogasse... O  
crepusculo descera, suave e quente, quando recolheram — conver-  
sando sobre a pesca do savel, no Guadiana.

Defronte do portão da Torre, no banco de pedra, Videirinha  
esperava, dedilhando o violão á sombra dos alamos. Como a  
noite se conservava abafada, sem viração, jantaram na varanda,  
com dous candieiros accesos. Logo ao desdobrar o guardanapo o  
Titó declarou que, graças a Deus, « a sêde era boa! » Elle e Gon-  
çalo praticaram as façanhas costumadas de garfo e de copo. Quando  
o Bento servio o caffè, uma grande e lustrosa lua nova surgia, ao  
fundo da quinta escura, por traz dos outeiros de Valverde. Gonçalo,  
estendido n'uma cadeira de vime, accendeu o charuto com beati-  
tude. Os tedios, as incertezas d'essas semanas derradeiras não eram  
mais que uma cinza a um canto, em breve varrida. E foi alludindo  
menos á doçura da noite, que ao sabor novo da vida desannu-  
viada, que exclamou:

— Pois, senhores, agora está uma delicia!

Videirinha retomara o violão. Atravez da quinta, aqui e alem,  
um pedaço de muro, algum trilho de rua mais descoberto, um  
pouco da agoa no tanque, rebrilhavam sob o luar ainda baixo,  
resvalando dos cerros; e um vivo pallido retocava os cimos do  
arvoredo quedo e negro. Titó e Gonçalo, bebendo o famoso cognac  
de Moscatel com que se orgulhava a adega da Torre, escutavam en-  
levadamente Videirinha — tomado n'essa noite por um ardor, uma  
inspiração mais enternecida. Até os campos, o ceu inclinado, pare-  
ciam escutar o fado da Ariosa. E na arroubada attenção destacava  
por veses, debaixo da varanda, o pigarro da Rosa, ou o passo aba-  
fado dos creados, que depois da ceia se juntavam attrahidos pelo  
descante formoso.

Assim a noite se allongou, a lua subio com solitario fulgor.  
Como sempre, para findar, Videirinha atacou o *Fado dos Ra-  
mires*:

Ai quem te verá sem que estremeça  
Torre de S<sup>ta</sup> Ireneia  
Assim tão negra e callada  
Por noites de lua cheia...

E lançou então outra quadra nova, trabalhada com amor  
n'essa semana, — sobre Paio Ramires, Mestre do Templo, a quem  
o Papa, e Branca de Castella, e todos os principes da Christandade  
supplicam que se arme, e corra, e liberte S. Luiz, Rei de França,  
captivo nas terras d'Egypto...

Que só em Paio Ramires  
O mundo põe sua esperanza,  
Que junte os seus Cavalleiros  
E que salve o Rei de França!

E por esta façanha, que não conhecia, até Gonçalo se interes-  
sou — retomando o canto com o Videirinha, esganiçado, de braço  
erguido:

Ai, que junte os seus cavalleiros  
E que salve o Rei de França!...

Ao rolar mais forte do coro o Titó, que cerrara os olhos,  
pesado do brodio, estafado da jornada, remecheu no camapé o corpo  
immenso — e declarou que marchava para Villa Clara...

Então Gonçalo, com uma brusca resolução, animado pelo co-  
gnac, pela recordada heroicidade dos Ramires, tambem se ergueu  
vivamente:

— Oh Titó, antes de sahires, anda cá dentro que quero fallar  
comtigo, a respeito d'um caso!

Agarrara um dos candieiros, penetrou na sala de jantar, em  
quanto Videirinha, mais lento, cantava o saimento de S<sup>ta</sup> Aldonsa  
Ramires. E ahi, sem preparação, pondo os olhos bem decididos

no Titó, que o seguira arrastadamente, ainda se espreguiçava :

— Oh Titó, ouve lá, e sê franco. Tu ias muito á *Feitosa*. Que te parece d'aquella D. Anna?

O Titó, que immediatamente despertara, considerou Gonçalo com espanto :

— Ora essa! Mas a que proposito?...

Gonçalo atalhou, na pressa de abreviar, colher rapidamente uma certeza :

— Olha!... Eu para ti não tenho segredos. N'estas ultimas semanas houveram ahi umas conversas, uns encontros... Emfim, para resumir, se eu d'aqui a tempos pensasse em casar com a D. Anna, creio que ella, por seu lado, não recusava. Tu ias á *Feitosa*... Tu sabes... Que tal rapariga é ella?

Titó crusara os braços, quasi violentamente :

— Pois tu vaes casar com a D. Anna?

— Homem, eu não vou casar! Não vou esta noite para a Igreja. Por ora quero só informações... De quem as posso ter, melhores e mais seguras, do que ti, que és meu amigo e que a conheces?

O Titó não descurara os braços, com os olhos esbugalhados para o Fidalgo da Torre :

— Pois tu pensas em casar com a D. Anna, tu, Gonçalo Mendes Ramires?

Gonçalo sacudiu a mão, impaciente.

— Oh! se me vens com a fidalguia, e com o Paio Ramires...

O Titó quasi berrou, na sua indignação :

— Qual fidalguia! É que um homem de bem, como tu, não pensa em casar com uma creatura como essa... Fidalguia?... Sim! Mas por causa da fidalguia d'alma e de coração!

Gonçalo emmudecera, impressionado. Depois, com uma serenidade a que se forçara, raciocinou, deduzio :

— Bem! tu então sabes outras cousas... Eu por mim sei que ella é bonita, e rica, e honesta, por que nunca sobre ella se rosnou nem aqui nem em Lisboa. São qualidades para se casar com uma mulher... Tu affianças que se não pode casar com ella. Portanto sabes outras cousas... Dize.

Foi então o Titó que emmudeceu, deante do Fidalgo, immovel, como travado. Por fim, com um esforço :

— Tu não me chamaste para eu depôr como testemunha, n'um tribunal... Em principio, sem outras explicações, perguntas se podes confiadamente casar com essa mulher. E eu, sem mais explicações, em principio, declaro que não... Que diabo queres mais?

Gonçalo exclamou, revoltado :

— Que quero? Pelo amor de Deus, Titó!... Suppõe tu que estou doidamente apaixonado por essa mulher, ou que tenho um interesse immenso em casar com ella... Que não estou, nem tenho : mas suppõe! N'esse caso não se desvia um amigo d'um acto em que elle está tão ardentemente empenhado, sem lhe dar uma razão, uma prova...

Assim cercado, Titó baixou a cabeça, que coçou desesperadamente. Depois, de repente, cortou a contenda :

— Olha, Gonçalo, eu estou muito estafado... Tu não vaes d'aqui a esta hora para a Igreja : e ella menos, que o marido ainda lhe não morreu ha dous mezes. Então amanhã conversamos.

Atirou duas largas passadas, abriu a porta envidraçada da varanda, gritando pelo Videirinha :

— São que horas oh Videira! Toca a partir, que estou derreado.

Videirinha que, junto da mesa, preparava com o cognac de muscatel um grog frio, esvasiou apressadamente o copo, recolheu o violão. E Gonçalo não os deteve, silencioso, esfregando embaraçadamente os mãos, no amurado despeito d'aquella recusa teimosa do Titó. Assim callados atravessaram uma saleta onde dormia, esquecido, um piano de cauda. No patamar da escada esguia que conduzia á portinha verde Gonçalo, para os allumiar, erguia um castiçal. Titó accendeu um ultimo cigarro á vela :

— Bem, entendido... Talvez eu appareça amanhã, Gonçalo.

— Quando quizeres, Titó.

E no modo do Fidalgo transparecia tanto resentimento — que, nos primeiros degraus da estreita escada, Titó hesitou, parou. Por fim desceu, pesadamente.

— Boas noites, Snr Dr... Linda noite!

— Boas noites, Videirinha... E obrigado!

E Gonçalo entrara na sala grande dos retratos, pousara pensativamente o castiçal, — quando, por baixo da varanda aberta, de repente, o vozeirão do Titó resoou, brusco e decidido :

— Oh Gonçalo, desce cá abaixo.

O Fidalgo rolou pelos degraus, sofregamente. Para alem do renque dos alamos, na estrada cheia de luar, Videirinha afinava o violão, cantarolando. E deante da porta o Titó esperava, com o chapeo para a nuca. E logo alli, sem preparo, muito serio, muito certo, desabafou :

— Oh Gonçalo, tu ficaste amuado... É tolice! E entre nós não quero sombras. Então lá vae! Tu não podes casar com essa mulher, por que ella teve um amante. Não sei se antes ou depois d'esse teve outro. Não ha creatura mais manhosa, nem mais disfarçada, nem mais sonsa... Não me venhas agora com perguntas. Mas fica certo que ella teve um amante. Sou eu que t'o affirmo : e tu sabes que eu nunca minto.

Imediatamente mettu á estrada, com os vastos hombros vergados. Gonçalo ficou immovel, sobre os degraus de pedra, deante do macadam deserto, dos sombrios alamos como elle immovéis. Uma palavra passara, irreparavel, n'aquelle silencio da noite e da aldeia, e atirara para o loço o sonho que elle construira sobre a bella D. Anna e os seus duzentos contos. Lentamente subio, re penetrou na sala, onde, pelas paredes, a luz do castiçal allumiava aqui alem uma pallidez de face antiga, uma aresta clara d'armadura, uma vaga Cruz de Christo n'um gibão desbotado. E longe Videirinha atirava, aos campos adormecidos e á lua, a quadra nova celebrando a gloria tão formosa da Casa illustre :

Que só em Paio Ramires  
O Mundo põe sua esperança...  
Que junte os seus cavalleiros  
E que salve o Rei de França!...

EÇA DE QUEIROZ.

(Continua.)



Irra!!!... Tinha subido tão alto que não contava mais com ella!...

# Noticiario Ilustrado

## A PRINCESA DA BULGARIA

**T**ELEGRAMMAS da cidade Sophia, annunciaram a morte inesperada da princesa Maria Luisa de Bourbon Anjou, mulher do principe Fernando da Bulgaria. A desventurada princesa falleceu quasi que subitamente em virtude de uma febre puerperal complicada de um ataque de *influenza*.

A princesa de Bulgaria acabava de dar á luz na vespera ao seu quarto filho a princesa Clementina quando sentio-se presa de uma violenta febre, fallecendo vinte quatro horas depois.

Nascida em Roma em 1870 a princesa Maria Luisa era a filha mais velha de S. A. Real o Duque de Parma e da sua primeira mulher Maria Pia filha do rei Fernando II de Napoles. A vinte de Abril de 1893 na palacio de Pianoia a Viareggio em Toscana ella casou-se com o principe Fernando da Bulgaria neto de Luiz Fillipe, rei de França.

A princesa Maria Luisa sedusia a todos aquelles que d'ella se ap-

proximavam pelas raras qualidades de sua intelligencia e criterioso espirito e o seo marido escutava-a com attenção nas decisões importantes a tomar na complicada politica dos Balkans.

Dotada de um coração magnanimo e caritativo era ella adorada por todo o paiz, distribuindo pelos pobres em obras pias a totalidade da renda annual de dusetos e cincoenta mil francos que lhe dava o seu riquissimo pae o Duque de Parma.



PRINCESA MARIA LUIZA DA BULGARIA  
† a 31 de Janeiro de 1899.

Uma unica vez, uma seria questão ameaçou separar o casal, foi a resolução tomada pelo principe Fernando de converter ao orthodoxismo o seo filho mais velho, o principe herdeiro Boris.

Essa resolução toda politica, não só para popularisar o pequeno principe herdeiro com o seu povo mas tambem para faser a reconciliação com a Russia não foi de modo algum aceita pela princesa que é uma fervente e piedosa catholica romana e abandonando o palacio no dia da cerimonia retirou-se para a casa da sua familia.

Mas pouco a pouco resignada, ás necessidades politicas que condisiram a Corte Imperial da Russia a faser ás pazes com a Corte da Bulgaria, e devido a intervenção pessoal do Papa, a princesa Maria Luisa conformou-se com a situação voltando para junto do seu marido.

Independente da sua muito limitada intervenção nos negocios publicos, foi a princesa Maria Luisa, uma das principaes causas da queda do poderoso ministro Stambouloff.

Esse homem de estado de um natural brusco e pouco delicado faltou diversas vezes ao respeito que ella merecia, como mulher e soberana; e d'ahi veio a falta de apoio que o principe Fernando lhe manifestou nos ultimos tempos do seu ministerio.

Na Bulgaria o lucto foi geral e sincero e na cidade de Sophia a capital do reino a multidão invadió as immediações do palacio, até que foi admittida a desfilar deante do corpo, cujas roupas as mulheres beijavam chorando.

A idade da desventurada princesa e a sua morte inesperada provocou um sentimento de geral consternação em toda a Europa.

## O PRESIDENTE DA COSTA-RICA

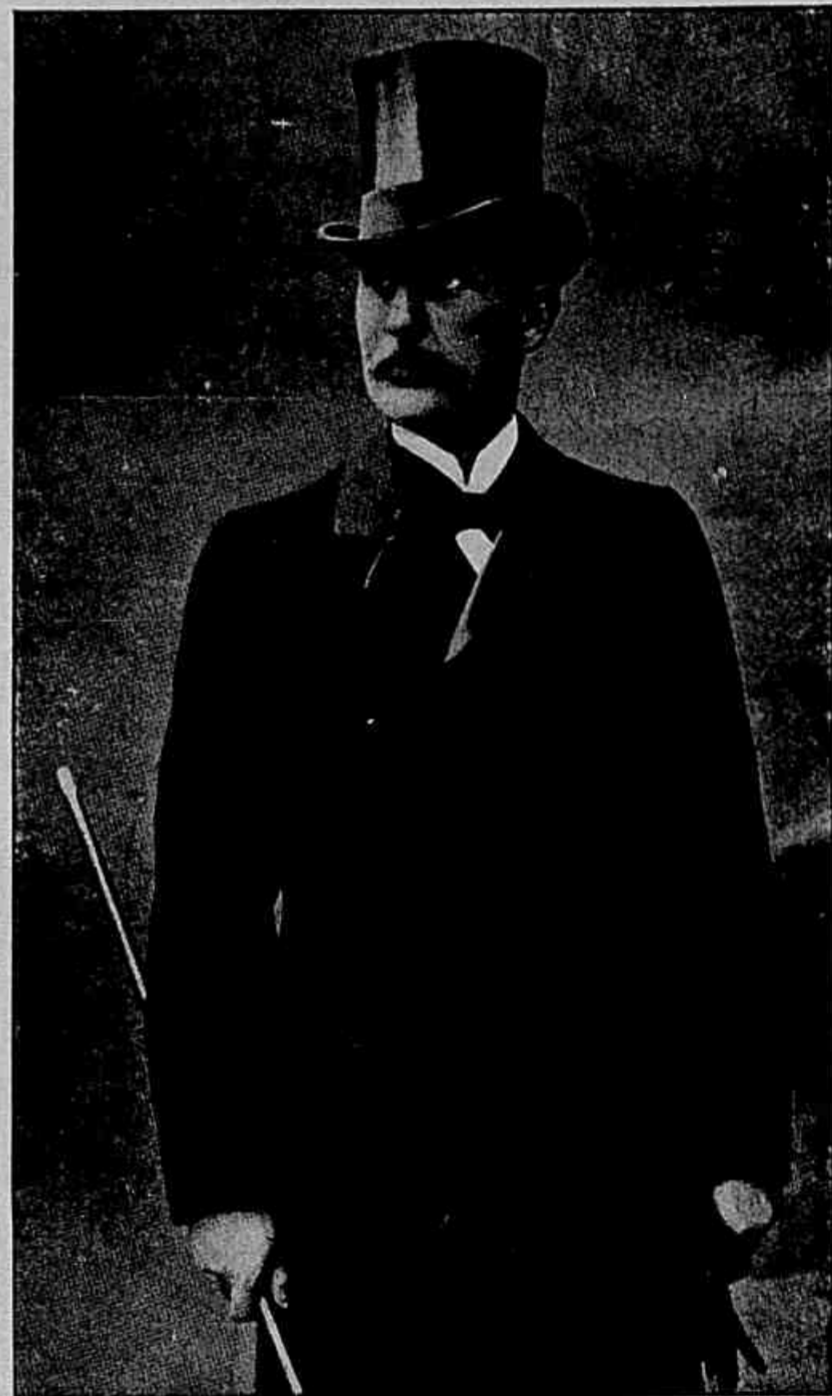
Chegou ultimamente em Paris o mais joven e o mais elegante dos Chefes de Estado. Referimo-nos ao Senhor Raphael Iglesias, moço de trinta annos e já ha algum tempo eleito Presidente da Republica de Costa-Rica. Todos os nossos leitores não ignoram que esse paiz situado na America Central é uma pequena nação de tresentos a quatrocentos mil habitantes tendo como capital a cidade de São-José. Apoz a guerra hispano-americana, os projectos financeiros dos Estados-Unidos tomaram um grande desenvolvimento, proporcionando a expansão politica que esse povo affirmou, inaugurando independente de todos os protestos contrarios, um franco regimen de conquistas e anexações. D'ahi resultou que, sem esperar mesmo a assignatura do tratado de paz, já o Snr. Mac-Kinley fasia apresen-

tar no Senado Americano que acaba de acceitá-lo e votar o grande projecto do canal de Nicaragua, destinado a unir o Atlantico ao Pacifico. A Republica de Nicaragua é visinha á de Costa-Rica e o canal em questão, que os Estados-Unidos

querem empreitar por uma somma 120 milhões de francos, reservando-se já se vê, todos os direitos de fiscalisação, policia e impostos, deve justamente atravessar o territorio desses dous pequenos paizes. E' esta a rasão da viagem do Snr. Iglesias, presidente da Costa-Rica em França e na Inglaterra, onde

o joven chefe de estado veio expressamente para conhecer a opinião dos governos de Paris e Londres antes de assignar com os Estados-Unidos um compromisso definitivo de enorme responsabilidade e importancia. A França que tem todo o interesse que o Canal de Nicaragua não seja começado, esforçando-se assim em salvar o do Panamá, que já tem uma grande parte construida a qual custou-lhe muitas centenas de milhões de francos empenhará toda a sua influencia para que o governo americano não accapare essa obra e a Inglaterra só consentirá, isto é, não fará difficuldades, nem chicanas se os Estados-Unidos lhe garantirem, publica ou secretamente, uma completa liberdade de passagem, em tempo de guerra ou de paz pelo futuro caminho do Pacifico ao Atlantico e vice-versa.

Será certamente, um grande erro politico e uma funesta imprevidencia se as potencias europeas deixarem aos Estados-Unidos a construcção, propriedade e guarda desse canal, verdadeira chave estrategica que dará á nação que a possuir uma verdadeira supremacia em vista dos importantes acontecimentos que parecem realisar-se, n'um breve futuro, nos confins do Extremo-Oriente. A arrogancia do Tio Jonathas já é intoleravel e ainda mais se pronunciará se conseguir apoderar-se d'essa vantagem de primeira ordem.



D. RAPHAEL IGLESIAS  
Presidente da Republica do Nicaragua.

## QUESNAY DE BEAUREPAIRE

Continua sempre agitada e infflammada a opinião publica que em França acompanha a marcha da celebre questão Dreyfus. Ultimamente mais um grande e escandaloso incidente foi provocado por um dos proprios membros da magistratura superior que não



QUESNAY DE BEAUREPAIRE

trepidou em accusar o supremo tribunal, incumbido de diser a ultima palavra sobre esse sensacional processo, de parcialidade e atenções criminosas para com uma das principaes testemunhas da defesa.

O Sen<sup>r</sup> Quesnay de Beaurepaire, o magistrado accusador e denunciador de seus collegas, pediu immediatamente demissão do cargo que exercia de procurador geral e como antigo jornalista que era, veio pela imprensa ameaçando ceos e terra e promettendo desvendar os mais terriveis segredos que tinha testemunhado nas salas do Palacio da justiça. Foi assim que o mesmo Sen<sup>r</sup> pelas columnas do *Echo*

de Paris contou a historia de um grog offerecido a uma testemunha, constipada e rouca e que era forçada a fallar durante muitas horas e acaba annunciando ao publico que o julgamento Dreyfus que os juizes do supremo tribunal estão preparando é suspeito e nullo de antemão, pois de ha muito fôra deliberado pelos mesmos juizes a absolvição do prisioneiro da ilha do Diabo.

O resultado causado por estas declarações foi o começo de uma campanha de alguns jornaes contra os juizes o que obrigou o governo á apresentar uma lei excepcional sobre o modo pelo qual deve ser proferida a sentença da questão Dreyfus, lei esta que revolucionará novamente a França atirando os dous partidos rivaes em novas e terriveis luctas. A imprensa e a opinião protestou, contra o proceder de um magistrado que demittio-se especialmente para vir contar ao publico historias de grogs, provando por ahi que a sua verdadeira animosidade para com os seus collegas era uma pura questão de despeito, e amor proprio offendido.

O Sen<sup>r</sup> Quesnay de Beaurepaire, pertence ao supremo tribunal desde 1892; tendo sido antes, accusador official, em cujo cargo tomou grande parte nos celebres processos de Campi, Ravachol, Eyraud e Gabriella Bompard. Na epocha do boulangismo, pronunciou um vehemente requisitorio, no processo intentado contra o general Boulanger, Rochefort e o Conde Dillon. A sua attitudo durante a complicada e melindrosa questão do Panamá foi hostile aos parlamentares.

O Sn<sup>r</sup> de Beaurepaire, commendador da Legião de Honra e romancista nas horas vagas, é tambem author dramatico tendo feito representar no theatro do Vaudeville uma peça intitulada *Pae*

## CALIXTO GARCIA

Victima do rigoroso inverno americano falleceu, ultimamente em Washington, esse velho revolucionario general e insurgente Cubano. A fatalidade não permittiu ao valente guerrilheiro gozar da epocha feliz e venturosa que começava para a sua existencia. As visinhanças do capitolio da nova Roma americana cercada d'uma temperatura glacial, receberam com uma fatal hospitalidade o representante do novo governo da Ilha.

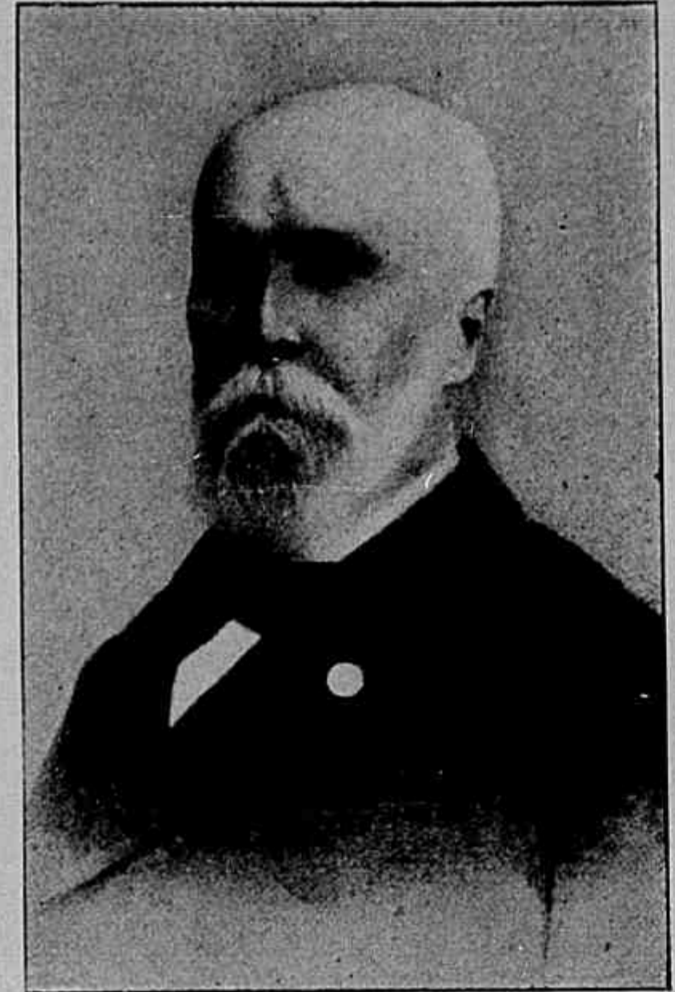
Será quem sabe um começo de máu agouro que a humanitaria America terá de exercer sobre os destinos de Cuba?

Calixto Garcia de origem cubana nasceu em 1832.

Advogado de profissão, mas insurgente por vocação a sua vida desde trinta annos foi unicamente consagrada a lucta contra a dominação hespanhola. Em 1888 organisou a revolta em Olgin.

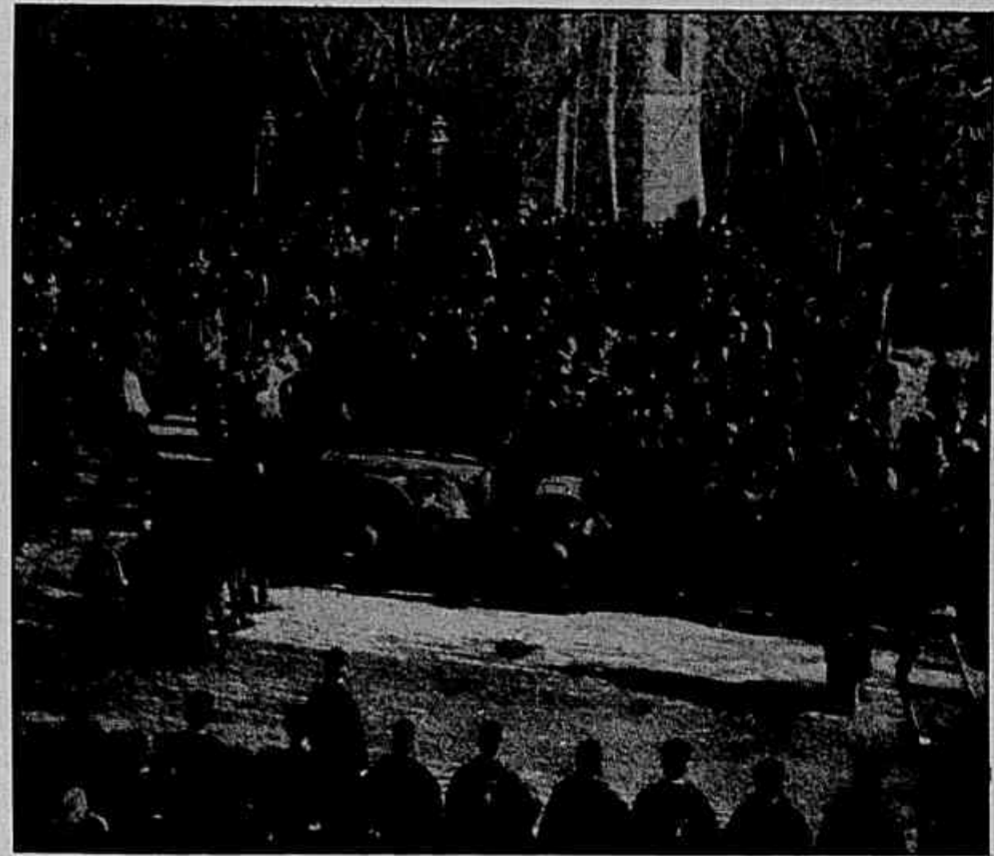
Durante a insurreição, que durou 10 annos, foi ferido, e transportado como morto a Manzanillo, salvando-se milagrosamente e enviado como prisioneiro para a Hespanha até ao fim da guerra em 1877. Pouco tempo depois n'uma outra tentativa revolucionaria é novamente preso conseguindo salvar a vida graças a um ferimento grave occasionado por um tiro de pistola que o mesmo descarregára sobre a frente. Foi uma segunda vez transportado moribundo para a Hespanha, conseguindo a sua robusta constituição dominar o ferimento grave que recebera e que lhe deixára como marca uma profunda cicatriz na testa. Viveu em Madrid até 1894 exercendo a profissão de dentista e n'um bello dia desapareceu partindo para Paris de onde embarcou-se para Nova-York com o fim determinado de preparar uma expedição fribusteira que tomaria parte na nova insurreição levantada na ilha pelos chefes José Marti e Alberto Gomez. Conseguindo illudir a facil vigilancia americana partiu para Cuba desembarcando na provincia de Santiago onde a frente de alguns mil homens combateu pertinazmente as tropas hespanholas até o dia em que os Estados-Unidos declarando a guerra contra a Hespanha as suas forças fizeram junção com o corpo do exercito invasor do general americano Shafter. Delegado pela assembléa dos revolucionarios Cubanos reunida em Sancta-Cruz-del-Sul partira para Washington para conferenciar com o presidente Mac-Kinley, succumbindo como acima dissemos d'uma pneumonia causada pelo rigoroso inverno da capital americana.

Calixto Garcia não esperava de modo algum esse proximo fim,



CALIXTO GARCIA

† Em Washington em Dezembro de 1898.



Os funeraes de Calixto Garcia na igreja de São Patricio em Washington.

pois dias antes de embarcar, conversando com um jornalista francez mostrava-se contente e satisfeito pelo fim da dominação hespanhola e promettia ao mesmo tempo uma proxima visita a Paris onde tencionava habitar durante a exposição.

O CASAMENTO DE M<sup>me</sup> X....

A bella photographia que junto damos é a reproducção d'um retrato celebre de M<sup>me</sup> X. considerada uma das mais fascinantes bellezas parisienses e cujo casamento ultimamente realizado com

um dos jornalistas mais em voga d'esta capital bastante preocupou a chronica mundana dos boulevards.

Num dos restaurants elegantes desta capital entrava tranquil-



Retrato de Madame X...

lamente, em companhia d'um artista amigo, esse mesmo jornalista quando attrahido pela belleza esculptural d'uma senhora que justamente collocada em um dos cantos da sala fazia sobresahir o perfil magestoso da sua physionomia avivado por dois grandes olhos negros e provocadores.

O artista dirigiu-se immediatamente para saudal-a, pois essa formosa creatura era precisamente o original vivo e animado do quadro que elle fizera.

Apresentou o seu amigo que na boa camaradagem d'uma palestra sentiu-se irresistivelmente seduzido por esse ideal modelo.

As consequencias d'um tal encontro eram facéis de prever e nos dias que se succederam a essa perturbante apresentação a ausencia desse collaborador foi com justiça notada nas salas da redacção, pelos collegas intrigados. Sómente dias depois o mysterio desse desaparecimento foi explicado pelos convites recebidos e que fixavam uma data muito proximo para o futuro enlace.

M<sup>me</sup> X é uma viuva de 26 annos. O seu fallecido marido pertencente a uma nobre familia Austriaca, era official de um regimento em guarnição a Buda Pesth. Envolvido n'uma intriga amorosa por causa de uma bailarina do Theatro Real, provocou em duello, um jovem Magyar que pretendia conquistar a sua bella dulcinéa, sendo morto pelo mesmo n'um encontro realiado e cuja arma escolhida foi a pistola.

O resultado fatal d'esse escandalo, fez grande sensação na capital da Hungria e M<sup>me</sup> X. cruélmente ferida no seu amor proprio, voltou para a França onde habitava toda a sua familia. Ella tinha n'essa occasião apenas vinte tres annos incompletos guardando por consequinte durante tres annos o lucto do seo primeiro marido.

#### SUICIDIO DE UM DIPLOMATA

Causou grande sensação no corpo diplomatico acreditado em Londres a morte do jovem secretario da embaixada d'Austria o conde Karoly. Filho de um eminente estadista e chefe politico austriaco, apenas com vinte cinco annos de idade, resolveu n'uma destas manhãs de Janeiro, tranquillamente recostado no seo so-phá, em frente a chaminé onde crepitava um bello fogo findar a triste e amorosa existencia por meio de uma bala no cerebro.

Disem alguns que o moço diplomata, desanimado pelos progressos de uma molestia de peito, resolvera adeantar o fim fatal ao qual estava condemnado, mas a verdade parece não ser esta, pois o jovem fidalgo suicidara-se tendo nas mãos um formoso retrato de mulher muito conhecida de toda a aristocracia londrina e cujas relações de parentesco com a familia real, impediam um casamento tão desejado e impossivel de realisar-se.

Qual a verdadeira das versões não sabemos, e registramos no nosso « Noticiario » esse facto pouco commum a bem do interesse que o mesmo despertou. O velho conde de Karoly foi pessoalmente a Londres buscar o corpo do seu infeliz filho que foi conduzido

para a Austria e lá enterrado no dominio senhorial de Persek antigo feudo d'essa nobre familia.



CONDE DE KAROLY

#### O NOVO SUB-MARINO FRANCEZ

Uma descoberta que parece destinada a revolucionar as grandes marinhas do mundo acaba de ser verificada, nos ultimos exercicios feitos pela esquadra franceza do mediterraneo. Na presença do Snr. Lockroy ministro da marinha e do almirante em chefe que tinha o seu pavilhão içado a bordo do encouraçado Magenta, verificou-se as condições de navegabilidade e de offensiva de um novo torpedeiro sub-marino Gustavo Zedé baptisado com o nome do seu inventor que infelizmente é fallecido ha pouco mais de um anno, parecendo ter legado a sua patria um formidavel elemento de guerra destinado ás mais terriveis surpresas nas proximas batalhas navaes.

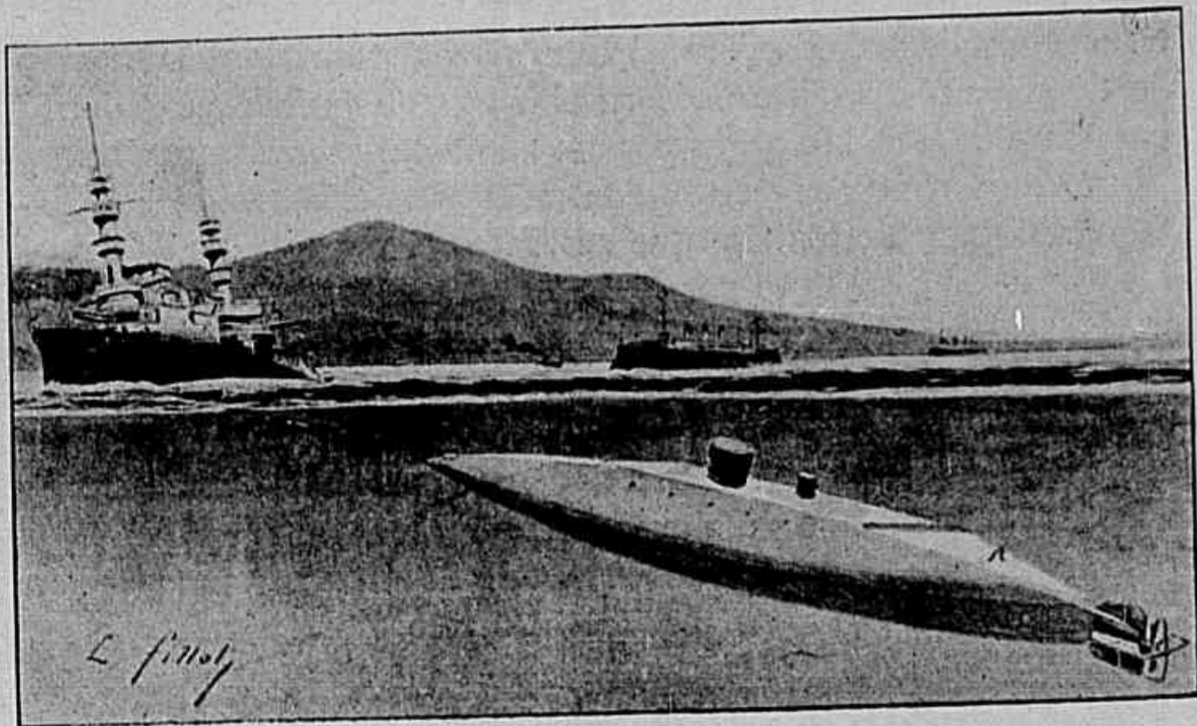
O « Gustavo Zedé » é na sua forma exterior, muito mais longo que todos os submarinos que tem sido experimentados até esta data. O almirantado francez dando seguimento a construcção d'este navio de guerra procurou antes de tudo, conceder aos officiaes e a equipagem que n'elle tinha de servir o maximo conforto e largueza possivel. O submarino francez funciona todo elle por meio de electricidade que lhe é fornecida por poderosos accumuladores. As suas condições de submersão vão até vinte metros de profundidade mas pode navegar com facilidade a quatro metros abaixo da superficie das aguas.

Hermeticamente fechado, tem justamente no meio, um pequeno torreão observatorio, alto de dous metros que lhe permite bem fixar o rumo que deve seguir. E' assim que o « Gustavo Zedé » navegando sempre com a metade do seu torreão a flor d'agua mergulha immediatamente, logo que um navio inimigo é assignalado, mas continua sempre a caminhar na direcção do mesmo navio e de tempos a tempos volta á superficie a cupola do seu observatorio para verificar a distancia que se acha e melhor garantir a direcção. O pequeno torreão, unico ponto de mira que o adversario pode descobrir não offerece a menor garantia para feril-o pois a apparição é de alguns segundos e só é visivel quando o submarino já está em distancia mais que necessaria para lançar o seu torpedeo.

Para mais garantir as experiencias, recebeu o commandante ordem, para perder completamente de vista a esquadra e depois

voltar submergido, atacar um dos navios. O « Gustavo Zedé » perdeu-se no horizonte e uma hora depois foi assignalada a cupola do seu torreão a uma milha do « Magenta » que procurou fugir, mas um quarto de hora depois surgiu das ondas o submarino a quatro centos metros do encouraçado almirante e lançou-lhe um torpedo secco que veio bater nos flancos do poderoso navio, justo na altura das machinas. Se o torpedo, fôra explosivo, o « Magenta » estaria ferido de morte.

O submarino « Zedé » tal qual foi ultimamente experimentado pode navegar cem milhas sem ser preciso carregar de novo os acumuladores ; mas não lhe é possível trazer para os seus ataques mais que dous ou tres torpedos. O governo, deu ordens para que fossem construidos immediatamente mais alguns torpedeiros d'esse mesmo typo os quaes serão aperfeiçoados de todos os pequenos defeitos notados, para que a descoberta definitiva pudesse ser consagrada, revolucianando assim todas as marinhas do mundo. Os meios



O « Gustavo Zedé »  
lançando um torpedo contra o encouraçado Magenta.

de destruição serão por esta forma de tal modo terriveis que a nação que o possuir gozará incontestavelmente de uma supremacia absoluta nos mares.

O jornal parisiense « Le Matin » abriu uma subscrição nacional que elevou-se em dez dias á quantia necessaria de trezentos mil francos que vai ser offerecida á marinha de guerra para a construcção de mais um submarino igual ao « Gustavo Zedé » e que será baptisado com o nome de « Le Français ».

**A MAIOR CASA DO MUNDO**

Se não existe puramente estylo nas cidades inglezas e se na immensa metropole Londrina, mais vasta que muitas Babyloias reunidas, as construcções das casas apresentam em geral um cunho barroque; na America do Norte, onde as tradições da mãe patria foram n'este ponto fiélmente observadas, ve-se cousas bem mais extraordinarias e disparatadas. A cidade americana que nasce e cresce como um cogumello é sem excepção um amontoado de construcções onde o gosto e a arte foram sacrificados nas profundidades do solo sobre o qual ella levanta-se e independente das cousas collossaes que n'ellas se fazem, os seus engenheiros, architectos e proprietarios só tem em vista, o fim practico, util e financeiro.

E' assim que vemos n'uma praça de Nova-York ao lado de uma casa de cinco ou seis andares, lançar-se um desmesurado colosso que completamente deslocado das suas modestas visinhas ameaça as nuvens com a respeitavel e imponente massa dos seus vinte andares.

Se o arrojado de semelhantes construcções tem um real valor pelo seo lado extraordinario e practico, concordará o leitor que o effeito artistico é simplesmente horrivel. O edificio a que nos referimos e que a nossa gravura representa é o de Park-Row de Nova-York construido e acabado n'um dos quarteirões mais commerciaes da grande cidade americana. Representa elle o typo mais completo do edificio industrial moderno e na vastidão do seo interior dez mil

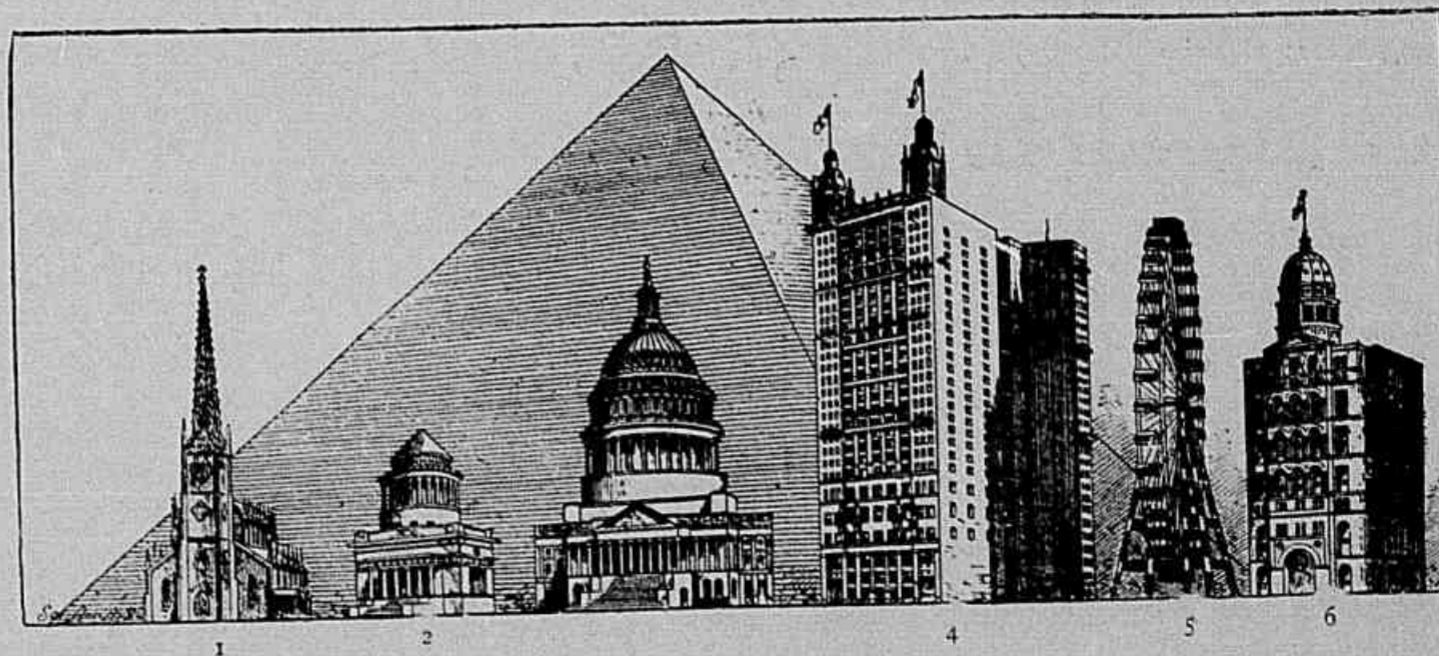
pessôas são confortavelmente accommodadas. Possui mil escriptorios occupados por advogados e commerciantes, muitos dos quaes são de grandes dimensões, e toda essa população que ahi vive, sobe



O edificio do Park-Row em Nova-York.  
A maior casa e a mais alta do mundo.

e desce por meio de vinte e dous ascençores que funccionam sem cessar.

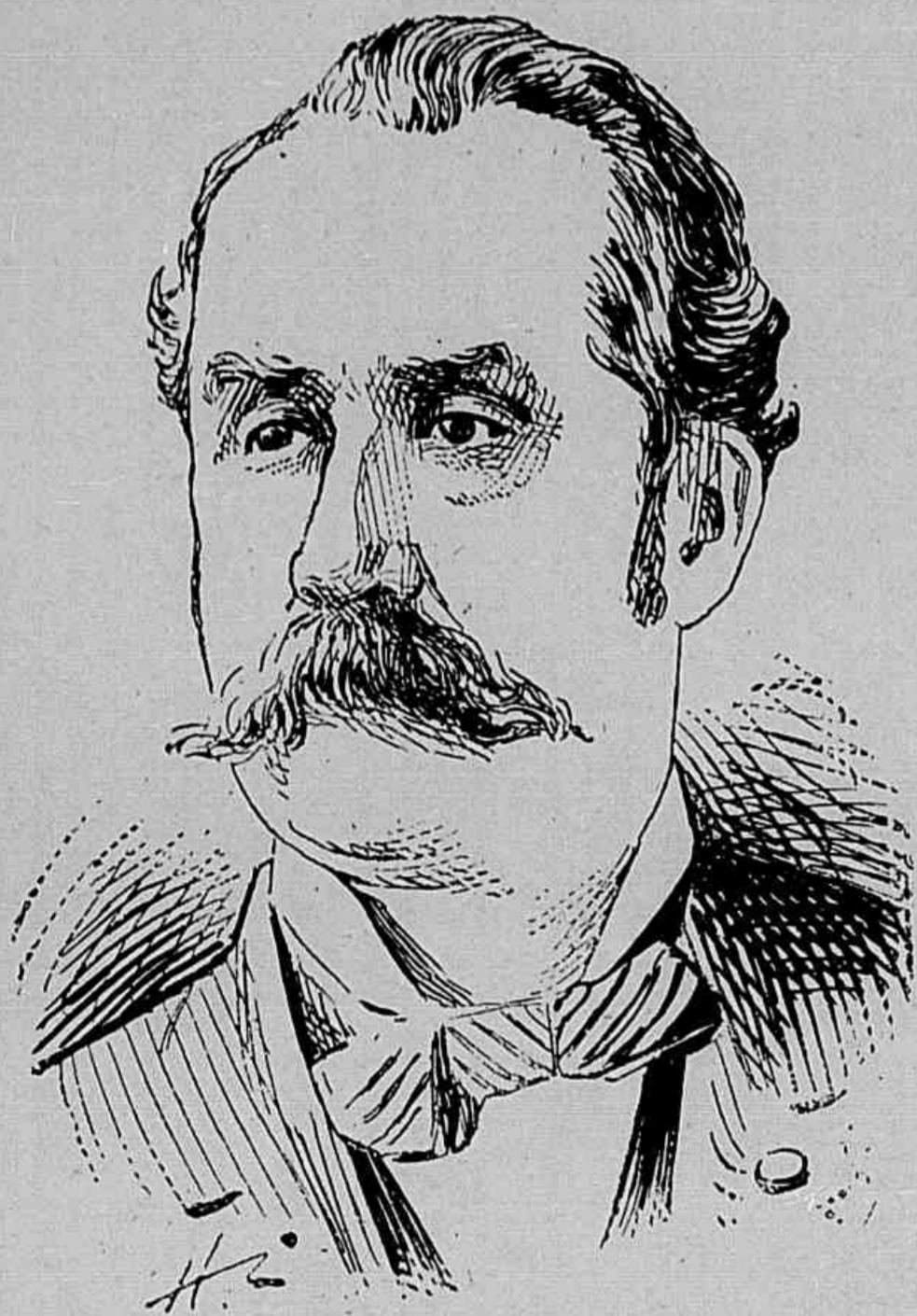
É curioso comparar-se, segundo o desenho que abaixo damos a altura d'alguns dos principaes edificios de Nova-York com a da Grande Pyramide. Não sómente o Park-Row passa consideravelmente todos elles, mas falta-lhe simplesmente tres ou quatro metros para alcançar o cume da gigante do Egypto.



Altura comparativa dos maiores edificios americanos com a grande pyramide do Egypto.  
1. Egreja da Trindade em Neva-York, 96 metros. — 2. Mausoleu do General Grant em Neva-York. — 3. Zimborio do Capitolio em Washington, 96 metros. — 4. O edificio de Park Row em New-York 130 metros. — 5. A grande Roda de Paris, 100 metros. — 6. O edificio do Jornal O mundo em Neva-York, 98 metros.

## A MAIS ALTA MONTANHA DO MUNDO

Un viajante inglez Sr. Conivay, acaba de fazer duas ascensões ao cume do Illampú nas proximidades do lago Titicaca, tambem chamado Nevada de Sorata, não sendo bastante feliz nas suas



O Explorador Conivay.

explorações de grandes alturas e não conseguindo tambem, fixar a mais alta região dessa montanha como fizera mezes antes na sua subida ao Illimani cuja parte mais elevada foi pelo mesmo visitada.

Estas explorações dão sempre resultados interessantes para os geographos de todo o mundo e tambem para a sciencia e para a geographia em geral. Não obstante todas as tentativas não tem sido possivel até ao presente determinar com exactidão qual é o pico mais elevado da cordilheira dos Andes.

A primasia outr'ora attribuida ao Chimborazo, na republica do Equador, depois conferida pelo inglez Pentland ao Illampú ou Sorata na Bolívia, parece hoje reconhecida ao Aconcagua montanha do Chile. No Atlas de Schrader esta ultima figura com 6 970 metros, o Illampú com 6 550, o Illimani com 6 410 e o Chimborazo com 6 310.

Essas incertezas e variedades de algarismos provêm evidentemente da differença do methodo empregado na verificação das alturas.

Tudo leva a crer que a verificação definitiva feita pelo barometro e hypsometro, instrumentos necessarios para essas medições, collocaram o Illampú da Bolívia acima das maiores alturas reconhecidas nos Andes, isto é 7 406 metros de altitude o que lhe dá uma

superioridade de 634 metros sobre o Illimani e 536 sobre o Aconcagua.

Um traço curioso da ultima ascensão do viajante inglez foi a hostilidade testemunhada pelos indios agricultores que habitam as fraldas dessa montanha. Esses indigenas accusavam o explorador de querer subtrahir um vitello, uma cruz e uma bolla de ouro que, segundo uma lenda selvagem, acham-se depositados no mais alto cume da montanha.

## O PROCESSO HENRY-REINACH

Ainda ligado á complicada questão Dreyfus, foi ultimamente julgado o processo que a viuva do coronel Henry intentou contra o escriptor e homem politico francez José Reinach.

O Snr. Reinach que tem tomado desde o começo da campanha Dreyfus uma salientissima posição ao lado dos revisionistas, escreveu uma serie de vibrantes artigos nos quaes procurava demonstrar a cumplicidade do Coronel Henry e d'Esterhazy na fabricação de documentos falsos e no fornecimento de outros verdadeiros que eram largamente pagos por um addido militar estrangeiro.

A viuva Henry protestou contra essas accusações e immediatamente o partido politico que sustenta a culpabilidade de Dreyfus, poz a sua disposição por meio de uma subscrição, organizada pelo jornal a *Libre Parole* a elevada somma de cento e cinquenta mil francos, para que essa senhora levasse avante o processo que desejava intentar contra o escriptor Reinach.

No dia da primeira sessão a audiencia promettia ser cheia de grandes incidentes e os dous partidos oppostos, representados pelas personalidades mais em evidencia dos mesmos, ameaçavam repetir os mais agitados dias do processo Zola, renovando as tumultuosas sessões de Março de 1898.

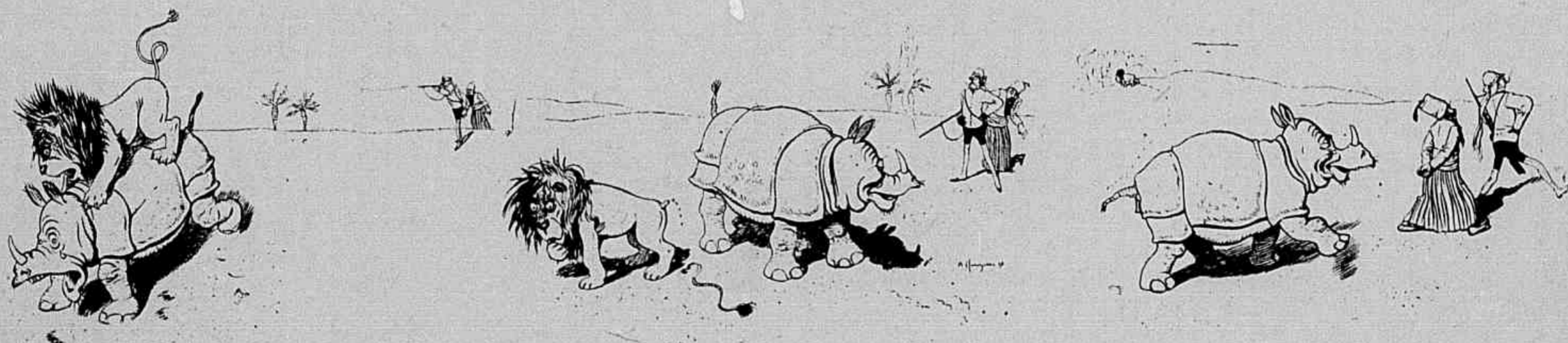
Mas o defensor do Snr. Reinach o grande advogado Labori, cujo talento é hoje universalmente conhecido, conseguiu após um brilhante discurso o adiamento d'esse processo que não tinha rasão de ser antes que o Supremo Tribunal pronunciasse a sentença definitiva sobre a questão Dreyfus. O defensor da viuva Henry, o não menos illustre advogado Saint-Alban, protestou contra esse pedido, mas o jury decidiu favoravelmente ao pedido

M<sup>me</sup> Henry.

Escriptor Reinach.

da defesa sendo o processo reenviado para uma data posterior se n'essa occasião as partes contrarias estiverem decididas á continuação do mesmo.

REPORTER



" A gratidão de um Hipopotamo "

# SPORT

## A LUCTA ROMANA E OS SEUS CAMPEÕES

É um dos mais velhos e apaixonados sports que practicavam os povos da antiguidade e n'elle consistia geralmente a principal attracção dos seus jogos. Para alcançar a victoria luctavam até á morte se preciso fora, pois ella consagrava-lhes honrsos privilegios, grande prestigio e fortuna.

O athleta victorioso tinha direito aos lugares de honra nos jogos publicos e nos theatros e mesmo em Spartha, um edito real dava-lhes a subida distincção de combater ao lado do soberano. As estatuas dos heróes das luctas eram levantadas por conta do Estado, nas praças publicas, nos amphitheatros, nas Palestras e nas vizinhanças dos templos.

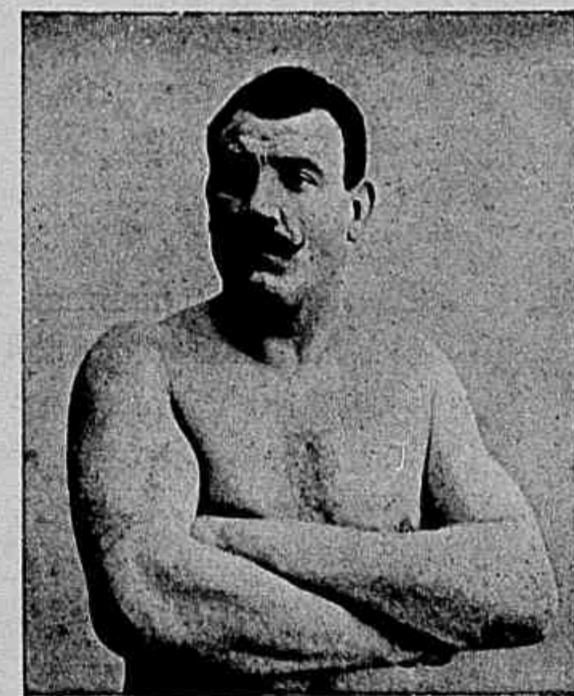
Em Athenas uma lei de Solon garantia quinhentas drachmas (cerca de 500 francos), ao athleta vencedor nos jogos olympicos e cem drachmas á todos os outros tambem victoriosos em qualquer outra solemnidade.

Finalmente eram elles livres de qualquer imposto e recebiam sempre dos amadores grandes recompensas pecuniarias.

Os luctadores de hoje não gozam de tantas vantagens e muito longe estão de possuirem o menor prestigio e privilegio, pois de ha muitos annos o descredito e a chalaça, são quasi as unicas remunerações concedidas aos seus trabalhos e ás suas pessoas.

São elles na verdade os unicos responsaveis d'essa triste decadencia, pois no exercicio de uma proffissão outróra tão bella e nobre empregam hoje o mais desbragado charlatanismo, fazendo assim deslealconcurrencia aos saltimbancos das mais reles feiras.

Entretanto os ultimos



**PONS**  
Primeiro campeão Francez.

concursos internacionaes que têm sido n'estes ultimos tempos organizados nos principaes paizes, deram um verdadeiro impulso ás luctas e aos luctadores, sobresa-hindo no meio d'estes um grupo de athletas, que procura levantar a *carreira* e ennobrecer o officio já bastante desdourado.

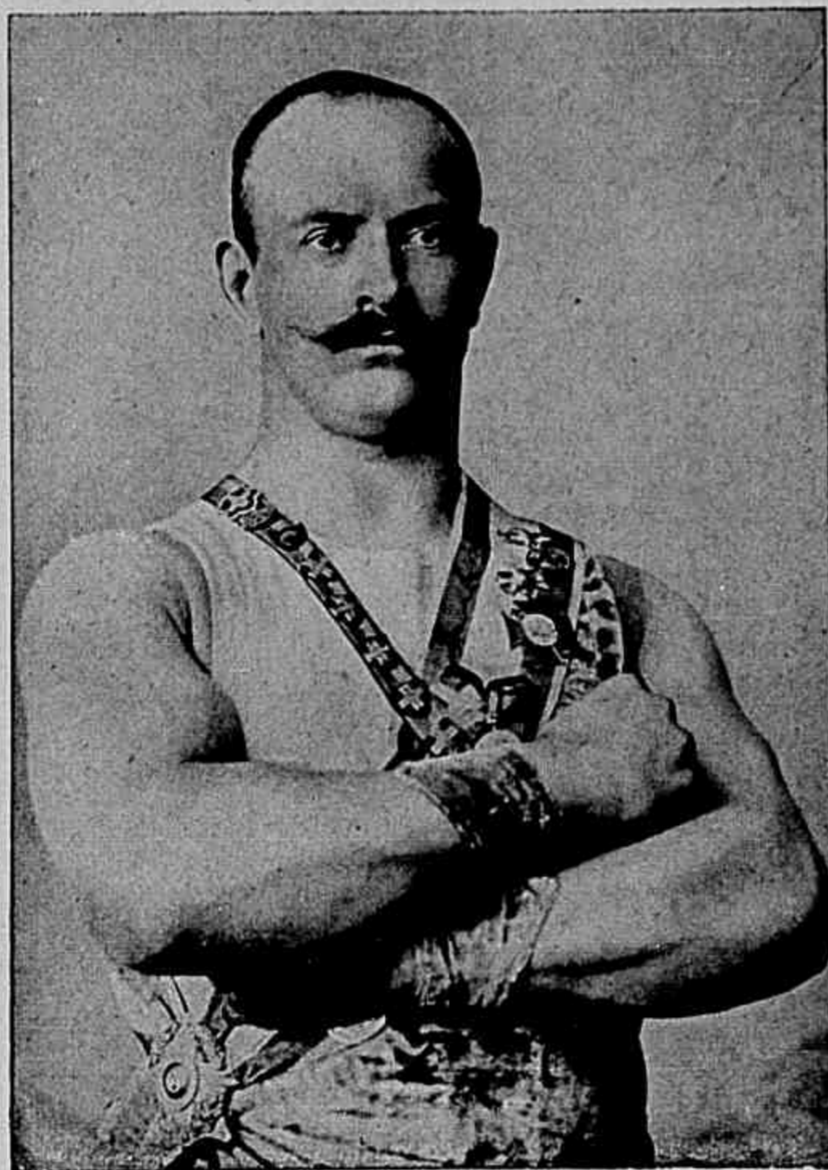
Representam elles o estado-maior do campeonato cosmopolita que tem ultimamente transformado os grandes estabelecimentos concertos de Paris em verdadeiras arenas de pugilato.

Em França esta raça de proffissionais é geralmente originaria de Mar-

selha, Bordeaux e Toulouse, mas quasi todos os outros paizes são egualmente representados por magnificos colossos, todos elles *artistas* de primeira ordem.

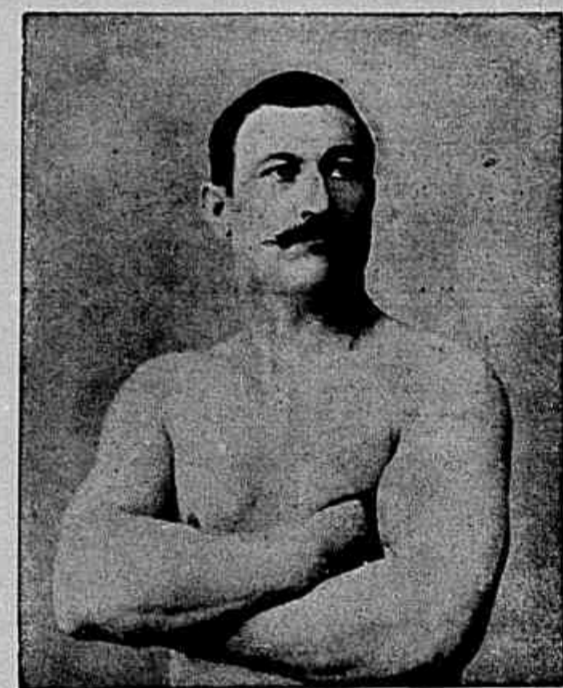
Acompanhando as nossas illustrações damos algumas rapidas linhas sobre as mais notaveis figuras da lucta que têm despertado verdadeiro entusiasmo e provocado as acclamações do publico, que corre aos milhares, assistir a esses interessantes espectaculos.

Começaremos por Nicolau Pytlazinski, polaco, campeão do mundo, sempre vencedor e jamais vencido. Um dos mais bellos typos de athleta que temos conhecido e de uma completa perfeição esthetica; mede um metro e trinta de alto e pesa somente noventa e dous kilos. Proffessor da Academia Imperial de Gymnastica de São Petersburgo, é um verdadeiro luctador de alta escola. Os seus successivos triumphos são devidos ao partido intelligente que tira dos seus exercitados musculos e da grande agilidade que possui. Nasceu em Varsovia em 1863 dedicando-se desde os quinze annos de idade á aprendizagem da lucta. Aos vinte e cinco annos é nomeado pelo Grão-Duque Valdimiro, proffessor na Academia de Gymnastica. Em 1882, tomou parte no Concurso



**NICOLAU PYTLAZINSKI**  
Primeiro Campeão da Lucta Romana.

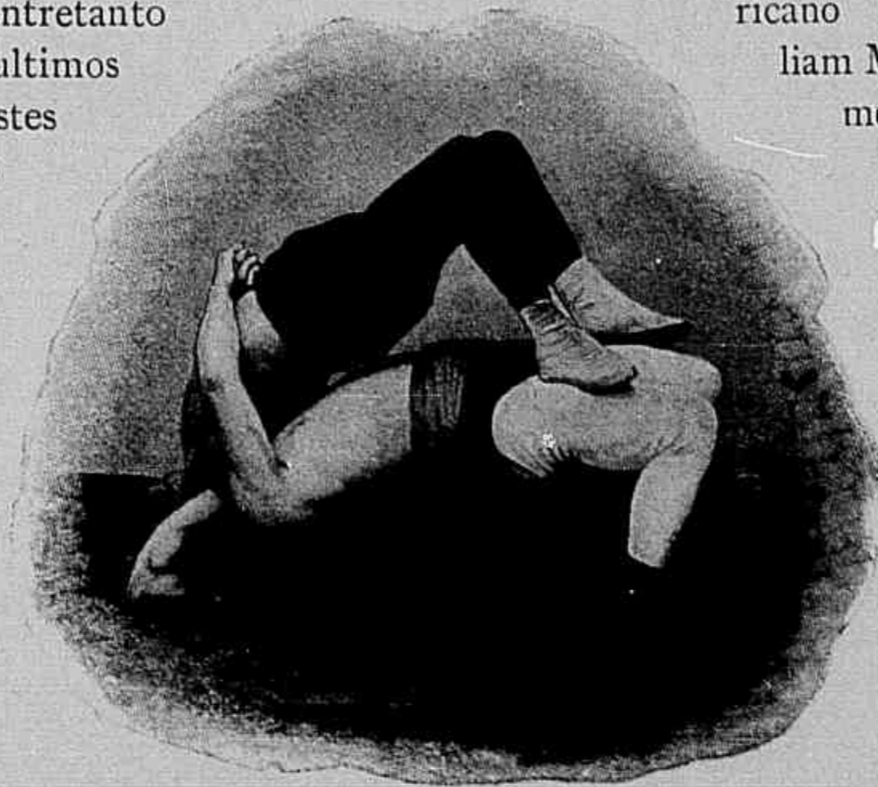
Federal em Thur. Em 1886 e 1888, alcançou os primeiros premios de Bienne e dos jogos Olympicos de Lucerna que attrahiram quatorze mil gymnastas das diversas sociedades da Confederação. Vem em Paris em 1887 tomar parte no Concurso Internacional de Vincennes, exhibindo-se depois no circo de Inverno onde derruba o celebre campeão Charles Absa. No anno passado bate na Inglaterra o primeiro luctador inglez e americano William Moor e



**GAMBIER**  
Segundo campeao de França.

medio-se, mezes mais tarde em São-Petersburgo, com Pons, luctador francez classificado invencivel no mundo dos proffissionais. Pytlazinsky após uma lucta de trez quartos de hora vence o gigantesco campeão de França.

Um dos nossos redactores conversando com Nicolau Pitlazinsky, justamente na noite em que elle lançava por terra um dos celebres luctadores francezes Laurent, ouviu d'elle a seguinte historia que não deixa de ser interessante. « Eu sou um luctador leal e não faço d'isto um meio de ganhar a vida, declarava o grande campeão russo, pois a minha proffissão official e



Esta gravura e as outros tres que se seguem representam interessantes e curiosas posições da Lucta Romana.

para a qual sou pago, é a de professor de gymnastica na Academia Imperial de São Petersburgo; mas desde que comecei a lutar em França aceitando ultimamente o convite que me foi feito para



tomar parte no campeonato internacional, tenho encontrado da parte de quasi todos os lutadores francezes, uma verdadeira furia de veucer-me por todos os meios mesmo empregando os passes mais brutaes. Defendo-me e defenderei sempre, contra esse modo de proceder que affasta-se radicalmente da verdadeira lucta Romana. Já na Russia, n'uma pequena cidade do governo de Penza, fui victima de um allemão que se dizia primeiro campeão americano e

que me perseguia ha muitos mezes para aceitar um desafio. As intenções d'esse individuo para commigo eram criminosas como testemunharam muitas pessoas depois, e durante a lucta que tivemos agarrou-me o pulso direito e torceu-me o braço para traz destroncando-o em duas partes. A policia interveio prendendo-o, ficou provado que esse homem declarara que faria o possivel para lutar commigo pois desejava estropiar-me de qualquer modo.

D'essa data em deante, protejo o meu corpo e a minha vida o mais que me é possivel, e quando encontro um adversario que obstina-se a empregar a brutalidade e golpes prohibidos, abandono a lucta e faço o meu protesto deante do Jury. Assim foi o meu caso com o luctador francez Pons.

Pons, colosso dos colossos, originario de Toulouse, primeiro campeão francez e antes de ser vencido por Pytlasinsky, qualificado o primeiro do mundo, após a morte tragica do luctador turco Youssouff, percido na catastrophe do paquete la *Bourgogne*. Se Pytlasinski é o athleta elegante, Pons é o mais completo typo da força bruta. Tem um metro noventa cinco de alto e o tronco do peito e das costas medem uma circumferencia de um metro e trinta e um centimetros. O seu respeitabilissimo peso é de cento e trinta cinco kilos e a sua mascula physionomia é das mais caracteristicas. Em todas as grandes luctas em que tem tomado parte, vence o adversario esmagando-o com a massa colossal do seu corpo.

Estreou em 1881 e conta trinta e quatro annos de idade. Medio-se com todos os grandes campeões da lucta: Bernard Apollon, Robinet, Tom Canon, Naurka, Youssouf, etc. : vencendo-os todos á excepção do ultimo com quem fez partida nulla.

Luctando com Pytlazinski no concurso internacional, organizado ultimamente no Cassino de Paris, pelo *Jornal do Sport*, Pons procurou diversas veses applicar-lhe golpes prohibidos pelo

regulamento das luctas romanas e de tal modo o campeão francez insistia nos passes brutaes que o luctador russo, n'um momento dado abandonou a scena meio asphyxiado declarando não continuar a lucta com um adversario de má fé que, por meio de um jogo desleal, tentava-o estrangular para assim obter a desforra da derrota que elle mezes antes lhe infligira. Pons á vista da retirada do seu adversario, proclamou-se a si mesmo

campeão do mundo, mas o escutado e authorisado arbitro Francisco Bordelez encarregado de assistir e julgar a lucta não admittio essa decisão e com elle as trez mil pessoas que tambem assistiam ao encontro dos dous campeões.



Gambier, classificado segundo campeão francez, é o luctador mais fino e educado d'entre todos os profissionaes. Conhecido e bastante estimado na boa sociedade dos sports, toma sempre parte nos exercicios de athletismo organizados nas soirées dos Clubs elegantes. Tem vencido todos os competidores francezes á excepção de Pons.

Pelas illustrações que acompanham o nosso texto poderá o leitor julgar das phases mais interessantes da lucta romana entre dous campeões de primeira ordem; Robinet, francez, e Wetasa primeiro luctador Austriaco.

Antes de finalisarmos devemos diser que Wetasa o campeão austriaco que as nossas gravuras representam luctando, foi uma das victimas do colosso francez Pons que procurando dominal-o levou a brutalidade ao ponto de quebrar-lhe os ossos das claviculas.

Wetasa protestou contra essa infame maneira de faser sport e n'um artigo que publicou acompanhado da assignatura de muitos profissionaes que lhe davam rasão, qualificou o proceder de Pons de uma tentativa de assassinato. O conhecido Jornal francez *Figaro* convidou a Pons e Pytlasinski para uma sessão de lucta que devia ser a grande attração do ultimo *five o'clock*, mas os illustres adversarios não puderam chegar a um accordo, ficando sem effeito o convite.

# Revista Moderna

Ilustração Brasileira

MAGAZINE LITTERARIO E ARTISTICO

Apparecendo com a maxima regularidade todos os mezes e dando aos seus leitores **cincoenta** paginas de texto e perto de **cem** illustrações impressas em magnifico papel, n'uma artistica capa em **chromo-typographia** e um bellissimo **hors texte** consistindo na reproducção, a côres, dos quadros mais celebres dos pintores contemporaneos.

O texto contido em cada numero da Revista Moderna equivale ao de um volume ordinario de mais de trezentas paginas.

## Brinde da Revista Moderna

Como annunciámos nos nossos ultimos numeros, a *Revista Moderna* offerece aos seus assignantes e leitores que renovarem ou tomarem uma assignatura por um anno

### UM EXPLENDIDO BRINDE

consistindo n'uma bellissima gravura a côres copia perfeita e admiravel do

### Celebre Quadro de BOUCHER

## O NINHO

(DO MUSEU NACIONAL DO LOUVRE)

uma das melhores composições do grande mestre francez do seculo XVIII, cuja reproducção artistica é rarissima e attinge preços consideraveis nos mercados europeos. Tivemos a felicidade de poder obter uma limitada tiragem d'esta obra prima que pomos a disposição dos nossos leitores nas condições acima indicadas.

Os nossos assignantes e leitores, que habitam nas localidades onde a *Revista* tem agencias, basta, para o obterem que se dirijam a esses agentes quanto aos que habitam em outras localidades terão a bondade de fazer o pedido por escripto a esses agentes e juntar 1000 reis para as despezas da remessa postal.

## ESPINGARDA DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1ª qualidade

# A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

8, Avenue de l'Opéra, PARIS

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica  
da Casa Guinard.

## ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dôr em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A Cerebrine actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes*, contra o *zono (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da fadiga, do *trabalho á sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Paris na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ

1878 — MÉDALHA DE OURO — 1878

A mais alta Recompensa dada aos Adubos

1889 — FORA DE CONCURSO — 1889

Membro do Jury de Recompensas

## SOCIEDADE ANONYMA

DE

# PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Séde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, Administradores

### ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para caféceiro, despeza por pré : 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.  
— cacoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.

Para canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

INFORMAÇÕES, ANALYSES, LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA  
EM PARIZ E EM BORDEAUX

DIRIGIR-SE AOS ADMINISTRADORES DA SOCIEDADE :

30, rua des Allamandiers, BORDEAUX. — 15, rua des Petits-Hôtels, PARIS.

## REVISTA MODERNA

Ilustração Brasileira e Magazine Litterario e Artístico

Director : M. BOTELHO

### COUPON DE ASSIGNATURA DE UM ANNO

Ill<sup>mos</sup> Sen<sup>rs</sup>.....

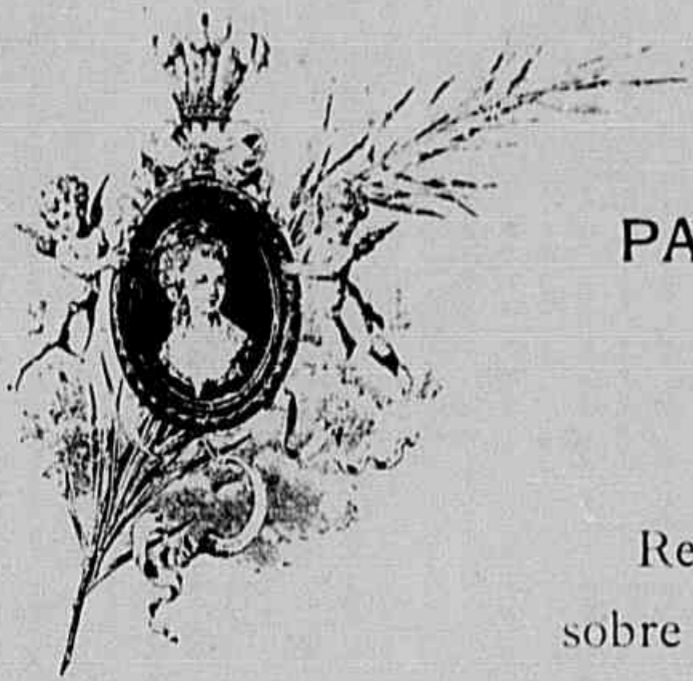
Agentes da **Revista Moderna**.....

Junto enviamos a quantia de 50\$000 Reis importancia de uma Assignatura de um Anno a comecar do N<sup>o</sup> 25 e terminando com o N<sup>o</sup> 36, que os Sen<sup>rs</sup> farão o obsequio de enviar-me a direcção abaixo :

Nome do Assignante.....

Endereço.....

Os Assignantes do interior enviarão aos nossos agentes, afara a importancia da Assignatura, mais *Mil réis* para a remessa pelo correio do grande quadro a côres, que constitue o valiosissimo e artistico brinde que a *Revista Moderna* oferece a todos os seus assignantes.



# MATHIEU-DEROGHE

PARIS — 39, Boulevard des Capucines — PARIS

ASCENSEUR ✕ TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

147

Casa fundada em 1866. — Medallas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889

Membro do Jury 1893. — Membro dos Comités d'admissão da Exposição 1900

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

LIBRAIRIE C. REINWALD — SCHLEICHER Frères, ÉDITEURS  
PARIS — 15, RUE DES SAINTS-PÈRES, 15 — PARIS

## L'HUMANITÉ NOUVELLE

*Revue Internationale, Sciences, Lettres et Arts*

PARAIT MENSUELLEMENT EN UN VOLUME IN-8 D'AU MOINS 128 PAGES

ABONNEMENTS { France et Belgique, *Un an*. . . . . 12 fr. — *Six mois*. . . . . 7 fr.  
{ Etranger (Union) — . . . . . 15 fr. — . . . . . 8 fr.

UN NUMÉRO : 1 fr. 50

Envoi d'un Numéro Spécimen, contre 1 franc en timbres-poste

### Principaux Collaborateurs

Ch. Andlet.  
Theophilo Braga.  
Judith Cladel.  
N. Colajanni.  
J. Dallemagne.  
Victor Dave.

G. De Greef.  
G. De La Salle.  
Hector Denis.  
Holger Drachmann.  
G. Ferrero.  
E. Ferri.

Jean Grave.  
Gunnar Heiberg.  
Léon Hennebicq.  
Henrik Ibsen.  
J. P. Jacobsen.  
P. Kropotkine.

P. Lavroff.  
Ch. Letourneau.  
Domela Nieuwenhuis.  
J. Novicow.  
Ed. Picard.  
Élisée Reclus.

Élie Reclus.  
E. De Roberty.  
Clémence Royer.  
L. Tolstoi.  
E. Vandervelde.  
Xavier de Carvalho.

Directeur : A. HAMON

Études de Sciences sociologiques, philosophiques, psychologiques, historiques, naturelles, etc.  
Contes, Vers, Théâtre, Critiques littéraire et artistique, etc.

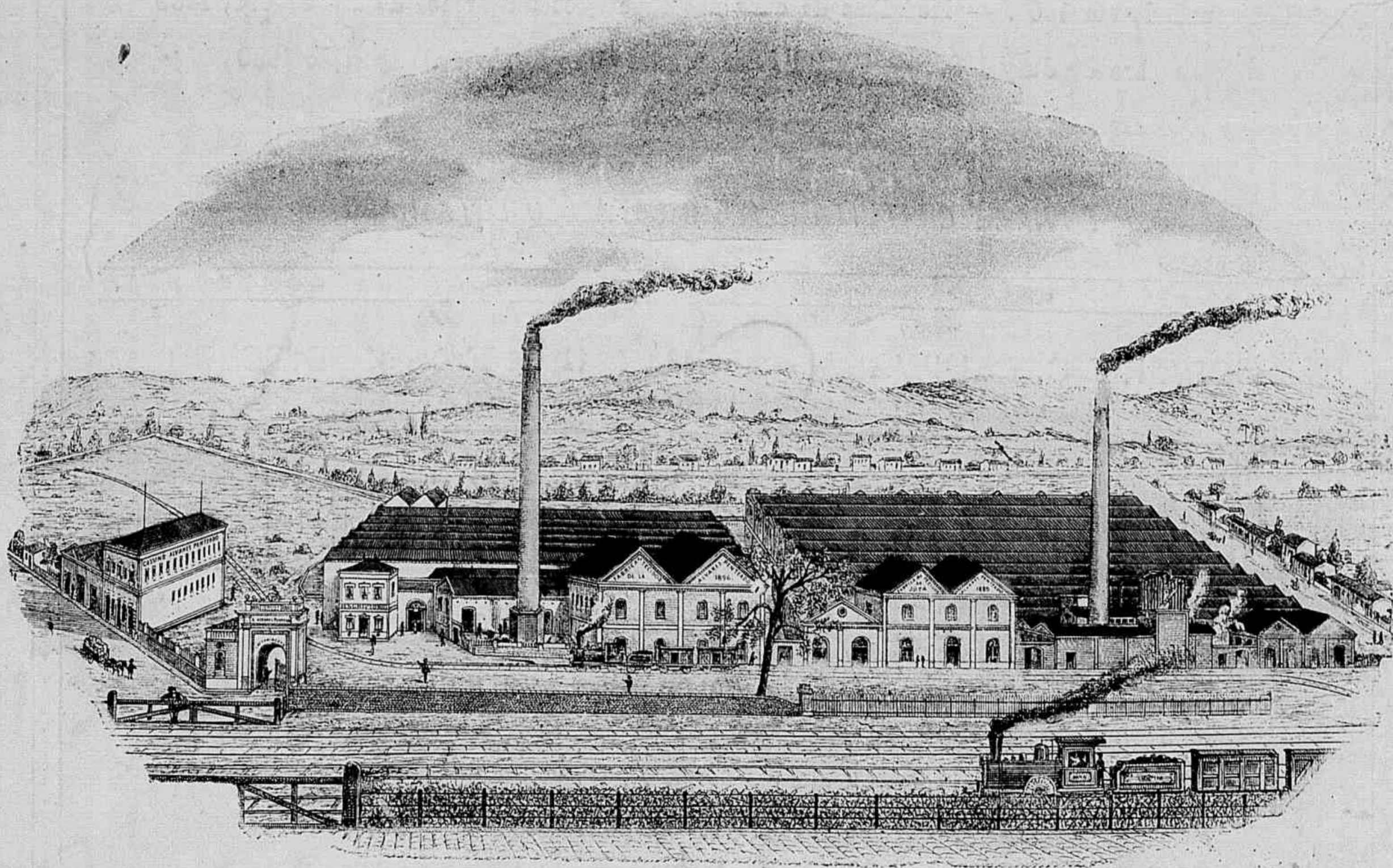
# FABRICAS DE TECIDOS

DE

## A. ALVARES PENTEADO

Rua Florida. ✱ SÃO-PAULO. ✱ Suburbio do Braz

*As maiores e as mais importantes do Brasil, rivalizando com as principaes fabricas européas*



### A FABRICA DE TECIDOS DE LÃ "PENTEADO"

Tem uma producção diaria de 4 a 5.000 metros de:

CACHEMIRAS, SARJAS,  
CHEVIOTES, DRAPS, PANNOS, FLANELLAS, COBERTORES, etc.

Cores garantidas e fixas pelos  
mais aperfeicoados processos da tinturaria chimica.

### A FABRICA DE TECIDOS DE JUTA "SANTA-ANNA"

Fabrica diariamente de 60 a 70.000 metros de:

ANIAGEM PARA SACCOS DE CAFÉ E CEREAS. ANIAGEM  
ESPECIAL PARA LENÇÓES DE CAFÉ

O mesmo tecido, superior e em cores para colxões  
e ontras applicações.

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA PARA O

Escriptorio Central : 57, Rua de São Bento, 57, SÃO-PAULO